

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Campus de Rio Claro

REINALDO TRONTO

**CULTURA E ESPAÇO:
IDENTIDADE E TERRITÓRIO NA FORMAÇÃO DE UM ARRANJO PRODUTIVO
LOCAL POTENCIAL EM SERTÃOZINHO-SP**

Rio Claro – SP
2008

REINALDO TRONTO

**CULTURA E ESPAÇO:
IDENTIDADE E TERRITÓRIO NA FORMAÇÃO DE UM ARRANJO PRODUTIVO
LOCAL POTENCIAL EM SERTÃOZINHO-SP**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Geografia
da Universidade Estadual Paulista
– Organização do Espaço –
para a obtenção do Título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Bernadete A. Caprioglio Castro Oliveira

Rio Claro (SP)
2008

301.2 Tronto, Reinaldo
T854c Cultura e espaço : identidade e território na formação de
um arranjo produtivo local potencial em Sertãozinho-SP /
Reinaldo Tronto. - Rio Claro: [s.n.], 2009
165 f. : il., figs., quadros, fots., tabs., mapas

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Orientador: Bernadete Aparecida Caprioglio Castro
Oliveira

1. Cultura. 2. Ideologia. 3. Indústria. 4. Agroindústria. 5.
Cana-de-açúcar. 6. Sucoalcooleira. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

Título em inglês: Culture and space: identity and territory in the one formation local
productive arrangement in Sertãozinho-SP

Área de concentração: Organização do espaço

Titulação: Mestre em Geografia

Banca examinadora: Prof. Dr. Elson Luciano Pires

Prof. Dr. Fábio Kazuo Ocada

Data da defesa: 29/10/2008

Programa de Pós-graduação: Pós-graduação em Geografia

Comissão Examinadora

Profa. Dra. Bernadete Aparecida Caprioglio Castro Oliveira (Orientadora)

Prof. Dr. Elson Luciano Pires (Titular)

Prof. Dr. Fábio Kazuo Ocada (Titular)

Prof. Dra. Silvia Aparecida Ortigoza (Suplente)

Prof. Dr. Pedro Geraldo Tosi (Suplente)

Aluno: Reinaldo Tronto

Rio Claro, ____ de _____ de _____

Resultado: _____

Ao Olavo;
Aos meus pais;
À Rosana e à Letícia;
À professora Bernadete;
Aos inquietos com as coisas;
A todos os que lutam por um mundo novo.

In memoriam

de Sebastião Meireles de Paula;
dos dez trabalhadores mortos em 2008 nas indústrias de Sertãozinho¹;
dos mortos no Iraque, no Afeganistão, na África;
dos mortos no Líbano, no Haiti, na Indonésia;
dos mortos pela fome, miséria, criminalidade e todas as formas de exclusão existentes.

¹ Dados de 2008 até o mês de julho, segundo o setor de Segurança do Trabalho da Vigilância Sanitária e Epidemiológica da Prefeitura Municipal de Sertãozinho.

Agradecimentos

Meus pais, meus maiores incentivadores.

Rosana, Letícia e Olavo, por entenderem, quase sempre, minha ausência.

Profa. Bernadete, por acreditar em mim e me motivar sempre, pela paciência e dedicação.

Meus irmãos Paulo e Miriam, por entenderem minha ausência.

Amigo Davi, sempre pronto a atender às necessidades dos amigos.

Compadre Tião Macedo, por permitir o acesso à sua biblioteca particular.

Mirlei e Amanda, sempre solidários e companheiros.

Adriano, pelas incansáveis e inúmeras conversas sobre nossas pesquisas, nossa cidade, nossa atuação como educadores – sobre o mundo!

Professores Auro e Sílvia, por fazerem de suas disciplinas espaços de constantes debates e inúmeras contribuições.

MST, pelas cooperações e pela oportunidade de minha docência no curso de Agroecologia
Escolas São Luís, Quarup e COC Lafaiete, Editora COC e PVC Paulo Freire, pela compreensão.

Meus alunos, por permitirem, nessa breve e rica caminhada docente, trocas fantásticas de conhecimentos e experiências e, acima de tudo, de desafios.

Grupo de pesquisa Patrimônio Cultural e Território, pelas aprendizagens coletivas.

Pessoal do D' Paula, pela paciência na minha “concorrência” para usar os computadores, a impressora e a Internet.

Mariana e Álvaro, meu agradecimento talvez tardio, mas não menos importante.

Panela, amigo, grande estudioso e mestre da Geografia.

Renatinho, Marquinhos, Muriel, Renato, Marcos, Lao, Débora: sobreviventes!

Amiga Aline, presente em grande parte dessa minha caminhada.

Tiago, amigo que retorna em boa hora.

A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata. (...). Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras.

(...)

A cidade aparece como um todo no qual nenhum desejo é desperdiçado e do qual você faz parte, e, uma vez que aqui se goza tudo o que não se goza em outros lugares, não resta nada além de residir nesse desejo e se satisfazer.

Ítalo Calvino, As cidades invisíveis

Resumo

O desenvolvimento endógeno tem sido estudado de forma crescente na atualidade, não por ineditismo, mas pela importância crescente que tem recebido pelos agentes hegemônicos ou não que comandam e/ou participam do estágio atual do processo de globalização.

Os territórios se articulam em processos de cooperação e concorrência para emitir ou receber e comandar ou obedecer aos vetores da globalização. Criam internamente e em redes de territórios, as condições favoráveis à produção e reprodução da globalização hegemônica. Criam, portanto as condições territoriais exigidas para a reprodução do grande capital e do capital local.

Internamente, os territórios se organizam espacial, social, cultural, política e economicamente para garantir ao capital local e externo estabilidade e segurança para a sua reprodução: a organização espacial que garante a produção, distribuição, circulação e consumo; a organização social que permite a dominação de uma classe hegemônica sobre as demais; a organização cultural ideológica que garante ocultar a exploração de uma classe sobre as demais, ou que mascara as relações entre classes; a organização política que garante a estabilidade formal (legal) e informal para a produção e reprodução segundo os interesses da classe dominante; a organização econômica garante a reprodução do capital que favorece as grandes empresas localmente instaladas ou que mantém relações com esse território.

O município de Sertãozinho, enquanto território, apresenta uma organização interna muito em controlada pela elite local, condição que permite uma quase inexistência de conflitos nas relações entre classes sociais, entre grandes empresas e micros e pequenas empresas, entre grupos políticos de naturezas antagônicas.

A elite local tem se apropriado de uma cultura histórica e hegemonicamente produzida por elites pretérita e atual, para manipularem elementos e traços culturais de forma a produção de uma identidade (induzida) fortemente carregada de ideologia(s).

Palavras-chave: cultura; identidade; ideologia, território, arranjo produtivo local, cana-de-açúcar, indústria, Sertãozinho

Abstract

The endogenous development has been studied of increasing form in the present time, not for ineditismo, but for the increasing importance that has received for the hegemonic agents or not that they command and/or they participate of the current period of training of the globalization process. The territories if articulate in processes of cooperation and competition to emit or to receive and to command or to obey the vectors of the globalization. They create internally and in nets of territories, the conditions favorable to the production and reproduction of the hegemonic globalization. They create, therefore the demanded territorial conditions for the reproduction of the great capital and the local capital. Internally, the territories if organize space, social, cultural, politics and economically to guarantee to the local capital and external stability and security for its reproduction: the space organization that guarantees the production, distribution, circulation and consumption; the social organization that allows the domination of a hegemonic classroom on excessively; ideological the cultural organization that guarantees to occult the exploration of a classroom on excessively, or that it masks the relations between classrooms; the organization politics that according to guarantees the formal stability (legal) and informal for the production and reproduction interests of the ruling class; the economic organization guarantees the reproduction of the capital that favors the great companies local installed or that it keeps relations with this territory. The city of Sertãozinho, while territory, very presents an internal organization in controlled for the local elite, condition that almost allows an inexistence of conflicts in the relations between social classrooms, great companies and microns and small companies, between groups politicians of antagonistic natures. The local elite has if appropriate of a historical culture and hegemonically produced by the elites past and current, to manipulate elements and cultural traces of form the production of an identity (induced) strong loaded of ideology (s).

Keyword: culture; identity; ideology, territory, local productive arrangement, sugar cane-of-sugar, industry, Sertãozinho

Lista de Fotos

Foto 1.1 – Lavoura de cana-de-açúcar no município de Sertãozinho.	41
Foto 1.2 – Usina Santo Antônio, do Grupo Balbo	45
Foto 1.3 – Vista parcial dos barracões da antiga Zanini.....	48
Foto 1.4 – Indústrias características das últimas décadas.....	49
Foto 1.5 – Símbolo da DZ, fusão Dedini-Zanini.....	55
Foto 2.1 – Paisagem agrícola canavieira típica da região de Ribeirão Preto.....	61
Foto 2.2 – Trabalhadores do corte de cana no município de Sertãozinho.....	69
Foto 2.3 – Usina São Francisco.....	70
Foto 2.4 – Antigo prédio da Zanini.	71
Foto 2.5 – Rodovia Armando de Salles Oliveira.....	73
Foto 3.1 – Brasão do município de Sertãozinho.....	87
Foto 3.2 – Vista parcial do Salão da Cana (parte do museu da Cana).....	88
Foto 3.3 – Outdoor de divulgação da FestCana.....	88
Foto 3.4 – Grafite com exaltação do trabalhador.	89
Foto 3.5 – Igreja Matriz.....	92
Foto 3.6 – Vista parcial da usina Santo Antônio	92
Foto 3.7 – Propaganda de Sertãozinho na entrada da cidade.	93
Foto 3.8 – Propaganda da energia em duplo sentido:.....	94
Foto 3.9 – Complexo Savegnago.....	95
Foto 3.10 – Propaganda do carnaval promovido pela PM de Sertãozinho.....	96
Foto 3.11 – Logomarca da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer.....	97
Foto 4.1 – Apropriação do espaço público	103
Foto 4.2 – Trabalhador do corte da cana.	108
Foto 4.3 – Muro da indústria Saran.	108
Foto 4.4 – Pintura no salão da Cana.	109
Foto 4.5 – Pódio feminino da 1ª Corrida de Rua “Maria Zeferina Baldaia”, em 2008.	110
Foto 4.6 – Subcontratação:	113
Foto 4.7 – Centro de Lazer do Trabalhador “Silvério Selli”.....	117
Foto 4.8 – Time do Sertãozinho F.C.	118
Foto 4.9 – Vista parcial da entrada do estádio municipal “Frederico Dalmaso”.....	119
Foto 4.10 – Vista parcial do interior de uma fábrica em Sertãozinho.....	120
Foto 5.1 – Vista parcial da Incubadora Empresarial de Sertãozinho.....	126
Foto 5.2 – Vista parcial do Distrito Industrial II.	127
Foto 5.3 – Instalação industrial em fase final de construção.....	127
Foto 5.4 – Outdoor de comemoração aos 111 anos da cidade.	132
Foto 5.5 – Vista parcial da entrada da Fenasucro 2008.....	133
Foto 5.6 – Vista parcial da Forind 2008.	133
Foto 5.7 – Forind 2008.	134
Foto 5.8 – Uma das unidades da Tecnosert.....	135
Foto 5.9 – Unidade da Escola Móvel do Senai.....	136
Foto 5.10 – Novo prédio do Cefet	136
Foto 5.11 – Turbina fabricada pela TGM.....	137
Foto 6.1 – Unidade da Dedini em Sertãozinho.....	145

Lista de Figuras

Figura 3.1 – Capa da revista em quadrinhos da Turma do Bacaninha.	90
Figura 3.2 – Logo da Prefeitura Municipal de Sertãozinho em 2008.....	95
Figura 3.3 – Símbolo da 1ª Olimpíada do Comércio de Sertãozinho-SP.....	96
Figura 3.4 – Panfleto do aniversário do supermercado Copercana.	98
Figura 4.1 – Escudo e mascote do Sertãozinho F.C.	119
Figura 5.1 – Genealogia Industrial e Empresarial de Sertãozinho	129
Figura 6.1 – Organograma das instituições envolvidas no desenvolvimento local de Sertãozinho	148
Figura 6.2 – Atores locais e externos do APL potencial de Sertãozinho	152

Lista de Gráficos

Gráfico 1.1	42
-------------------	----

Lista de Mapas

Mapa 1.1 – Regiões Administrativas e Metropolitanas do Estado de São Paulo.....	28
Mapa 1.2 – Região Administrativa de Ribeirão Preto.....	29

Lista de Tabelas

Tabela 1.1 – Cinco maiores produções e áreas agrícolas do município de Sertãozinho – 2006	30
Tabela 1.2 – População e superfície dos municípios da Região Administrativa de Ribeirão Preto.....	31
Tabela 1.3 – Evolução da população de Sertãozinho	42
Tabela 2.1 – Divisão Regional do Trabalho na RA de Ribeirão Preto-SP – Municípios selecionados.....	62
Tabela 2.2 – Valor adicionado da agropecuária (em milhões de reais correntes) – 2003	63
Tabela 2.3 – Participação da agropecuária no total do valor adicionado (em %) – 2003	64
Tabela 2.4 – Número de estabelecimentos da agropecuária – 2003.....	66
Tabela 2.5 – Proporção dos estabelecimentos agropecuários no total – 2003	67
Tabela 2.6 – Participação dos vínculos empregatícios (em %) – 2004	74
Tabela 2.7 – Rendimento médio nos vínculos empregatícios (em reais) – 2004	75
Tabela 2.8 – Participação no valor do total adicionado (em %) – 2004.....	76
Tabela 3.1 – Entrada de imigrantes e trabalhadores nacionais em Sertãozinho – 1901-1940 .	79

Lista de Quadros

Quadro 1.1 – Fundação e situação atual dos principais engenhos, usinas e destilarias em Sertãozinho	43
Quadro 1.2 – Joint ventures ou aquisição de tecnologia pela Zanini ou afiliadas.....	51
Quadro 1.3 – Período de fundação das empresas sertanezinhas existentes ligadas ao setor sucroalcooleiro	56
Quadro 1.4 – Periodização do município de Sertãozinho	58
Quadro 3.1 – Festividades ou eventos realizados em Sertãozinho.....	91
Quadro 3.2 – Origem étnica das famílias fundadoras e/ou controladoras das principais empresas agroindustriais canavieiras de Sertãozinho.....	101
Quadro 5.1 – Instituições de ensino em Sertãozinho – Nível de qualificação e ano de fundação	135
Quadro 5.2 – Sertãozinho: infraestrutura institucional.....	140
Quadro 6.1 – Arranjo Produtivo Local Potencial de Sertãozinho: características gerais.....	150

Sumário

Introdução.....	16
A produção do espaço: Sertãozinho	27
1.1. Formação histórica	32
1.2. A formação socioespacial.....	36
1.2.1. O período cafeeiro	37
1.2.2. Policultura e minifundiarização.....	39
1.2.3. O período canavieiro	39
1.2.4. A industrialização de Sertãozinho	44
1.2.5. Nova industrialização? Uma aglomeração de empresas com tendência de formação de um APL.....	53
A especialização produtiva na região de Ribeirão Preto e em Sertãozinho	59
2.1. A especialização agroindustrial canavieira da região de Ribeirão Preto.....	60
2.2. A especialização industrial de Sertãozinho	70
A produção de uma cultura hegemônica	77
3.1. A cultura enquanto ideologia.....	81
3.2. O imigrante italiano em Sertãozinho	98
A ideologia do trabalho: algumas representações	102
4.1. Eficácias da ideologia do trabalho em Sertãozinho.....	107
4.2. Os novos espaços das relações sociais	114
4.2.1. Quais são os espaços das relações sociais? E onde estão?	116
Formação de um arranjo produtivo local potencial ou precoce em Sertãozinho.....	121
Formação de um APL precoce ou potencial?.....	141
Considerações finais	154
Anexo 1	158
Bibliografia.....	161

A pesquisa e o pesquisador

A pesquisa é um pouco do pesquisador. É um pouco o pesquisador. Sua vida! A pesquisa apresentada é parte das indagações e inquietações de um cidadão que viveu e vive a exclusão urbana direta e indireta, como agente e como sujeito, como mero cidadão, educador e pesquisador.

A infância em uma família humilde e de poucos recursos, de origem rural e semi-analfabeta, de pouca “cultura”, proporcionou uma carência instrumental e de recursos, mas trouxe inquietações, insatisfações e indagações.

Na adolescência, duas transformações radicais mudaram minha forma de ler o mundo. Primeiramente, a conversão de meus pais ao protestantismo pentecostal me privou de grande parte dos instrumentos e recursos alienantes do mundo do consumo e da cultura de massa. Não que a religião não aliene, mas também me privei da religião e não me “converti”. A privação da televisão me proporcionou o ócio necessário para as reflexões mais “fúteis” e complexas possíveis.

A segunda grande transformação não foi singular à minha família. A crise brasileira nas décadas de 1980 e 1990, com a recessão econômica e o desemprego, atingiu minha família e nos legou uma nova e intensiva escassez: a dos recursos proporcionados pelo capital. Essa nova condição me fez mergulhar nas reflexões sociais marxistas, sem leitura ou conhecimento diretos sobre a obra de Marx – mas experimentando as “condições de existência” necessárias a uma certa consciência sobre a realidade vivida.

As aulas de geografia do Ensino Fundamental, nesse período, foram estimulantes. Ora pela professora Hortênci, uma “militante” da educação – coisa cada vez mais rara nos dias de hoje –, ora pelo livro didático – do autor Melhem Adas – e a leitura reflexivo-crítica feita por essa professora. A privação do lazer comum aos adolescentes da época, o não acesso à televisão e a escassez financeira me fizeram mergulhar em pensamentos revoltosos e revolucionários.

No Ensino Médio técnico, apenas os anos iniciais ofereciam as disciplinas de Humanidades e, nesses anos, despontou em mim um interesse fervoroso por essas aulas e disciplinas. Elas eram a válvula de escape para quem estava cursando Ensino Médio técnico em Exatas, mas que tinha “vocação” para as Ciências Sociais. Nos dois anos seguintes, dediquei-me a “leituras geográficas” de livros didáticos usados, doados por amigos de meus pais. E uma contribuição merece especial destaque: um amigo de sala – Rosenberg –

começou a fazer cursinho para “prestar” vestibular para Geografia e me trazia muitos materiais de Humanidades. Foi outra fonte de leituras.

Terminado o curso técnico, comecei a trabalhar e não dei continuidade aos estudos. Um ano e meio trabalhando e as indagações e inquietações foram também ganhando força no ambiente de trabalho. A “moralidade empresarial”, a exploração intensiva praticada pela empresa e a relação patrão-empregado foram “combustível” suficiente para as reflexões marxistas sobre as relações de trabalho.

Sob o incentivo ferrenho de meu pai, retornei aos estudos em um cursinho preparatório para vestibular – trabalhava durante o dia e estudava à noite, no horário de almoço e de viagem para Ribeirão Preto, nos finais de semana e nos feriados. Dois meses de aula e um professor neoliberal que lecionava Geografia – Hérbis – levou-me de volta a esta disciplina. Sua visão de mundo, seu pensamento geográfico e sua opinião sobre as transformações correntes no Brasil da época – primeiro governo Fernando Henrique Cardoso – instigavam-me como opositor (na ação limitada do pensar). Assumo que era uma oposição passiva (!), mas que me levou formalmente às Ciências Sociais. Para fazer justiça, suas aulas eram instigantes, o que me direcionou à Geografia, e não a outra Ciência Social.

Na universidade, durante a pesquisa para a monografia de conclusão de curso, intitulada *Globalização e transformações no lugar: a especialização produtiva de Sertãozinho-SP*, busquei muitas respostas para os questionamentos que tinha em relação a Sertãozinho. Mas as limitações intelectuais e a pequena maturidade acadêmica – ainda em construção – não permitiram respostas a grande parte de minhas inquietações. A oportunidade desta dissertação se colocou, então, como um grande desafio na busca de uma análise mais aprofundada sobre Sertãozinho e sua formação socioespacial.

Introdução

A proposta de pesquisar Sertãozinho nasceu bem antes do curso de mestrado. Já na graduação eu tinha algumas preocupações com relação ao estudo e à análise de Sertãozinho e, naquela ocasião, desenvolvi o trabalho de conclusão de curso (TCC) sob o título *Globalização e transformações no lugar: a especialização produtiva de Sertãozinho-SP*. Nesse trabalho, analisei as transformações ocorridas no sistema produtivo sucroalcooleiro no Brasil, decorrentes da implantação da política neoliberal neste país (abertura comercial, desregulamentação e internacionalização da economia brasileira) e das mudanças ocorridas nos territórios das regiões canavieiras. Meu objeto de análise foi Sertãozinho, espaço que já se mostrava como um dos articuladores desse importante setor da economia brasileira. Esse município se mostrava também como um dos lugares dinâmicos da modernização econômica, administrativa e tecnológica dentro do setor sucroalcooleiro ao especializar-se na fabricação de sistemas, processos, equipamentos e máquinas para usinas, destilarias e agricultura canavieira.

A pesquisa atual tenta aprofundar algumas preocupações não “resolvidas” na pesquisa anterior, bem como apresenta novos elementos para a análise de Sertãozinho: a cultura, a ideologia, a identidade (induzida), o projeto local, o bloco histórico local, o território, a inovação, a aglomeração de indústrias e empresas.

Da pesquisa anterior para a pesquisa atual, intensificaram-se minhas inquietações com relação ao município. Tem-se apontado esse município como hegemônico no funcionamento da região canavieira brasileira e da economia sucroalcooleira nacional. Esse pioneirismo de Sertãozinho tem promovido sua abertura para as inovações trazidas pelo processo de globalização, e é aí que encontramos um arranjo de fatores locais e externos que reclamam, por um lado, o projeto externo (mundial) e, por outro, o projeto hegemônico local.

O município de Sertãozinho é entendido, então, como um projeto particular e específico, elaborado e implementado pela elite local, que aproveita as possibilidades das virtualidades entre mundo e região. Obviamente, esse projeto e o local não negam o projeto mundial (globalização); apenas adaptam a globalização às condições positivas do local: potencializam as virtualidades locais para reproduzir a globalização e valorizam as especificidades do local para torná-lo diferenciado dos demais.

Sertãozinho pode ser percebido, desde os primórdios de sua ocupação (a partir de 1850) e produção (a partir de 1900), como espaço. Daí sua importância como território

hegemônico para a economia sucroalcooleira nacional: agrário-agrícola num primeiro momento e industrial-terciária na atualidade.

A importância de Sertãozinho para o Proálcool, para a reestruturação do setor sucroalcooleiro e para a atual conjuntura do etanol no Brasil é apontada por vários autores e pesquisadores. Na imprensa profissional nacional, Sertãozinho tem merecido destaque há pelo menos quatro décadas (a partir do Proálcool): em programas de televisão (*Jornal Nacional, Jornal da Band, Globo Repórter, Fantástico*), revistas (*Exame, Veja, IstoÉ, Senhor*) e jornais (*Gazeta Mercantil, Folha de S. Paulo, Estado de S. Paulo*). No meio político, Sertãozinho tem tido expressão nacional, quer pelos políticos (ex-deputado e ex-senador Amaral Furlan e ex-deputado Waldir A. Trigo), quer pelos sindicalistas (Élio Candido e Guerreiro, diretores da Força Sindical estadual e nacional), quer pelos empresários (Carlos Liboni, vice-presidente da Fiesp; Antônio Toniello, presidente do sistema Copercana-Canaoeste-Cocred), quer pelos eventos que ocorrem nesse município (a Fenasucro-Agrocana, feiras internacionais; o uso da Zanini S.A. Equipamentos Pesados como uma das indústrias de fabricação de usinas que funcionaram como pilares para o lançamento do Proálcool; a realização anual do Fórum Nacional em Defesa do Álcool; as visitas dos presidentes da República Figueiredo e Lula às indústrias locais Zanini e Santa Elisa, respectivamente; o lançamento de protótipos de tecnologia, como a frota de caminhões a álcool para usina, as plantas de geração de energia a partir da queima do bagaço, entre outros).

O estudo e a compreensão de Sertãozinho pode conduzir, portanto, ao entendimento de sua dinâmica, como território, e de sua participação no funcionamento do espaço-mundo e do tempo-mundo. “O grande desafio (...) é o entendimento das novas estruturas econômicas e políticas que, organizadas à escala do planeta, estão criando um verdadeiro novo mundo, do qual um dos aspectos marcantes são as novas configurações espaciais” (SANTOS, In BENKO, 1995, p.9). A preocupação desse autor corrobora a ideia de que as estruturas econômicas e políticas permitem compreender a organização dos espaços em suas diferentes escalas de análise. Da mesma forma, é o entendimento da organização e do funcionamento do espaço em interação com a dinâmica que move o mundo – seu movimento – que permite a compreensão do mundo atual.

Essa importância que se vê em Sertãozinho foi apontada no estudo de Ianni:

Sertãozinho me parece um Município particularmente importante para o estudo da história social da sociedade agrária. Ele entrou provavelmente duas vezes na vanguarda da expansão capitalista que vem ocorrendo no mundo agrário brasileiro desde a Abolição da Escravatura. Na primeira vez, ele entrou no desenvolvimento da cafeicultura baseada no trabalhador livre, principalmente o imigrante de origem

italiana. Na segunda, ele entrou no desenvolvimento da agroindústria açucareira, que ganhou ainda maior impulso com o aumento da participação do açúcar brasileiro no comércio internacional. Além disso, a policultura do período de transição entre a cafeicultura e a agroindústria açucareira também apresenta peculiaridades de interesse para a história do capitalismo na sociedade agrária. (IANNI, 1977, p.3)

Em nosso estudo apontaria mais dois momentos onde Sertãozinho se apresenta na vanguarda: o período de crise e reestruturação econômica (décadas de 1980 e 1990: neoliberalismo) e o atual *boom* dos biocombustíveis. A globalização enquanto processo e período histórico corresponde à história “recente” da sociedade mundial: história construída nos últimos cinco séculos, a partir das descobertas e invenções que permitiram não apenas o pensar, mas principalmente a ação do indivíduo. Estado e empresas mostram diferentes formas de associação, de acordo com períodos distintos da história. As grandes navegações, a “descoberta” e dominação de novos continentes e regiões e a invenção de novos equipamentos permitiram o entendimento do planeta enquanto mundo, enquanto todo, enquanto espaços (subespaços) interconectados e interdependentes entre si. Essas novas condições materiais e imateriais foram fundadoras de um conjunto de possibilidades para uma maior integração e interação entre as “partes”, territórios e povos do sistema-mundo, que apresenta características bem particulares do período histórico analisado por muitos como modernidade. Propõe Chesnaux:

No final de contas, pois, é a sua globalidade simultaneamente estrutural e planetária que define a modernidade no fim do século XX como um momento singular. Esta, portanto, é a mutação fundamental realizada pela modernidade: com a mundialização da economia, o tecnocosmo, a internacionalização da vida social, cria-se um sistema global sem equivalente na história da humanidade. Momento histórico singular: a modernidade-mundo impôs também sua singularidade à reflexão histórica e ao saber histórico. (CHESNAUX, 1989, p.196, 198 e 199, In IANNI, 1995, p.165)

Esse sistema-mundo ou essa modernidade-mundo, ou simplesmente a globalização, a mundialização, tem como base, partida, meio e chegada a lógica hegemônica da economia neoliberal mundializada, motor da produção em curso na atualidade desse mundo novo. E a análise temporal e espacial para seu entendimento passa a ser obrigatória e essencial, nas palavras de Ianni:

Boa parte das produções e controvérsias sobre a modernidade-nação, assim como a modernidade-mundo, coloca o tempo e o espaço como categorias essenciais, sempre presentes na filosofia, ciência e arte. A modernidade, enquanto modo de ser de coisas, gentes e ideias, sempre envolve essas categorias. Elas permitem articular a historicidade e a territorialidade, a biografia e a história, o território e o planeta, a continuidade e a descontinuidade, a sincronia e a diacronia, a multiplicidade dos espaços e a pluralidade dos tempos, a comunidade e a sociedade, a evolução e o

progresso, a complementaridade e a antinomia, a reforma e a evolução, o norte e o sul, o leste e o oeste, o centro e a periferia, o Ocidente e o Oriente, o eu e o outro, o local e o global, o mágico e o fantástico. (IANNI, 1995, p.165-166)

A globalização aparece como a grande novidade – “o fantástico” – a partir da segunda metade do século XX. As inovações técnico-científico-informacionais possibilitaram o pensar e o agir instantaneamente em nosso planeta, concebendo-o como todo, global, articulado, por mais que nesse todo existam inúmeros espaços e agrupamentos humanos excluídos para a economia e a modernidade hegemônicas. E são as intencionalidades dessa economia mundializada que se apropriam das condições materiais – sistemas técnicos – e imateriais – sistemas de ações – e permitem a seletividade de territórios e suas participações mais ou menos ativas nesse processo.

Nesses cinco séculos de história, o homem conquistou, com velocidade e ritmo muito elevados, grandes avanços científicos, o que permitiu tudo conhecer e com tudo se relacionar. E, conforme o conhecimento científico foi-se acumulando, maiores se tornaram a intensidade e a velocidade das transformações. Por isso, quanto mais recentes as descobertas, maior a intensidade dos impactos que elas causam nas sociedades e no espaço mundial, este último denominado, por Milton Santos, como meio técnico-científico-informacional, condição e produto para a produção do estágio ou período atual da globalização e de suas realizações nos territórios.

A globalização constitui o estágio supremo da internacionalização, a ampliação em “sistema-mundo” de todos os lugares e de todos os indivíduos, embora em graus diversos. Trata-se de uma nova fase da história humana. Cada época se caracteriza pelo aparecimento de um conjunto de novas possibilidades concretas, que modificam equilíbrios preexistentes e procuram impor sua lei (...). Como qualquer totalidade, a globalização só se exprime por meio de suas funcionalizações. Uma delas é o espaço geográfico (...). A cada época, novos objetos e novas ações vêm juntar-se às outras, modificando o todo, tanto informal quanto substancial. (SANTOS, 1996, p.9)

A globalização, apesar de ser um processo mundial, não ocorre com a mesma intensidade em todos os locais do espaço mundial. De fato, não existe a globalização do espaço (mundial), e sim espaços da globalização. As localidades – e não todas – recebem os vetores da globalização com maior ou menor intensidade, resistem mais ou menos a esses vetores e, portanto, globalizam-se de forma bastante diversa.

Sertãozinho, enquanto localidade, mostra-se integrada aos vetores da modernidade globalizante. Já na época de sua fundação, no início do século passado, apresentava-se como

parte da região cafeeira de Ribeirão Preto. Com o desenvolvimento da economia canavieira, principalmente após o Programa Nacional do Alcool (Proálcool), pós-1970, esse lugar ganhou vida própria e sua integração à economia nacional e mundial se deu sem intermediação do centro regional representado pelo município de Ribeirão Preto.

A formação socioespacial de Sertãozinho e os empreendimentos, negócios e eventos ali produzidos colocam a economia local e seus agentes hegemônicos em uma posição de comando no setor sucroalcooleiro nacional e mundial. A “conquista” da autonomia² e a ação pró-ativa fazem parte do projeto hegemônico empreendido pela elite local com o objetivo de diferenciar e potencializar o município, o que o compõe e as atividades econômicas ali produzidas.

Dentro de uma rede urbana regional (Ribeirão Preto), de uma divisão regional do trabalho (região canavieira de São Paulo) e de uma economia-espacial da cana-de-açúcar no Brasil, Sertãozinho impõe-se como município dinâmico, autônomo e de atuação hegemônica.

O tipo e a intensidade da inserção dos territórios nas redes e regiões mudam conforme mudam essas redes e regiões em função das transformações na economia globalizada e conforme mudam historicamente as configurações espaciais e sociais. Bernadelli (2006) aponta essas transformações que ocorrem em relação às mudanças na inserção das cidades e defende que essas mudanças podem ser ocasionadas por iniciativas públicas ou privadas:

As cidades, no decorrer do processo histórico, sofrem transformações e a própria inserção na rede urbana pode se alterar. Isso pode ocorrer tanto de iniciativas públicas (incentivos de diferentes naturezas, portes e com repercussões também diversas) como privadas (abertura e/ou reforço de empreendimentos capitalistas). (BERNADELLI, 2006, p.228)

Neste estudo, entende-se que as iniciativas privadas são hegemônicas na busca de uma inserção externa mais ativa de Sertãozinho. O poder público local ou foi parte desse processo (trazido a reboque e com atuação bastante tímida) ou assistiu a uma governança territorial corporativa (das empresas). Só recentemente o poder público tem-se inserido mais efetivamente, mas muito mais com uma ação do ponto de vista eleitoral (eleitoreira) do que um agente de coordenação ou de proposição do desenvolvimento local.

² Autonomia em relação a Ribeirão Preto, no que se refere à divisão regional do trabalho, e a Piracicaba, no que se refere ao território canavieiro paulista e nacional. Ribeirão Preto foi o centro regional e nacional da economia cafeeira em seu auge, no início do século passado; Piracicaba foi o centro político e econômico estadual e nacional da economia canavieira durante sua expansão em São Paulo, no século passado. Com o acelerado desenvolvimento econômico e industrial de Sertãozinho, a partir do Proálcool (década de 1970), este município conquistou autonomia em relação a Ribeirão Preto e passou a rivalizar com Piracicaba como centro hegemônico do setor canavieiro nacional.

A atuação nacional e internacional da extinta Zanini, a realização da Fenasucro-Agrocana e da Forind, a participação política de alguns empresários em sindicatos e associações estaduais e nacionais e nos governos municipal, estadual e nacional, o relacionamento bastante estreito com algumas universidades e centros de pesquisa públicos e privados e, principalmente, a escala de ação territorial das empresas ali localizadas são alguns exemplos das redes de poder nas quais Sertãozinho tem-se inserido nas últimas décadas.

Essas condições ou possibilidades ligam o município diretamente ao processo de mundialização do capital – a globalização econômica. Recebendo e emitindo diretamente vetores hegemônicos dessa nova economia mundial, os agentes locais constroem sua territorialidade, ou permite uma relação ativa de aceitação e/ou de resistência ao externo, ao global. Segundo Hall (2005), é a identidade o elo na relação conflituosa entre o local e o global:

Em certa medida, o que está sendo discutido é a tensão entre o “global” e o “local” na transformação das identidades. As identidades nacionais, como vimos, representam vínculos a lugares, eventos, símbolos, histórias particulares, elas representam o que algumas vezes é chamado de uma forma particularista de vínculo ou pertencimento. (HALL, 2005, p.76)

Essa definição de Hall apresenta grande parte das questões que colocamos em relação a Sertãozinho e a sua formação socioespacial: sua produção; os fatores internos, os fatores “estranhos” ao território e a relação entre todos eles; as questões espaciais, culturais e econômicas em uma forte interação de competição e de cooperação; a história econômica e a formação socioespacial; a produção de cultura e identidade ideologizadas; o desenvolvimento local; e a formação de um arranjo produtivo local potencial ou precoce. Aqui, nosso entendimento da formação socioespacial e de suas relações com o externo ratifica as afirmações de Santos (1977):

Cada combinação de formas espaciais e de técnicas correspondentes constitui o atributo produtivo de um espaço, sua virtualidade e limitação. A função da forma espacial depende da distribuição, a cada momento histórico, sobre o espaço total da totalidade das funções que uma formação social é chamada a realizar. Essa redistribuição-relocalização deve tanto às heranças, notadamente o espaço organizado, como ao atual, ao presente, representado pela ação do modo de produção ou de um de seus momentos. (SANTOS, 1977, p.89)

A interação entre os fatores territorialmente localizados e a sua relação com o mundo em produção (e com o capitalismo em curso) levam a uma necessidade de eleger as categorias mais adequadas para a análise de Sertãozinho. Do ponto de vista espacial geográfico, elegemos prioritária a categoria território.

Segundo o geógrafo Armando Correa da Silva, “o conjunto de categorias de uma ciência está relacionado ao objeto de conhecimento dessa ciência”. Sendo a geografia a ciência que apresenta o espaço geográfico e o espaço social como objetos de estudo, são várias as categorias de análise utilizadas por essa disciplina: espaço, território, paisagem, lugar, hábitat, região, cotidiano etc., mas, nesta análise, analisar-se-á a categoria território.

a) Território

A categoria território pode ser utilizada para a análise de Sertãozinho, dada a dimensão política do objeto a ser estudado. Para Maurício J. L. de Souza, “o território (...) é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir das relações de poder” (SOUZA, 1995, p.78). Esse autor afirma que o território “se define a partir de dois ingredientes, o espaço e o poder” (SOUZA, 1995, p.106).

Sertãozinho é entendido como território quando da análise das relações de poder entre empresas e dessas empresas nesse espaço. É também entendido como território na sua relação com outros espaços. Na primeira situação, consideramos as relações entre as classes sociais, entre as empresas, entre o público e o privado, entre as instituições de classe. Na segunda, consideramos as relações de Sertãozinho com outros espaços com os quais mantém relações: as relações das empresas e instituições ali instaladas com outras empresas e instituições instaladas em outros espaços; portanto também a relação desse território com outros territórios.

A nossa busca pelo entendimento da disputa de poder entre classes sociais em Sertãozinho encontrou um tensionamento muito fraco entre as classes sociais locais na atualidade³. Percebe-se localmente que o tensionamento presente é entre o sistema localizado de empresas e seus concorrentes instalados externamente. Internamente, na atualidade, esse é o “exercício de poder” realizado no território.

Outra condição que nos permite entender Sertãozinho como território é quando seus agentes o entendem como uma rede de relações ou um campo de força, como bem apresenta Souza:

³ Mas nem sempre foi assim. Nas décadas de 1980-1990, período das greves dos metalúrgicos, o enfrentamento era frequente entre os operários das fábricas e os patrões. Entretanto, na atualidade, com o “novo” sindicalismo de negociação, sindicato-trabalhadores e empresários caminham juntos e lutam por um mesmo projeto. Essa discussão será aprofundada mais à frente, na análise da cultura-ideologia do local e do trabalho.

O território será um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre “nós” (o grupo, os membros da coletividade ou comunidade, os *insiders*) e os “outros” (os de fora, os estranhos, os *outsiders*). (SOUZA, 1995, p.86)

Ora, percebemos em Sertãozinho várias dessas manifestações em relação ao território. A recepção de trabalhadores migrantes – principalmente agrícolas – e a sua inserção na sociedade são bastante dificultadas pelas relações socioeconômicas ali presentes e alicerçadas na cultura hegemônica local. Os fortes laços entre empresas ali instaladas e as “barreiras” que quem comanda esse território coloca para a entrada de empresas vindas de outros lugares são um outro exemplo a ser considerado. Na produção de uma cultura hegemônica fundamentada em um forte substrato ideológico da elite local, uma das intencionalidades é a questão da cultura como uma fronteira que limita a inserção territorial de grupos sociais e empresas “de fora”. Sobre a apropriação do território por um grupo, Souza destaca a questão cultural-simbólica:

Em qualquer circunstância, o território encerra a materialidade que constitui o fundamento mais imediato de sustento econômico e de identificação cultural de um grupo, descontadas as trocas com o exterior. O espaço social, delimitado e apropriado politicamente enquanto território de um grupo, é suporte material da existência e, mais ou menos fortemente, catalisador cultural-simbólico – e, nessa qualidade, indispensável fator de autonomia. (SOUZA, 1995, p.108)

Souza ainda afirma que, onde existe o espaço produzido pelo homem, onde o espaço é valorizado pelo trabalho, existe uma territorialidade e, portanto, um território. Nas suas palavras:

Sem dúvida, sempre que houver homem em interação com um espaço, primeiramente transformando a natureza (espaço natural) através do trabalho, e depois criando continuamente valor ao modificar e retrabalhar o espaço, o espaço social, estar-se-á também diante de um território, e não só de um espaço econômico: é inconcebível que um espaço que tenha sido alvo de valorização pelo trabalho possa deixar de estar territorializado por alguém. Assim como o poder é onipresente nas relações sociais, o território, outrossim, presente em toda a especialidade social – ao menos enquanto o homem também estiver presente. (SOUZA, 1995, p.96)

Para Souza, “o território não é o substrato, o espaço social em si, mas sim um campo de forças, as relações de poder espacialmente delimitadas e operando, destarte, sobre um substrato referencial” (SOUZA, 1995, p.97). Para ele, a territorialidade são as “relações de poder espacialmente delimitadas e operando sobre um substrato referencial” (SOUZA, 1995, p.99).

O fato de classes e grupos sociais antagônicos e rivais estarem “juntos” num mesmo projeto – nesse caso, de Sertãozinho – pode ser entendido pela questão da identidade e ideologia que fundamentam a cultura desse território. Essa cultura do território dá sustentação ao projeto que se estrutura e funciona na cooperação desses grupos e classes rivais. Um exemplo a ser considerado é a participação do Sindicato dos Metalúrgicos de Sertãozinho e Região, tradicionalmente o mais combativo de Sertãozinho, em vários eventos de promoção dos setores industriais sucroalcooleiro e mecânico ali instalados. Souza justifica essa participação coletiva:

Em todos os casos os atores se verão confrontados com necessidades que passam pela defesa de um território, enquanto expressão da manutenção de um modo de vida, de recursos vitais para a sobrevivência do grupo, de uma identidade ou da liberdade de ação. (SOUZA, 1995, p.109-110)

Para Milton Santos, “no plano local, o território, em si mesmo, constitui uma norma para o exercício das ações” (SANTOS, 1996, p.267). Sertãozinho é também pensado e usado como território em função da normatização de seu espaço e dos objetos e das ações ali localizados ou em interação com esse espaço. Essa normatização é tanto presente na lógica interna ao território quanto partindo desse território para seu exterior.

b) Ideologias, identidade e cultura

Também faremos uso das categorias ideologia e bloco histórico para o entendimento da identidade e da cultura locais produzidas hegemonicamente e determinantes na formação socioespacial de Sertãozinho.

Partimos da definição de cultura da filósofa Marilena Chauí, que afirma que “a cultura é constituída no momento em que os humanos determinam para si mesmos regras e normas de conduta que asseguram a existência e conservação da comunidade” (CHAUÍ, 2003, p.205).

A análise da cultura produzida em Sertãozinho por meio da interação entre uma cultura estranha, trazida pelos imigrantes, e uma cultura territorializada, produzida no curso da história desse município, permite entender a configuração espacial atual desse município e os processos que a determinaram. Permite também entender o papel da ideologia e do bloco histórico em sua produção. O primeiro é entendido como identidade e patrimônio cultural territorializados, por um lado, e como uma ideologia alienante das massas populares por meio de culto do trabalho, progresso e desenvolvimento industrial, por outro.

Segundo Chauí, em seu livro *O que é ideologia*:

A peculiaridade da ideologia e que a transforma numa força quase impossível de remover decorre dos seguintes aspectos:

1) o que torna a ideologia possível, isto é, a suposição de que as ideias existem em si e por si mesmas desde toda a eternidade, é a separação entre trabalho material e trabalho intelectual, ou seja, a separação entre trabalhadores e pensadores. Portanto, enquanto esses dois trabalhos estiverem separados, enquanto o trabalhador for aquele que “não pensa” ou que “não sabe pensar”, e o pensamento for aquele que não trabalha, a ideologia não perderá sua existência nem sua função. (CHAUÍ, 1992:86-88)

A discussão que apresentamos a seguir aponta, tanto na produção interna à empresa como na produção de Sertãozinho, uma alienação da grande massa dos trabalhadores e dos pobres que ali vivem. O projeto local lhes é oferecido pronto. Aos trabalhadores é permitida apenas a execução, sem questionamentos e sem alterações. E a autora continua, apontando um segundo argumento:

2) O que torna objetivamente possível a ideologia é o fenômeno da alienação, isto é, o fato de que, no plano da experiência vivida e imediata, as condições reais da existência social dos homens não lhes apareçam como produzidas por eles mesmos, mas ao contrário, eles se percebem produzidos por tais condições e atribuem a origem da vida social a forças ignoradas, alheias às suas, superiores e independentes (deuses, Natureza, Razão, Estado, destino etc.), de sorte que as ideias quotidianas dos homens representam a realidade de modo invertido e são conservadas nessa inversão, vindo a constituir os pilares da construção da ideologia. Portanto, enquanto não houver um conhecimento da história real, enquanto a teoria não mostrar o significado da prática imediata dos homens, enquanto a experiência comum de vida for mantida sem crítica e sem pensamento, a ideologia se manterá. (CHAUÍ, 1992:86-88)

A história de Sertãozinho é a história dos “escolhidos”, dos europeus e seus descendentes, dos empreendedores, dos homens de sucesso. Os trabalhadores são apenas parte dessa imensa engrenagem que compõe o projeto local, obra dos agentes hegemônicos: as grandes e médias empresas. A participação passiva dos trabalhadores nesse processo impossibilita que estes compreendam o processo como um todo e percebam a importância deles para o funcionamento desse processo, bem como impede que eles notem as intencionalidades de um processo que é pensado e elaborado de cima, sem a participação dos trabalhadores na elaboração, mas com a participação deles na execução. E a ideologia se apresenta para mostrar o projeto pronto, como um bem comum e que, portanto, não necessita de questionamentos, já que Sertãozinho e suas empresas “vão bem”, a geração de emprego tem ocorrido, a economia local tem crescido.

Ainda na sua análise, Chauí apresenta um terceiro argumento:

3) O que torna possível a ideologia é a luta de classes, a dominação de uma classe sobre as outras. Porém, o que faz da ideologia uma força quase impossível de ser destruída é o fato de que a dominação real é justamente aquilo que a ideologia tem por finalidade ocultar. Em outras palavras, a ideologia nasce para fazer com que os homens creiam que suas vidas são o que são em decorrência da ação de certas entidades (a Natureza, os deuses ou Deus, a Razão, ou a Ciência, a Sociedade, o Estado) que existem em si e por si e às quais é legítimo e legal que se submetam. Ora, como a experiência vivida imediata e a alienação confirmam tais ideias, a ideologia simplesmente cristaliza em “verdades” a visão invertida do real. Seu papel é fazer com que no lugar dos dominantes apareçam ideias “verdadeiras”. Seu papel também é o de fazer com que os homens creiam que tais ideias representam efetivamente a realidade. E, enfim, também é seu papel fazer com que os homens creiam que essas ideias são autônomas (não dependam de ninguém) e que representam realidades autônomas (não foram feitas por ninguém). (CHAUÍ, 1992:86-88)

De fato, os empresários ou a elite local não são vistos como uma classe antagônica que, em oposição aos trabalhadores, realiza a luta de classes. O empresariado é visto como os artífices do bem comum, do progresso, do crescimento e “desenvolvimento”, da geração de empregos e renda, do sucesso de Sertãozinho. E esse conjunto de situações ideologizadas é visto como natural, predeterminado, resultado de um projeto “coletivo” cujos grandes responsáveis são os empresários (empreendedores). A partir dessas concepções, cria-se uma ideologia de Sertãozinho que funciona como uma cortina de fumaça, escondendo de fato o real. Segundo Chauí, a ideologia elaborada pela classe dominante, quando se torna uma verdade para a coletividade, é um instrumento para dominar a sociedade, ou seja, as outras classes sociais. Essa discussão será novamente abordada e também exemplificada nos capítulos 3 e 4.

O bloco histórico permite a compreensão do arranjo e do jogo dos agentes políticos na constituição de uma hegemonia política local: classes e agentes político-econômicos em composição de forças para fundar e/ou manter o projeto hegemônico, as relações sociais de poder, o controle social e espacial para a produção do projeto local.

Capítulo 1

A produção do espaço: Sertãozinho

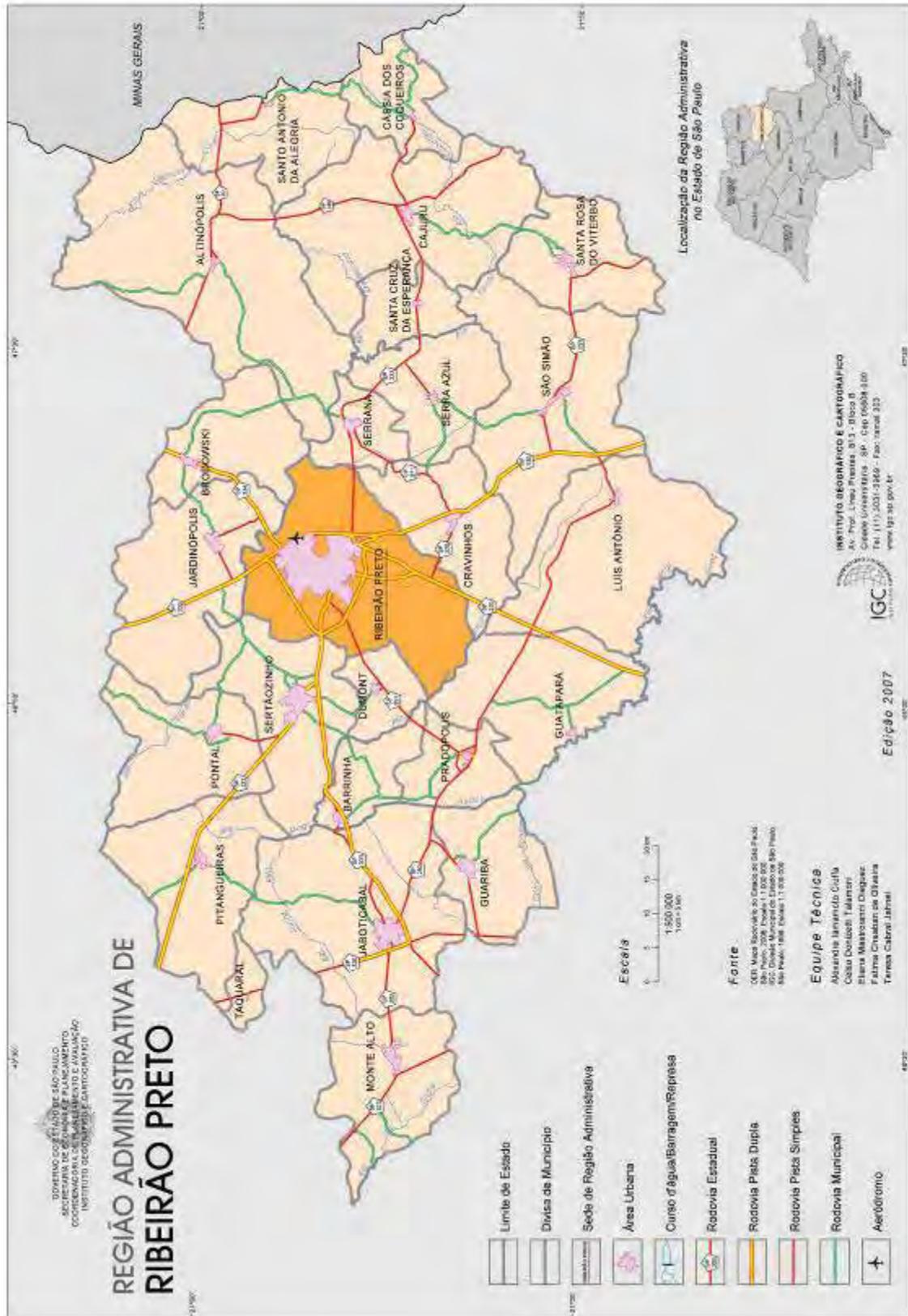
Politicamente, o município de Sertãozinho está localizado na Região Administrativa de Ribeirão Preto, na Região de Governo de Ribeirão Preto, no nordeste do estado de São Paulo, a 348 km da capital do estado e a 20 km de Ribeirão Preto, o centro regional. Ver mapas nas páginas seguintes (mapas 1.1 e 1.2).

O município é cortado pelas rodovias estaduais Armando de Salles Oliveira (SP 322) e Atílio Balbo (SP 333), além de inúmeras estradas municipais que ligam Sertãozinho à rodovia estadual Anhanguera (SP 330), ao distrito de Cruz das Posses, a outros municípios (Dumont) e às áreas agrícolas do município e de municípios vizinhos⁴. Por meio do anel viário que circunda toda a cidade de Ribeirão Preto, Sertãozinho tem acesso às rodovias estaduais Antônio Machado Sant'Anna (SP 255) e Eng. Thales de Lorena Peixoto Jr. (SP 318), que dá acesso à rodovia Washington Luís (SP 310).

A região de Ribeirão Preto caracteriza-se atualmente como um ambiente ecológico bastante alterado, com solos degradados, vegetação rarefeita, rios e riachos contaminados (tanto no campo quanto na cidade) e uma atmosfera bastante poluída, principalmente no período de safra. O espaço artificializado pela e para ocupação humana e econômica alterou substancialmente as condições naturais iniciais em pouco mais de um século.

⁴ É importante ressaltar que as áreas agrícolas dos municípios vizinhos são fortemente integradas a Sertãozinho, já que este município apresenta a maior concentração de unidades processadoras de cana-de-açúcar (quatro usinas, duas destilarias e um engenho) e uma superfície (área) insuficiente para produzir toda a cana necessária a essas indústrias.

Mapa 1.2 – Região Administrativa de Ribeirão Preto



O município localiza-se no planalto ocidental paulista, em uma área de relevo bastante suave e plano, tem suas terras drenadas pela bacia do rio Mogi-Guaçu – rios Mogi-Guaçu e Pardo e córrego da Onça, onde predominam solos com boa produtividade –, manchas de solos vulcânicos “terra roxa” com excepcional fertilidade e clima tropical (clima quente com duas estações bem definidas, uma seca e outra chuvosa), apresentando uma condição bastante favorável para a agricultura tropical comercial.

Atualmente, a agricultura municipal – e na região de Ribeirão Preto – é fortemente especializada na cana-de-açúcar, como pode ser observado na tabela 1.1 a seguir.

Tabela 1.1 – Cinco maiores produções e áreas agrícolas do município de Sertãozinho – 2006

	Quantidade produzida (ton)	Área (hectare)
Amendoim	7.200	2.400
Cana-de-açúcar	2.400.000	30.000
Soja	2.880	1.200
Milho	1.200	250
Café	26	26
Reinaldo Tronto, com dados do IBGE. <i>Produção Agrícola Municipal 2006</i> . Rio de Janeiro: IBGE, 2007.		

O município compreende uma área de 403 km² e uma população de 103.558 habitantes⁵. A Região Administrativa de Ribeirão Preto agrega 26 municípios com características bastante diversas do ponto de vista populacional, do desenvolvimento econômico e industrial, da estrutura fundiária e da composição da produção agrícola. A característica que os homogeneiza é a agricultura canavieira. A tabela a seguir (tabela 1.2) apresenta a área e a população de cada município; pode-se perceber que Sertãozinho é a segunda cidade mais populosa, mas não apresenta uma das maiores áreas (superfícies):

⁵ Dados do IBGE para a Contagem da População 2007.

Tabela 1.2 – População e superfície dos municípios da Região Administrativa de Ribeirão Preto

Cidade	População (2007)	Superfície (área em km ²)
Altinópolis	15.139	929
Barrinha	25.642	147
Brodowski	19.018	280
Cajuru	22.695	661
Cássia dos Coqueiros	2.706	191
Cravinhos	29.377	311
Dumont	7.557	111
Guariba	32.664	270
Guataporá	6.217	413
Jaboticabal	69.624	707
Jardinópolis	34.911	503
Luís Antônio	10.272	598
Monte Alto	44.085	347
Pitangueiras	33.329	430
Pontal	35.560	355
Pradópolis	15.148	167
Ribeirão Preto	547.417	650
Santa Cruz da Esperança	1.707	148
Santa Rosa de Viterbo	22.699	290
Santo Antônio da Alegria	6.020	310
São Simão	13.781	618
Serra Azul	9.107	283
Serrana	36.596	126
Sertãozinho	103.558	403
Taquaral	2.827	54
Organização Reinaldo Tronto, com informações do IBGE. Contagem da População 2007.		

Com pouco mais de um século de fundação, o município apresenta, por um lado, uma das economias mais dinâmicas da região e, por outro, um quadro social bastante excludente e desigual. O conjunto de relações econômicas, políticas, sociais e culturais desse espaço com outras esferas espaciais lhe confere um *status* privilegiado na rede urbana regional (região

canavieira de Ribeirão Preto⁶) e setorial (do agronegócio sucroalcooleiro brasileiro). Em diversos estudos e regionalizações econômicas, Sertãozinho é tratada como região (canavieira), como polo (mecânico da indústria de equipamentos para usinas de açúcar e álcool) e como centro de decisão (empresarial do setor sucroalcooleiro⁷).

1.1. Formação histórica

A ocupação de um determinado espaço, em qualquer período da história da sociedade humana, sempre esteve condicionada a fatores internos ou regionais e também a fatores externos. O espaço geográfico foi sendo construído no âmbito de um conjunto de fatores favoráveis à sua ocupação, ou seja, a partir dos interesses ou necessidades da sociedade que ali se organizava. A utilização dos atributos do espaço “natural” e a construção do espaço geográfico (espaço social) são processos sociais, portanto os atributos de qualquer espaço ou fração do espaço – quer “mais natural”, quer “mais social” – são atributos humanizados, ou seja, tornam-se atributos espaciais a partir do “olhar”, da intencionalidade e do valor que a sociedade lhes dá.

A importância ou valor dos atributos naturais de um espaço muda historicamente, assim como também muda temporalmente o valor dos atributos sociais de qualquer espaço. As condições naturais consideradas importantes economicamente, entre 1850 e 1950, poderiam apresentar-se como entrave à sua ocupação⁸ posterior. De fato, o sentido, a significação e o valor dos atributos espaciais na época da formação do município eram muito diferentes dos que se apresentam nos dias atuais. Monbeig fez uma análise precisa das condições da área pioneira da região de Ribeirão Preto na época de sua ocupação:

⁶ A região canavieira de Ribeirão Preto extrapola a fronteira política da RA de Ribeirão Preto e da RG de Ribeirão Preto. É uma região que relaciona subespaços urbanos e agrícolas de produção de cana-de-açúcar que apresentam forte integração geográfica constituída a partir da economia sucroalcooleira.

⁷ Durante a grave crise do álcool – extinção do Proálcool (Programa Nacional do Álcool) – na década de 1990, o setor canavieiro nacional se reuniu em Sertãozinho em diversas edições do Fórum Nacional do Álcool Combustível. Anualmente ocorre a Fenasucro – Feira Internacional do Setor Sucroalcooleiro –, reunindo autoridades econômicas, políticas e científicas para o desenvolvimento de diversas atividades: feira, rodada internacional de negócios, debates, encontros, atividades de campo, lançamento de produtos e tecnologias etc. Simultaneamente à Fenasucro ocorre a Agrocana, feira especializada na agricultura, enquanto a Fenasucro é especializada na parte industrial (usinas e destilarias). Desde 2007, ocorre a Forind – Feira de Fornecedores das Indústrias do Interior de São Paulo.

⁸ Nas primeiras décadas de ocupação de Sertãozinho a madeira era utilizada para a construção de casas, a fabricação de carroças, o uso como lenha. Aliás, não seriam hoje essas áreas de matas um entrave à expansão da cana-de-açúcar? Ou, ainda, seu desmatamento não significaria um custo adicional? Em tempos em que a questão ecológica está em evidência e é precisamente trabalhada pelo marketing empresarial, o desmatamento não traria uma imagem negativa?

Costuma-se considerar ilimitadas as possibilidades de uma zona pioneira, por causa das esperanças que desperta. E, para simplificar, corretamente se fala das suas vantagens. Cumpre, todavia, saber exatamente que se quer dizer com isso. As vantagens que a determinada região conferem uma topografia sem obstáculos, um clima acolhedor, solos virgens constituem vantagens só em relação às necessidades dos pioneiros, aos seus hábitos e aos meios técnicos de que dispõem. Por mais bem dotada que seja, por mais rica que se apresente, uma zona ainda inatingida pelo povoamento moderno é em si mesma desprovida de virtude capaz de desencadear o avanço do desbravador e de assegurar o seu próprio aproveitamento econômico. As qualidades intrínsecas só existem na medida em que correspondem aos apelos e às possibilidades humanas. (MONBEIG, 1984, p.93)

A região de Ribeirão Preto apresentou, à época de sua ocupação, condições bastante favoráveis à sua ocupação e à posterior instalação da cafeicultura. Clima, solo, relevo, hidrografia foram os fatores naturais que supriam as necessidades econômicas de novas áreas para os desbravadores, os posseiros e a expansão da cafeicultura em São Paulo.

É importante ressaltar que esses atributos (naturais) foram “favoráveis” segundo uma intencionalidade (“necessidades”) da economia (cafeicultura) e da sociedade que se formaram na região. Algumas décadas depois (1910 e 1920), Sertãozinho apresentou anos de seca e de geadas, contrariando e negando, mesmo que momentaneamente, essas condições “naturais” favoráveis. Outra questão a considerar é a própria condição da mata fechada que se estendia por grandes extensões e que necessitava ser derrubada para o plantio do café. Essa necessidade significava o uso de um elevado número de trabalhadores – em uma região de pouca oferta de mão-de-obra – e um tempo lento para a derrubada dessa mata – baixo desenvolvimento tecnológico e pequena mecanização. Essas condições naturais e técnicas apresentaram certas dificuldades, sem constituir entraves ao desenvolvimento regional.

Segundo o jornalista e historiador Geraldo Hasse (1996), a chegada do homem branco à região data do século XVII e compreendia expedições bandeirantes que adentravam o interior de São Paulo. Já no século seguinte, a região se transformou em rota de passagem de viajantes que se dirigiam para as áreas de mineração do Brasil Central. A fixação do homem branco aconteceu com o povoamento inicial por mineiros, quando a área já era ocupada por índios caiapós e por famílias de negros que viviam às margens de alguns rios e córregos. Com a implantação da cafeicultura no final do século XIX, apareceu também o elemento estrangeiro, composto principalmente de italianos.

No período da ocupação inicial de Sertãozinho, viajantes, estudiosos, fazendeiros e investidores “vendiam” a imagem local e da região de Ribeirão Preto como terra de grande fertilidade. Durante o século XIX e início do século XX, a região de Ribeirão Preto foi vista pelos fazendeiros de café como recurso “natural” – solo, hidrografia, clima e relevo.

Sertãozinho foi povoada como parte do processo de ocupação da região de Ribeirão Preto – na época, região de Casa Branca, município mais antigo e de onde se desmembrou grande parte dos municípios dessa região –, com a expansão das atividades produtivas no nordeste do estado de São Paulo, em decorrência da necessidade de novas terras para a expansão da produção cafeeira, no final do século XIX.

Essa região, de início – antes da instalação de fato do café –, apresentava-se pouco povoada e alterada e, de fato, isolada das áreas mais desenvolvidas do estado de São Paulo e do Brasil. Os primeiros habitantes e famílias que se instalaram nessa região não tinham recursos para constantes viagens até os centros “dinâmicos” de São Paulo nem tinham condições econômicas para trazer ou mandar trazer desses centros bens e utensílios. As estradas, quando existiam, eram precárias, eram verdadeiras “picadas” nas áreas de matas. Os rios ainda eram pouco conhecidos no seu trajeto e, portanto, havia um espaço a ser descoberto para a navegação. Portanto, essa região, antes da instalação hegemônica do café, contava principalmente com agricultura e pecuária principalmente de subsistência.

Pierre Monbeig, em seu livro *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*, destaca o café na região de Ribeirão Preto:

O maciço de Ribeirão Preto acha-se, por sua vez, dividido pelo Rio Pardo, estendendo-se ao norte as plantações de Batatais, Jardinópolis e Nuporanga, enquanto que ao sul concentravam-se os cafezais de Ribeirão Preto, Sertãozinho, São Simão, Cravinhos e Santa Rita do Passa Quatro, ou seja, um total de 110 milhões de cafeeiros (...). (MONBEIG, 1984, p.170)

A ocupação do município foi parte da expansão do capitalismo pelo interior do estado de São Paulo e do processo de produção dessa paisagem geográfica, um processo de “geografização” da paisagem primitiva dessa região do Brasil, segundo os ditames do capitalismo em curso no país e no estado de São Paulo. Ianni descreveu de forma brilhante o processo socioeconômico e político em curso com a cafeicultura e que levou à ocupação do oeste paulista (ou do segundo oeste paulista) e, conseqüentemente, de Sertãozinho:

O município de Sertãozinho surge na confluência de vários processos combinados: a expansão acelerada da cafeicultura ao longo do oeste paulista; o declínio final do regime do trabalho escravo; a aceitação, generalização e valorização positiva do regime de trabalho livre; a imigração de trabalhadores europeus, principalmente italianos, para trabalhar nos cafezais. À medida que a formação social capitalista se constituía e generalizava, com base na forma do trabalho fornecida pelo trabalhador livre, extinguiu-se a escravatura, intensificava-se a imigração de trabalhadores e expandiam-se os cafezais. Sertãozinho formou-se com a expansão do capitalismo no mundo agrário. E exprimiu bastante bem o caráter da economia e sociedade construídas pela cafeicultura no oeste paulista. (IANNI, 1977, p.5)

Com a ocupação da região, instalou-se um conjunto de melhorias – estradas, ferrovias, povoados – que agregou condições socioeconômicas favoráveis às condições espaciais naturais ali existentes. Sobre a ocupação dessa região paulista, Monbeig destaca:

Não seria mais satisfatória a explicação que considerasse apenas a fertilidade da terra roxa: para o aproveitamento dessa fertilidade, seria ainda preciso que houvesse interesse em fazê-lo e capacidade de o fazer. Teria ficado intacta a floresta dos planaltos ocidentais se os plantadores não dispusessem de mão-de-obra nem dos meios de transporte: não se haveriam estendido as culturas de café por imensas superfícies se não tivesse sido possível cuidar de uma produção bem mais considerável que as que haviam sido até então obtidas. Não teria sido empreendida tamanha tarefa sem a disponibilidade de capitais para seu financiamento. (MONBEIG, 1984, p.95-96)

De fato, estava em curso, nas palavras de Monbeig (1984, p.97), uma “cultura nova”, “novos modos de pensar” que são resultados e reflexos da classe econômica e política ascendente (cafeicultores) e da sociedade que se estava constituindo. Segundo esse autor:

Assim, não se introduziu uma cultura nova sem que se fizesse uma revolução na sociedade rural paulista. Como cultura comercial, a do café contribuía para que se formasse uma classe numericamente reduzida, mas econômica e financeiramente onipotente (...). (MONBEIG, 1984, p.97)

Os “barões” ou “reis” do café⁹, como geralmente eram denominados os maiores produtores de café, portavam-se como verdadeiros “imperadores” em suas fazendas de café. Estavam no topo da pirâmide de poder econômico, político e social que se estabelecia no espaço cafeeiro de toda a região do segundo oeste paulista¹⁰. A partir desses importantes agentes econômicos e políticos é que se estruturava a sociedade da época na região de Ribeirão Preto e em Sertãozinho, como ressalta Ianni:

Toda uma sociedade agrária de base capitalista formou-se na região. Desde fins do século XIX e ao longo das três primeiras décadas do século XX, a produção cafeeira predominou sobre todas as outras (algodão, cana, gênero alimentícios etc.) e marcou decisivamente a vida econômica, política e cultural do município de Sertãozinho. De acordo com a crônica do lugar, foi aí que surgiram os principais reis do café

⁹ Dr. Henrique Dumont (Rei do Café I); Cel. Francisco Schmidt (Rei do Café II); Comendador Geremia Lunardelli (Rei do Café III). Somando-se aos três “reis” do café, Visconde de Indaiatuba, Senador Vergueiro, Sargento-mor Francisco Mello Palheta, Comendador Gabriel Junqueira, Dr. Luiz Pereira Barreto, Martinho Prado e outros formavam os “Bandeirantes do Café”. (FURLAN JUNIOR, 1956).

¹⁰ O Primeiro Oeste Paulista compreendia a região cafeeira de Campinas, primeira marcha (expansão do café por São Paulo após a sua instalação no Vale do Paraíba). O Segundo Oeste Paulista correspondia à região cafeeira de Ribeirão Preto e continuidade das áreas de expansão ao norte e oeste do estado, nas fronteiras com os estados de Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Paraná.

brasileiro: Henrique Dumont, Francisco Schmidt e Geremia Lunardelli. (IANNI, 1977, p.6)

Nessas fazendas, era possível encontrar melhorias que, em muitas situações, não se encontravam nos pequenos núcleos urbanos da região de Ribeirão Preto. As colônias dessas fazendas apresentavam mais moradores que diversos núcleos urbanos da região. O poder econômico desses fazendeiros permitia que estes interagissem com o aval do Estado ou independentemente dele, no propósito de instalar infra-estrutura que fazia inveja a cidades e regiões do estado de São Paulo: construíam estradas e ferrovias dentro de suas propriedades, tornavam-se proprietários ou sócios de bancos e fundavam associações de imigrações. Sobre o poder desses fazendeiros, Ianni descreve:

Para fazer face às tarefas exigidas pela cafeicultura, os fazendeiros mobilizaram centenas e milhares de colonos. Ao referir-se à Fazenda São Martinho, de propriedade da família Silva Prado, o historiador de Sertãozinho, Antônio Furlan Junior, escreve que em 1905 a referida fazenda já contava com 3 milhões e 500 mil pés de café. Dois arraiais floresceram no interior da Fazenda São Martinho: Pradópolis e Barrinha. Em 1905 ela contava com oito colônias, com 450 casas e 2 sedes¹¹. Se pensarmos que a família do colono italiano, que predominou ali, tinha apenas 7 membros cada uma, podemos calcular que era de 3.150 a população que habitava as colônias da Fazenda São Martinho. Esses dados dão uma ideia da massa de operários rurais que trabalharam nas fazendas de café. Numerosos trabalhadores e trabalhadoras, adultos, adolescentes, crianças e velhos. Em graus variáveis, conforme a dureza e presteza das tarefas, praticamente todos estavam engajados nas fainas das fazendas de café. (IANNI, 1977, p.13-14)

Para se ter ideia da grandiosidade dessas fazendas, por volta de 1920, no auge da cafeicultura, a população do município de Sertãozinho aproximava-se de 20.000 habitantes, enquanto, quinze anos antes, apenas a fazenda São Martinho apresentava 3.150 habitantes. Atualmente, parte das terras dessa fazenda compõe a usina São Martinho, em Pradópolis, uma das três maiores usinas de açúcar e álcool do país, segundo dados do Ministério das Minas e Energia, IBGE, Udop e Unica.

1.2. A formação socioespacial

A paisagem primitiva ou natural de Sertãozinho compreendia uma transição das paisagens naturais da floresta Atlântica e do cerrado, com manchas de campos. Região planáltica bastante plana, de clima tropical, solos predominantemente de “terra roxa” com

¹¹ Antônio Furlan Junior. *Documento histórico de Sertãozinho: 1896-1956*. Sertãozinho: Ed. Estabelecimento Gráfico Politipo, 1956.

elevada fertilidade e uma rica hidrografia foram condições naturais encontradas pelos primeiros homens “ocidentais” a chegar à região. Já no século XVII, a região foi atravessada pelos bandeirantes, que afugentaram os habitantes naturais – os indígenas caiapós¹². No século XVIII, a região foi passagem para os paulistas até as minas existentes no Brasil Central: a região era cortada pela estrada dos Goiaes, e “Sertãozinho ficava à margem desse tráfego sertanejo. Nos mapas figurava como ‘Sertão Desconhecido’” (HASSE, 1996, p.21).

A ocupação inicial da região se deu por posseiros mineiros atraídos, por um lado, pela “propaganda”¹³ informal sobre essas terras, sem dono e de elevada fertilidade, e, por outro, pela decadência da mineração nas Minas Gerais. A derrubada da mata virgem pelos primeiros povoadores data da segunda metade do século XIX e contou, inicialmente, com a força e o suor de mineiros que desbravaram e ocuparam essa região, o “Sertão Desconhecido”¹⁴.

As condições ecológicas regionais favoráveis e a necessidade da dinâmica do capitalismo no estado de São Paulo de obter novas áreas para a expansão da cafeicultura, no final do século XIX, permitiram a ocupação do nordeste paulista (parte do Segundo Oeste Paulista) e o início da transformação do espaço natural. “As condições naturais são assim, pressupostos de toda a produção, o conhecimento de sua dinâmica e qualidades um fundamento do trabalho” (MORAES, 1996, p.22).

O registro da fazenda do “Sertão Desconhecido” ocorreu em 1856, mas a ocupação e o povoamento da região aconteceram, de fato, com o desenvolvimento da cafeicultura. A chegada de grandes empreendedores agrícolas e rurais na segunda metade do século XIX mudou definitivamente a paisagem bucólica, transformando-a em uma paisagem humanizada por meio da agricultura.

1.2.1. O período cafeeiro

¹² Ver Antônio Furlan Junior. *Documento histórico de Sertãozinho: 1896-1956*. Sertãozinho: Ed. Estabelecimento Gráfico Político, 1956.

¹³ Os primeiros viajantes a passar pela região contavam, por onde passavam, sobre as características ecológicas do nordeste da Província de São Paulo. Os primeiros habitantes a se instalar na região contavam a parentes e amigos que, posteriormente, se instalavam nas proximidades.

¹⁴ Os historiadores e os viajantes que estudaram ou descreveram esse espaço ou o processo de sua ocupação registraram que a região de Sertãozinho era conhecida como “Sertão do Mato Dentro” ou “Sertão Desconhecido”. Ver Hasse e Furlan Junior. Utilizamos aqui o conceito de região para Sertãozinho porque, na época tratada nesta passagem, o “Sertão Desconhecido” correspondia à região ainda não ocupada entre os rios Pardo e Mogi-Guaçu, uma região ainda virgem, natural. A dimensão e os limites espaciais legais dessa região não são tratados nos documentos da época. É interessante ressaltar que do município de Sertãozinho desmembraram-se os municípios de Pradópolis (1916-1938), Pontal (1935) e Barrinha (1953).

Os empreendedores de então, geralmente mineiros ou cafeicultores do Vale do Paraíba, instalaram-se na região de Ribeirão Preto e em Sertãozinho por meio da posse ou da compra da terra. Seus investimentos na região representaram o desmatamento de extensas áreas de floresta e cerrado e o plantio e manejo dos cafezais. Tudo isso com utilização de mão-de-obra predominantemente italiana¹⁵ e com incentivos do Estado brasileiro.

Utilizaram-se nessa região técnicas bastante rudimentares, mão-de-obra predominantemente imigrante (brasileiros de Minas Gerais, São Paulo e Vale do Paraíba e Rio de Janeiro; e estrangeiros: italianos, portugueses) e auxílio das linhas férreas que chegavam à região para escoar até o porto de Santos toda a produção cafeeira.

A atividade agrícola extensiva (modelo colonial de *plantations*) empregava grande contingente de mão-de-obra livre, que vivia principalmente nas fazendas e engenhos, em condições bastante precárias: baixa remuneração, desrespeito aos direitos trabalhistas, violência e repressão por parte dos patrões, forte dependência econômica e subordinação em relação aos patrões. Conforme cita Ianni:

À medida que avançava, a monocultura provocava a reorganização e a dinamização das forças produtivas. Ao mesmo tempo em que se instaurava o regime do trabalho livre, criava-se um mercado local, vinculado ao da região e aos centros dinâmicos do país. (IANNI, 1977, p.6)

A paisagem natural começou a ser alterada em função de objetivos capitalistas¹⁶ locais e externos, interdependentes. Monbeig (1984), ao tratar da nova paisagem produzida pelo povoamento e pela ocupação do café por volta de 1900, descreve:

O “oceano de café” de Ribeirão Preto assinalava, depois da destruição da paisagem natural, um estágio que dificilmente poderia ser identificado como um *front*, este sempre marcado pelas queimadas que abrem caminho ao fazendeiro. (...) Tendo vindo de Ribeirão Preto e Araraquara, ele viu grande número de novas plantações e “atravessou florestas em fogo”. (...) O território municipal de Ribeirão Preto conservava 42% de floresta (...) O desejo de manter uma reserva de mata para futura extensão do cafezal, além da existência de litígios políticos sobre os títulos de propriedade, acham-se na base da explicação de como sobreviveram fragmentos da floresta no meio a plantações. Daí essa interpretação de espaços ainda brutos e de paisagens já humanizadas. (MONBEIG, 1984, p.176-177)

¹⁵ Os primeiros posseiros que se instalaram na região – os mineiros – traziam consigo escravos utilizados nas atividades econômicas que desenvolviam nas áreas de origem. Havia na época um incentivo estatal à entrada de estrangeiros europeus como parte da política de branqueamento da sociedade brasileira. O negro, portanto, foi excluído social e economicamente desde esse momento. Sertãozinho reproduz essa condição em seu espaço.

¹⁶ O que Moraes (1996) chamou de determinações econômicas.

Estava em curso um projeto que começava a construir uma paisagem humana ou humanizada.

1.2.2. Policultura e minifundiarização

O modelo monocultor é determinante em grande parte da história econômica de Sertãozinho, com exceção do período de transição do ciclo cafeeiro para o canavieiro, como aponta Ianni:

Depois da grande geada de 1918, as secas de 1924 e 1926 mostraram aos cafeicultores grandes, médios e pequenos, que era necessário prosseguir na diversificação das atividades produtivas. Era necessário diversificar ou mudar as aplicações dos seus capitais. É claro que a grande crise econômica mundial iniciada em outubro de 1929 foi um acontecimento crucial, no processo de diversificação das atividades produtivas no campo. Mas é importante reconhecer que essa crise correspondeu a um momento – decisivo, é verdade – de uma cadeia de crises provocadas pela superprodução, a geada, a seca e o empobrecimento das terras. Nessas condições é que surgem e desenvolvem-se as culturas algodoeiras, cítricas, de cana-de-açúcar e outras. Inclusive surgem e desenvolvem-se as unidades artesanais e fabris; e acelera-se a urbanização dos núcleos populacionais. (IANNI: 1977, p.19-20)

Os agricultores do café, receosos de grandes prejuízos com essa cultura, buscavam diversificar seus plantios para espécies mais resistentes às geadas e às secas ou para produtos agrícolas que apresentavam preços e lucros mais vantajosos. Nesse curto período, ocorreu, além da policultura, o processo de minifundiarização das terras, já que a queda nos preços do café causou o endividamento de grandes fazendeiros, que vendiam suas terras para saldar suas dívidas. Outros vendiam parte de suas terras para investir em outros negócios. Outros, ainda, vendiam suas terras e migravam para regiões onde as terras eram mais baratas.

Mas esse período policultor-minifundiarizador teve duração curta, sofrendo uma inversão ao ponto de a cana-de-açúcar ganhar importância na economia paulista e, em especial, na região de Ribeirão Preto.

1.2.3. O período canavieiro

A cana, em Sertãozinho, não é um elemento novo ou estranho à sua história. Já nos primórdios de sua ocupação e da produção, a cana e o engenho eram, nas fazendas, atividades complementares ao café. Em texto sobre Sertãozinho do Completo Almanak Administrativo e

Profissional do Estado de São Paulo para 1896¹⁷, são descritos 13 engenhos. Nesse período, Sertãozinho ainda era o Distrito de Aparecida de Sertãozinho, pertencente a Ribeirão Preto. Sobre a existência de plantações de cana nos primórdios do desenvolvimento de Sertãozinho, Ianni descreve:

Quanto à cana-de-açúcar, vale a pena registrar que já era cultivada em Sertãozinho em fins do século XIX. Vários produtos da cana eram consumidos pela produção local. “Antes de 1900 havia no município de Sertãozinho pequenas e esparsas plantações de cana aproveitadas pelas engenhocas que se limitavam a fabricar aguardente, rapadura e melado”¹⁸. Uma lei municipal de 27 de novembro de 1900 estabelece isenção de impostos a pessoa ou companhia que montasse um engenho central, para fabricar açúcar, álcool e aguardente. Na exposição de motivos, justificava-se a lei com os seguintes argumentos: as terras do município de Sertãozinho prestam-se “admiravelmente à cultura da cana”; “os lavradores, amedrontados pela baixa do café, empregavam suas atividades na cultura da cana”; “a cana preserva-se da geada mais facilmente que o café”¹⁹. Em 1902, a maior plantação de cana foi realizada pelo coronel Francisco Schmidt. Dedicou-lhe 60 alqueires das suas terras. “Havia preparado a terra para plantar café, mas, como houve naquele ano geada, preferiu iniciar a lavoura intensiva de cana”²⁰. (IANNI: 1977, p.19)

Apesar de a crise do café ter gerado um rápido surto de policultura e de minifundiarização em Sertãozinho, percebe-se que esse surto policultor foi curto e bastante tímido – a cana-de-açúcar se destacou de forma predominante. Conforme a agricultura cafeeira entrava em decadência, foi sendo substituída gradativamente, principalmente pela cana-de-açúcar:

Em Sertãozinho, o ciclo da cana-de-açúcar começou em torno de 1944. Foi nesse ano que a área cultivada com a cana ultrapassou a área cultivada com o café. A partir daí, cresceram continuamente a área plantada e o volume da produção da cana-de-açúcar. Em 1953, a área cultivada com a cana ultrapassou as áreas cultivadas com café e algodão, em conjunto. Em 1974, a cana-de-açúcar abarca 86,38 por cento da área plantada do município. E o seu valor alcança 92,68 por cento do valor total da produção agrícola. (IANNI: 1977, p.24)

¹⁷ A íntegra desse documento que descreve as atividades econômicas e profissionais é encontrada no livro *Filhos do fogo – Memória industrial de Sertãozinho*, de Geraldo Hasse.

¹⁸ Antônio Furlan Junior. *Documento histórico de Sertãozinho: 1896-1956*. Sertãozinho: Ed. Estabelecimento Gráfico Politipo, 1956.

¹⁹ Idem.

²⁰ Ibidem.



Foto 1.1 – Lavoura de cana-de-açúcar no município de Sertãozinho.
Reinaldo Tronto, 2006

O curto processo de minifundiarização das terras que ocorreu após a crise de 1929 e foi marcado pelo loteamento de grandes fazendas (FURLAN JUNIOR, 1956, p.47) rapidamente foi substituído pela concentração de terras, que aumentava conforme a agricultura e a agroindústria canavieira se desenvolviam e valorizavam.

A disponibilidade de terras baratas nas zonas pioneiras de Sorocaba e Nordeste Paulista, a proibição do plantio de café em novas áreas no estado de São Paulo e a permissão para o plantio no Paraná fizeram da região de Ribeirão Preto e de Sertãozinho áreas de dispersão populacional no período de 1910 a 1940.

A decadência cafeeira e a transição para a agricultura canavieira expulsaram o pequeno proprietário para a área urbana e, principalmente, para as novas áreas pioneiras em São Paulo e nos estados vizinhos. Era comum vender a pequena propriedade em Sertãozinho por um preço relativamente alto em relação às áreas pioneiras e comprar terras em áreas mais baratas e, com a diferença, quitar dívidas ou realizar melhorias nas novas áreas.

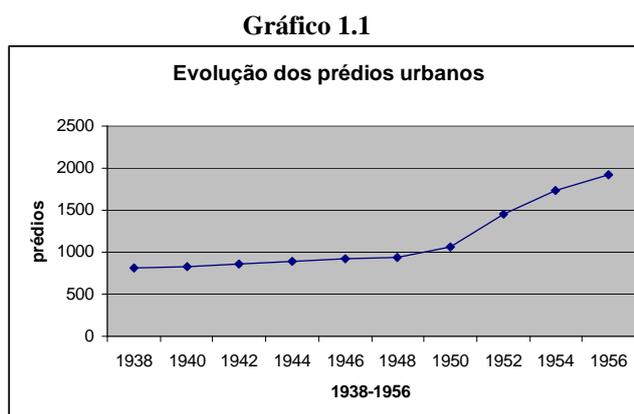
Com a afirmação da agricultura canavieira na economia e no espaço local, esse movimento demográfico se interrompeu, a urbanização (a partir de 1940) se fortaleceu e o crescimento populacional se acelerou (a partir de 1950), dados que podem ser observados na tabela 1.3 a seguir.

Tabela 1.3 – Evolução da população de Sertãozinho

População	1920	1940 ²¹	1950	1960 ²²	1970	1980	1991	2006 ²³
Urbana	-	5.602	7.155	13.758	22.878	45.428	73.567	100.898
Rural	-	15.688	13.202	12.683	8.188	6.116	5.209	3.508
Sertãozinho e Cruz das Posses	-	17.287	16.899	26.441	31.066	51.544	78.776	104.406
Município	20.738	21.290	20.357	26.441	31.066	51.544	78.776	104.406

Elaboração de Reinaldo Tronto, com dados de FURLAN JUNIOR (1956), IANNI (1977) e IBGE.

Além da menor emigração (a partir de 1950), a melhoria das condições de vida na cidade em relação ao campo e o crescimento da agricultura canavieira – que influenciou a modernização e a mecanização do campo – determinaram um maior crescimento do êxodo rural e, com o Proálcool na década de 1970, uma nova onda de migração (intermunicipal, interestadual e inter-regional) para o município. Furlan Junior, ao tratar o processo de urbanização, destaca a influência da agroindústria açucareira a partir de 1950, quando esse segmento econômico apresentava um grande crescimento e desenvolvimento. Segundo esse autor, “para se avaliar a influência da indústria açucareira, basta dizer que, se em 1950 havia na cidade 1.129 prédios, este número se elevou a 2.000 no ano de 1956, fase que corresponde à maior produção de açúcar” (FURLAN JUNIOR, 1956, p.47). O gráfico 1.1 a seguir ressalta esse crescimento substancial no número de prédios urbanos em função da urbanização provocada pela modernização-mecanização da lavoura canavieira:



Org. Reinaldo Tronto, com dados de Furlan Junior (1956).

²¹ 1935: desmembramento de Pontal; 1938: desmembramento de Pradópolis.

²² Em 1954, Barrinha foi elevada a município. Nessa estimativa, considerando-se apenas a população do distrito de Sertãozinho – excluindo o de Cruz das Posses –, a população urbana (9.000) ultrapassa a rural (8.800). Em 1956, a população total de Sertãozinho era de 20.000 habitantes: 10.730 rural e 9.270 urbana.

²³ A Contagem da População 2007, realizada pelo IBGE, apontou população de 103.055.

Outra análise interessante a se fazer é o cruzamento desses dados do incremento dos prédios urbanos com a datação da fundação de usinas. O quadro 1.1 a seguir destaca as principais indústrias canaveiras instaladas em Sertãozinho e o respectivo ano de fundação:

Quadro 1.1 – Fundação e situação atual dos principais engenhos, usinas e destilarias em Sertãozinho

Ano	Tipo e nome	Família fundadora	Situação atual
1904	Engenho Canesin	Canesin	Desativado em 1985.
1906	Engenho Central	Schimidt	Incorporado pela Santa Elisa. Desativado em 1964.
1916	Usina Albertina	Marchesi ²⁴	Desativada
1922	Usina Barbacena	Biagi	Incorporada pela Santa Elisa. Desativada
-	Usina Vitorio Mazer	Mazer	Desativado.
1936	Usina Santa Elisa	Marchesi/Biagi	Em atividade.
1941	Destilaria Pignata	Pignata	Em atividade
1945	Usina São Francisco	-	Em atividade.
1946	Usina Santo Antônio	Balbo	Em atividade.
1947	Usina São Geraldo	Simioni	Incorporada pela Santa Elisa. Desativada ²⁵ .
1947	Usina Santa Lúcia	Svezut	Incorporada pela Santa Elisa. Desativada em 1957.
Pós-guerra	Usina Sant' Anna	Verri	Incorporada pela Santo Antônio. Desativada em 1962.
-	Usina São Vicente	-	Desativada.
1968	Eng. Irmãos Toniello	Toniello	Atual destilaria Santa Inês.
1976	Destilaria Lopes	Lopes e Silva	Em atividade.

Org. Reinaldo Tronto, com dados de Biagi (1987), Furlan Junior (1956), Hasse (1996) e Sarti (2007).

Percebe-se, pela tabela, o grande número de estabelecimentos industriais canaveiros criados na década de 1940. A criação dessas indústrias, nesse período, aponta o grande desenvolvimento da cana-de-açúcar no município e explica as profundas transformações comandadas pelas usinas e usineiros que passaram a ocorrer. Ianni descreve de forma objetiva as transformações que passaram a ocorrer em Sertãozinho com o desenvolvimento, a expansão e a supremacia da atividade canaveira:

Foi substantiva a modificação ocorrida em Sertãozinho, a partir de 1944, quando as atividades relacionadas direta e indiretamente com a cana-de-açúcar tornaram-se cada vez mais importantes, no conjunto da economia e da sociedade, no campo e na

²⁴ João Marchesi e o cunhado Pedro Biagi investiram juntos em vários segmentos econômicos locais e na região.

²⁵ As usinas Santa Elisa e São Geraldo realizaram a fusão das indústrias em 1998. Poucos anos depois, a Santa Elisa comprou a parte da São Geraldo e desativou o parque industrial. Os antigos proprietários da São Geraldo passaram a fornecer cana para a Santa Elisa. É importante lembrar que Santa Elisa é vizinha da São Geraldo (7 quilômetros entre as plantas industriais) e suas terras agrícolas está em uma terreno de desnível altimétrico, o que sempre a colocou em vulnerabilidade, quanto ao abastecimento de água, em relação à São Geraldo.

cidade. À medida que se desenvolveu e impôs, a agroindústria açucareira provocou algumas modificações notáveis no sistema econômico social e político de Sertãozinho. Vejamos, preliminarmente, de forma breve, alguns aspectos das modificações havidas no lugar: a) Modificou-se a estrutura judiciária no município de Sertãozinho, tendo ocorrido certa concentração da propriedade; b) A pequena e média burguesia agrárias foram associadas, absorvidas ou subjugadas aos interesses do capital agroindustrial comandado pelo usineiro; c) A usina se impôs como uma categoria político-econômico nova e poderosa, no campo e na cidade; d) Criou-se em Sertãozinho um setor industrial bastante ligado à agroindústria açucareira, para produzir e reparar máquinas e equipamentos. Naturalmente, esse setor atende também às demandas do terciário e do próprio secundário. Inclusive produz para clientes de outros municípios e estados. Mas é evidente a sua vinculação às exigências tecnológicas da agroindústria açucareira. e) As mudanças havidas na combinação e dinâmica das forças produtivas, bem como as modificações ocorridas nas relações de produção, provocaram o desenvolvimento do proletariado rural e inclusive a modificação da sua composição interna. Cresceu progressivamente o contingente de assalariados temporários e residentes nas periferias da cidade de Sertãozinho. f) Devido às peculiaridades econômico-sociais e políticas da agroindústria açucareira, vista em perspectiva nacional e regional, a ação estatal tornou-se visível em todos os principais momentos das relações de produção envolvidas nas fainas dos canaviais e das usinas do lugar. (IANNI,1977, p.24-25)

Mesmo com a retomada do desenvolvimento econômico no pós-guerra – em função, em grande parte, do avanço da agricultura canavieira, que, por sua vez, determinava uma nova entrada de migrantes²⁶ –, a população rural continuava em queda, e a urbanização se acentuava. Esse novo “salto” econômico da agricultura foi acompanhado de uma concepção modernizadora da produção agrícola, que utilizava crescentemente o trabalhador agrícola em substituição ao trabalhador rural.

1.2.4. A industrialização de Sertãozinho

As indústrias, historicamente, aparecem concomitantemente ao desenvolvimento do espaço urbano, ou seja, desde o desenvolvimento inicial do núcleo urbano. No início do século XX, já existiam algumas pequenas e precárias oficinas e maquinofaturas. Geralmente instaladas em fundo de quintal ou em algum cômodo da casa, essas oficinas – verdadeiros ateliês industriais – apresentavam seu funcionamento vinculado à fabricação de produtos geralmente para habitações urbanas e, em alguns casos, para os sítios e fazendas de café do município.

Essa industrialização “a serviço do campo” ocorreu até o final do período cafeeiro, mas favoreceu um conjunto de transformações que serviam de base para a industrialização

²⁶ Agora os migrantes são nordestinos e mineiros (do extremo norte do estado) pobres, que se deslocam para o corte da cana.

local: iniciaram-se timidamente os processos de industrialização e modernização do campo na região. A mecanização e a racionalização das atividades agrícolas – cada vez mais “industriais” – liberavam gradativamente os trabalhadores e proporcionavam o êxodo rural e a urbanização em Sertãozinho.



Foto 1.2 – Usina Santo Antônio, do Grupo Balbo

Localizada a apenas três quilômetros da área urbana de Sertãozinho. A 500 metros dessa usina e, portanto, a 2,5 quilômetros da área urbana, na mesma estrada vicinal, está localizado o Engenho Pignata. Reinaldo Tronto 2007.

Eram fábricas de alimentos, de bebidas, de utensílios agrícolas, de carroças, de móveis, de tijolos e telhas. A produção ou era feita sob encomenda ou era condicionada, quase sempre, por uma demanda municipal. No caso específico das fábricas de carroças e de utensílios agrícolas, essas indústrias abasteciam o mercado regional.

Nessas indústrias, a produção e a produtividade eram pequenas, bastante dependentes da habilidade do trabalhador, já que a produção era basicamente manual. As empresas, geralmente familiares, raramente contavam com mão-de-obra assalariada.

O que se percebe, com essas características, é que a indústria, até o final do período cafeeiro, não era a principal ou não era uma forte atividade econômica. Daí considerarmos o período da industrialização a partir da hegemonia agrícola da cana-de-açúcar, período em que

foram fundadas diversas usinas²⁷, e, a partir daí, abriu-se mercado para a criação de indústrias prestadoras de serviços a esses estabelecimentos industriais.

Apesar de a fundação da Zanini S. A. Equipamentos Pesados – maior indústria do município, em toda a sua história, e grande indutora da criação de outras indústrias – ter ocorrido em 1950, a industrialização acelerada (de fato) de Sertãozinho aconteceu principalmente a partir da criação do Proálcool – Programa Nacional do Álcool –, na década de 1970, que passou a financiar a construção de destilarias e a modernização de usinas. Por meio da criação de indústrias locais prestadoras de serviços às usinas e destilarias locais e regionais, essas indústrias cresceram e ganharam o mercado nacional e, em alguns casos, o internacional.

O capital de alguns usineiros e empreendedores e a experiência e o conhecimento técnico de alguns trabalhadores somaram-se à demanda criada pelo Proálcool e permitiram uma industrialização acelerada, com o surgimento de inúmeras indústrias²⁸. A própria origem da Oficina Zanini²⁹, a primeira grande indústria do município, ocorreu com a parceria entre o artesão dos metais Ettore Zanini e o usineiro Maurílio Biagi (da usina Santa Elisa).

Segundo Miceli, já existia alguma relação entre esses dois imigrantes italianos: “(...) porque o Ettore trabalhou muito tempo na Usina Santa Elisa. Ele trabalhava na destilaria, essas coisas, soldava canos... Depois é que ele entrou de sócio – ele e o Maurílio³⁰” (MICELI, 1984, p.110).

Maurílio Biagi buscava “saídas que o libertassem da ‘verdadeira escravidão’ – a dependência tecnológica” (HASSE, 1996, p.95) em relação a Piracicaba e aos fornecedores estrangeiros. Biagi tinha a preocupação de desenvolver fornecedores de equipamentos e serviços de manutenção o mais próximos da usina. Após perceber o grande mercado que se abria para a Zanini na região canavieira de Ribeirão Preto, ele passou a dar uma atenção especial e vida própria à empresa.

Segundo Miceli (1984), foram várias as motivações para a instalação da Oficina Zanini:

- a dificuldade na importação de máquinas e equipamentos para as usinas;

²⁷ Ver Quadro 1.1.

²⁸ Essas indústrias de pequeno porte e com tecnologia rudimentar eram caracterizadas pela cópia de equipamentos, peças e máquinas nacionais e estrangeiras.

²⁹ A Zanini Equipamentos Pesados foi fundada em 1950, com o nome de Oficina Zanini Ltda.

³⁰ Entrevista de João Lopes Filho, em 19 de janeiro de 1984, a Paulo C. Miceli, no livro *Era uma vez em Sertãozinho*.

- o deslocamento do centro produtor açucareiro do Nordeste para o Centro-Sul;
- o fato de a região de Ribeirão Preto – e Sertãozinho – já ser especializada na produção canavieira;
- a apresentação, pelas usinas e engenhos, de baixo desenvolvimento tecnológico e, portanto, a frequência das quebras e paralisações e da necessidade de manutenção de máquinas e equipamentos;
- o monopólio da Dedini de Piracicaba no setor de prestação de serviços para as usinas e engenhos.

Em depoimento a amigo, Maurílio Biagi relatou a motivação de criar a Zanini:

É curioso, Chico! A minha intenção, ao montar tal calderaria, foi unicamente com o fito de fazer reparo em máquinas da Santa Elisa, nas entressafas, mas, ao perceber a possibilidade de a transformar numa grande indústria, coloquei-lhe todo o meu vigor, mesmo porque antevia o seu pujante futuro. (MICELI, 1984, p.86)

Nesse período (pós-1970), várias empresas foram criadas – Meppam, Incas, Galassi, Gascom, Sermatec, Smar, A. D. Martinelli, Caldema, Camaq –, e seu surgimento mais antigo favoreceu seu desenvolvimento e crescimento, o que permitiu a essas indústrias estarem, atualmente, entre as maiores de Sertãozinho (de porte médio e grande)³¹.

A Zanini, indústria principal no processo de desenvolvimento industrial do município, chegou a ter 5.000 funcionários na década de 1980 e foi, durante décadas, o “motor” econômico do município. Era a maior empregadora direta e indireta em Sertãozinho e uma das maiores da região e apresentava a maior receita entre todas as empresas locais e uma das maiores entre as empresas instaladas na região.

Foi uma das empresas que mais diversificaram seus mercados de atuação, atuando do ramo alimentício ao de siderurgia, do de transporte ao militar. Também investiu pesadamente no desenvolvimento e/ou na aquisição de tecnologia³² e na aplicação de paradigmas administrativos e produtivos. Comprou ou criou empresas em diferentes setores econômicos. Ampliou sua atuação para o mercado internacional.

A empresa formou mão-de-obra especializada quando a região era carente de instituições educacionais para o setor industrial sucroalcooleiro e metal-mecânico e

³¹ As três primeiras não existem mais: as duas primeiras foram incorporadas, e a terceira faliu.

³² Ver figura 1.2 .

proporcionou o surgimento de diversas indústrias locais e regionais nesse setor, por meio da *holding* do grupo Biagi, por um lado, e do fenômeno de *spin-off*³³, por outro.



Foto 1.3 – Vista parcial dos barracões da antiga Zanini, (hoje Dedini).
Reinaldo Tronto 2006.

Entretanto, a crise econômica brasileira pós-década de 1980 e a crise e extinção do Proálcool, na década de 1990, mudaram os parâmetros e a organização produtiva da indústria no Brasil e, conseqüentemente, em Sertãozinho. De algumas empresas de médio e grande portes restam apenas os prédios que, posteriormente, foram ocupados por indústrias “jovens” em expansão ou por um conjunto de indústrias³⁴.

³³ Conceito referente ao processo de industrialização ou desenvolvimento econômico de uma região ou área a partir da formação ou surgimento de diversas empresas/indústrias, tendo como matriz uma empresa principal. Em Sertãozinho, a industrialização aconteceu pela criação de mais de três centenas de empresas de pequeno e médio portes por ex-funcionários da Zanini, que saíram e montavam seu próprio negócio.

³⁴ O prédio da extinta Tecomil foi ocupado por várias indústrias, que se aproveitaram da localização – próximo à rodovia Armando de Salles Oliveira e à aglomeração industrial – e da infraestrutura disponível – energia, telefonia, água e esgoto, galpões, pontes rolantes, pátio de manobra. Em outro prédio de empresa que faliu, funciona, na atualidade, a Incubadora Empresarial de Sertãozinho. Outro exemplo é a utilização do antigo prédio administrativo da Zanini para a criação do Centro Empresarial Zanini, espaço que aloja, em um andar, a administração da Dedini – que hoje funciona na área da antiga Zanini – e, nos outros dois, micro e pequenas empresas e escritórios de empresas de outras localidades.



Foto 1.4 – Indústrias características das últimas décadas: pequeno e médio portes .
Reinaldo Tronto, 2007.

A indústria da “cópia”³⁵ foi substituída gradativamente pela indústria científica, por meio de parcerias com centros de pesquisas e universidades; quando não, desenvolveram-se pesquisas nas próprias unidades produtivas³⁶. A própria Zanini³⁷ caracterizou-se por um período inicial em que utilizava equipamentos estrangeiros para copiar e fabricar para as usinas brasileiras. A intermediação, na maioria das vezes, foi feita pela usina Santa Elisa, que comprava os equipamentos e máquinas para seu parque produtivo. Como era empresa de um dos sócios da Zanini, essa usina foi um verdadeiro campo de provas para inovações na

³⁵ Até esse período, a indústria sertaneza se caracterizou pela fabricação de equipamentos copiados de fabricantes estrangeiros. As indústrias locais – em especial a Zanini – copiavam projetos, equipamentos e máquinas instaladas em usinas da região. Os usineiros, com dificuldades para a manutenção dos equipamentos importados, tinham interesse no desenvolvimento de empresas e equipamentos nacionais para substituir o importado: mais caro, com demora na entrega e na reposição de peças e equipamentos, demora na manutenção, nem sempre adaptado às condições regionais etc. Na região de Ribeirão Preto, os usineiros também tinham interesse no desenvolvimento de empresas para diminuir a dependência em relação a Piracicaba: a Dedini era uma empresa cara e relativamente distante de Ribeirão Preto precisavam de serviços de manutenção.

³⁶ A Smar Equipamentos Industriais tem uma de suas unidades em Sertãozinho para o desenvolvimento de equipamentos e tecnologias. Mantém também uma unidade de pesquisa e desenvolvimento de novas tecnologias nos Estados Unidos, onde emprega 150 funcionários. Atualmente, é a empresa brasileira do ramo de controle de processos com maior número de patentes depositadas nesse país.

³⁷ A própria história da Zanini, quanto a sua organização produtiva, é marcada pela divisão em dois períodos: o primeiro, da cópia, do improvisado, da “gambiarra”, da dependência da habilidade do artesão, e o segundo, do cientificismo, da qualificação técnica da mão-de-obra, dos projetos técnicos, das parcerias para a aquisição de tecnologia. O primeiro tem como símbolo o artesão Ettore, e o segundo, a contratação de técnicos, engenheiros e administradores.

agricultura e para testes e aplicações dos equipamentos, máquinas, sistemas técnicos produtivos e tecnologias desenvolvidos pela Zanini para o setor sucroalcooleiro.

Com parcerias internacionais, a Zanini e suas coligadas saíram da fase da cópia e da “gambiarra” e entraram na fase da importação de tecnologia (nova dependência tecnológica). A empresa firmou diversas *joint ventures* com importantes multinacionais estrangeiras (verificar figura 1.4, na página seguinte). Sobre essa modernização, Miceli destaca:

Quem escreveu para a Farrel – a Zanini tem licença da Farrel para fabricar moenda – quem escreveu para o diretor da Farrel fui eu. E ele mandou um diretor aqui, em Sertãozinho. Então, quando ele viu a Oficina lá, ele falou assim: “Ah! Aqui não dá para fazer moenda, não. Você não tem forno de aço, você não tem fresa, você não tem nada... Você vai fazer moenda de que jeito? Ainda moenda, Farrel! Não dá certo. Vamos deixar para mais adiante”. (MICELI, 1984, p. 63)

Mas essa preocupação com tecnologia afetou tanto a produção e os produtos como o sistema organizacional da empresa, que passou a contar com departamentos de engenharia, controle de qualidade, projetos, comércio externo. Apesar da modernização alcançada, aprofundou-se a dependência tecnológica, já que alguns equipamentos que eram copiados recebiam algumas adaptações e melhorias e, em várias ocasiões, era desenvolvida parte dos equipamentos e dos sistemas industriais, ou até novos equipamentos por completo. Sobre essa passagem, Miceli ainda ressalta:

Parecia impor-se, portanto, uma profunda reorganização dos métodos de produção, a partir da alteração da mentalidade em todos os níveis da hierarquia do sistema social de produção: tanto do “Sr. Zanini” quanto do operário que o aguardava de “cócoras”. Isso porque, na grande unidade produtiva – cientificamente organizada e controlada –, o ritmo da produção não pode prescindir de uma sequência cadenciada, onde se devem reduzir, cada vez mais, lacunas e interrupções. O tempo deve ser controlado ao máximo para que se consiga aproveitar, também ao máximo, a capacidade de trabalho durante o período de permanência dos trabalhadores na fábrica. E a organização científica do trabalho existe exatamente para isso. (MICELI, 1984, p.73)

O quadro 1.2 a seguir destaca as principais aquisições e *joint ventures* da Zanini e de suas afiliadas na busca de modernização tecnológica e na ruptura do período da cópia.

Quadro 1.2 – Joint ventures ou aquisição de tecnologia pela Zanini ou afiliadas

Empresa parceira	Origem	Principais equipamentos ou tecnologias
Salgitter AG	Alemanha	Centrífugas automáticas
Zahnrandfabric Renk AG	Alemanha	Redutores para ind. marinha
AEG KanisTurbinenfabric AG	Alemanha	Turbinas a vapor (AKZ)
KHD Klockner Humboldt Demag	Alemanha	Equip. para ind. de cimento e mineração
Humboldt Wemag	Alemanha	Equip. para ind. de cal e mineração
Stork-Werkspoor Sugar BV	Holanda	Cristalizadores e secadores para açúcar
Escher Wyss-Sulzer	Suíça	Turbinas hidráulicas
Foster-Wheeler Ltd	Canadá	Caldeiras a vapor e condensadores
Farrel Company	Estados Unidos	Moendas e redutores para usinas de açúcar
CMI Construzione Mec. Ind.	Itália	Gruas, guinchos, vagões e acopladores para siderúrgicas
Italimpianti	Itália	Carregadores de minérios para navios
Nuovo Pignoni	Itália	Turbo-compressor (AKZ)
Atlas	Dinamarca	Turbinas a vapor (AKZ)
The Thongaat Group Ltd	África do Sul	Desfibradores
Paul Otto Theil/Paul Jacquelin	África do Sul	Difusores
Abrios	Bélgica	Biotecnologia p/ tratamentos de efluentes
Biotin NV	Bélgica	Biodigestão de vinhaça
Jean Gauvrit	França	Projetos de destilarias
Joaquin Huercanos	Espanha	Sistemas de recuperação “Lixia Negra”
Aliance Machine Co	Estados Unidos	Pontes – desenhos
Anderleine Ltd (Gianfranco Mussi)	Itália	Projetos de destilarias
Jean Catherine Bouvett	França	Rolo lótus
Piero Listanti	Itália	Centrífugas automáticas
Pablo Ferraroti	Alemanha	Empilhadeiras (Meppam)
CIESP-CEISE e VHP3m. <i>Memorial Zanini: Zanini de todos e de todos os tempos.</i> Ciesp-Ceise/VHP3m Comunicação: Sertãozinho, 2002.		

Por meio da usina Santa Elisa, particularmente por intermédio de Maurílio Biagi, a produção agrícola da usina recorria à literatura e às universidades e centros de pesquisas estatais para “dominar” os solos ácidos de cerrado que se encontravam em algumas “manchas” nas áreas agrícolas. Sobre essa abertura de Maurílio Biagi às inovações, Hasse afirma: “Fascinado pela agricultura, foi um proprietário rural aberto a inovações. Esmerou-se em tornar o cerrado apto à lavoura. (...) Nunca manifestou inconformismo com o fato de ter

ficado com as terras de Sertãozinho, consideradas bem piores que as de Serrana” (HASSE, 1996, p.94). Das várias parcerias realizadas, a feita com o IAC – Instituto Agrônomo de Campinas – foi uma das que apresentaram mais êxito. Hasse (1996) afirma que Biagi incentivou inovações tanto na agricultura quanto na indústria:

Tanto para a lavoura como para a usina, Maurílio criou o costume de importar equipamentos novos. Gostava também de testar protótipos nacionais copiados dos estrangeiros por fábricas do interior paulista. Por leituras e conversas, sabia o quanto era vasto o campo para melhorar a qualidade do processo de cultivo, transporte e industrialização da cana-de-açúcar. (HASSE, 1996, p.95)

Mas foi na área industrial que a Santa Elisa proporcionou à Zanini condições de testar seus equipamentos e sistemas industriais. A partir dos anos 1960, com a modernização da empresa e a realização de parcerias internacionais para aquisição de tecnologia, a usina servia para testar cada novo equipamento ou sistema fabricado segundo as adaptações necessárias à realidade brasileira e do setor sucroalcooleiro nacional.

Os sistemas organizacionais e de gestão de empresas como Zanini, Tecomil, Galassi, Samperfil, Golive e outras encontravam grande dificuldade para se adaptar à nova realidade econômica do país e do setor sucroalcooleiro nas décadas de 1980 e 1990. Na verdade, várias empresas nasceram, cresceram e se desenvolveram, principalmente a partir do crescimento acelerado do setor sucroalcooleiro e das oportunidades então criadas. E o aproveitamento das oportunidades por parte de alguns trabalhadores e investidores, quer pelos seus conhecimentos técnicos, quer pela sociabilidade construída nas relações sociais e de trabalho para fundar empresas, não significava sucesso ou vida longa, já que muitos careciam da profissionalização nos setores administrativos e de gestão³⁸.

A diminuição do papel do Estado na economia, quer seja em parcerias ou em financiamentos, quer seja por meio do Proálcool, agravava essa problemática local. Várias empresas sertanezinhas dependiam do antigo BNDE – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico – (atual BNDES) para o financiamento de sua expansão produtiva ou para o financiamento de grande parte dos seus clientes (destilarias e usinas). Algumas empresas ainda tinham participação econômica do Estado por intermédio do BNDE: caso da Renk-Zanini e da AKZ Turbinas, que foram criadas a partir de um sistema tripartite de capital – capital privado (Zanini), capital estatal (BNDE) e capital estrangeiro.

³⁸ A exceção foi a Zanini, que, já na década de 1960, realizava seu Plano de Expansão, por meio do qual buscava, dentre várias transformações, a modernização de seu setor administrativo. A contratação do engenheiro José Rossi Jr., que já havia passado pela direção de várias empresas estatais do setor de siderurgia, foi um marco nessa modernização.

Ocorreu um rompimento com a política econômica nacional-desenvolvimentista dos governos militares, como ressalta Franca:

(...) A ruptura do modelo econômico nacional-desenvolvimentista e a adoção do modelo neoliberal – porta de entrada para a financeirização da economia, para as privatizações, liberalização dos mercados, cortes nos gastos sociais e pagamento da dívida externa. (FRANCA, 2006, p.8)

O novo modelo econômico adotado no país a partir do final dos anos 1980 diminuiu gradativamente o modelo desenvolvimentista, por meio do qual o Estado, implementando ou financiando grandes obras e projetos pelo território nacional, induzia o crescimento da economia produtiva, que era a base de algumas empresas localizadas em Sertãozinho. A Zanini (e suas afiliadas) disputou e venceu várias concorrências públicas para fornecimento de plantas, sistemas e equipamentos industriais na área de siderurgia e metalurgia, portos e ferrovia, setor militar, petróleo e outros. A ruptura desse modelo econômico fez aumentar as dificuldades enfrentadas pelas médias e grandes empresas locais, que, pelo seu porte, apresentavam um elevado custo operacional.

1.2.5. Nova industrialização? Uma aglomeração de empresas com tendência de formação de um APL

A partir da década de 1980, percebeu-se, em Sertãozinho, um processo que se instalou no Brasil como um todo: a forte crise econômica (estagnação e inflação) passou a restringir as possibilidades de crescimento da economia. A partir da década de 1990, a desregulamentação da economia, a abertura econômica comercial e a implantação da política econômica neoliberal instalaram, no Brasil e em seu setor industrial, um conjunto de transformações que mudou substancialmente esse segmento econômico: privatizações de indústrias de base, de sistemas de transmissão de energia, de sistemas de transporte, de sistemas de comunicação – todos eles setores fortemente ligados ao setor industrial; internacionalização de indústrias e segmentos industriais; forte concorrência com indústrias e produtos industrializados estrangeiros; forte concorrência com filiais de indústrias multinacionais que se instalaram no país; reestruturação produtiva; modernização tecnológica; diminuição da massa de trabalhadores; terceirização e subcontratação.

Nesse contexto internacional-nacional de intensas e rápidas transformações, a empresa sertanezina se encontrava despreparada para “viver” essa nova economia em

desenvolvimento. As grandes e médias indústrias enfrentavam uma forte crise e recessão – agravadas pelo congelamento e posterior extinção do Proálcool. Várias empresas demitiram parte de seus trabalhadores, algumas paralisaram suas atividades e, posteriormente, foram fechadas ou compradas e incorporadas.

Nesse período de transição da crise, a Zanini Equipamentos Pesados e a Dedini de Piracicaba, antigas concorrentes no setor sucroalcooleiro, anunciaram a fusão no setor metal-mecânico nacional. Essa fusão ocorreu em um momento em que essas empresas enfrentavam sérias dificuldades econômicas. Da fusão, nasceu DZ (Foto 1.5, na página seguinte), em 1996, que durou poucos anos, já que as divergências entre os dois grupos eram maiores que a necessidade de estarem juntas. A fusão se desfez, e essa nova empresa foi incorporada pela Dedini, que manteve em Sertãozinho, inicialmente, parte da caldeiraria do grupo Dedini. A Zanini, que saiu da sociedade, manteve sua atuação industrial no setor sucroalcooleiro (e em outros setores) por meio das empresas do grupo Biagi, principalmente a Sermatec³⁹.

Em Sertãozinho, criou-se um ambiente psicológico de grande frustração com o desfecho da parceria (sentimento de derrota para a Zanini e, portanto, para Sertãozinho) e o medo de a Dedini desativar a unidade nesse município e causar uma onda de pessimismo entre as empresas, por um lado, e de forte desemprego, por outro.

Essas dificuldades encontradas pela Zanini (e depois pela DZ) não foram um fato isolado em Sertãozinho. Das maiores indústrias locais, várias enfrentaram graves problemas financeiros, administrativos e comerciais. Algumas indústrias paralisaram suas atividades (falências, fusões e aquisições) e outras iniciaram um processo de reestruturação produtiva que favoreceu, entre outras condições, a subcontratação e a terceirização de outras empresas. Desse processo nasceu um grande número de micro e pequenas empresas e indústrias.

³⁹ O direcionamento de parte do antigo mercado da Zanini para a Sermatec rendeu uma ação da Dedini na justiça, alegando que, no contrato de fusão com a Zanini, ambas as partes deveriam honrar o compromisso legal de que suas afiliadas não atuariam em mercados comuns à DZ.

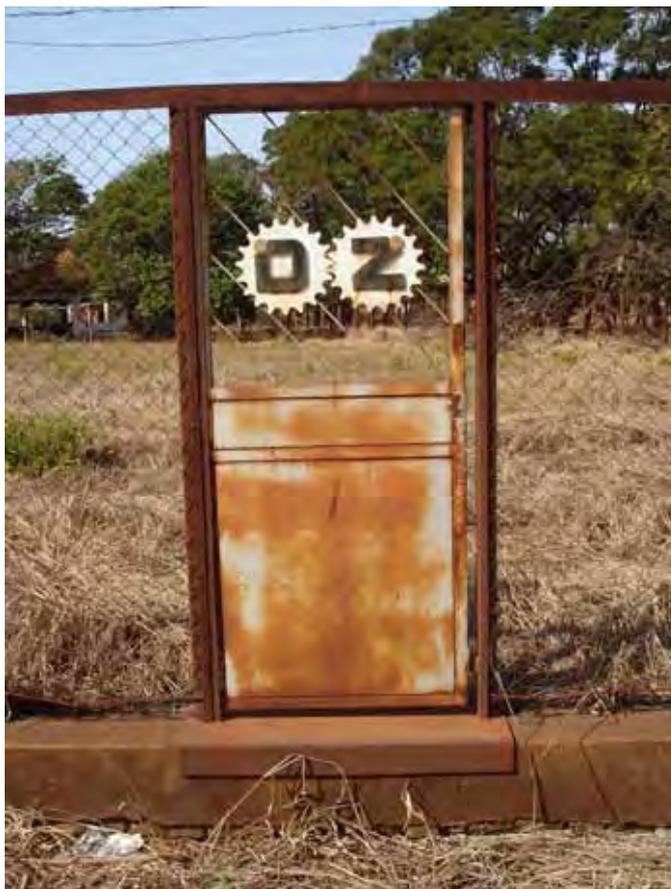


Foto 1.5 – Símbolo da DZ, fusão Dedini-Zanini, empresa que não duraria meia década.

Nesse contexto negativo da economia hegemônica de Sertãozinho, começou a ocorrer um processo muitas vezes informal e, em outros casos, formal, mas, em ambos, um processo coordenado e orientado por algumas grandes e médias empresas: o surgimento de micro e pequenas empresas na prestação de serviços industriais para médias e grandes indústrias.

O surgimento de inúmeras empresas e indústrias de pequeno porte com origem “harmônica”⁴⁰ com empresas de maior porte – suas indutoras e incentivadoras – possibilitou o desenvolvimento e o fortalecimento de laços de cooperação entre empresas, laços esses horizontalizados, solidários e comunitários. Nesse contexto, um sistema de micro, pequenas e médias empresas (MPMEs) começou a se constituir, e o projeto local se tornou mais explícito e agressivo. É esse período da história econômica que nos interessa neste estudo, já que o sistema de MPMEs, associado ao projeto local, fundamenta a nossa tese da formação (informal) de um arranjo produtivo local potencial ou precoce.

⁴⁰ As micro e pequenas empresas que surgiram eram complementares às médias e grandes empresas e, portanto, muitas foram incentivadas por essas últimas. As médias e grandes, ao subcontratar/terceirizar a produção de equipamentos ou parte de sua produção, diminuía custos, bem como fragmentavam a classe trabalhadora em várias unidades de produção e, portanto, dificultavam sua organização e mobilização.

A nova realidade da economia nacional (internacionalizada) colocou em xeque o modelo organizacional e produtivo adotado até então pelas empresas locais: grande e ocioso parque industrial, dependência direta do Estado, excessiva especialização produtiva (no setor sucroalcooleiro), dependência do Proálcool e vulnerabilidade das oscilações econômicas desse setor (preços do álcool-petróleo e do açúcar). Nesse período de crise das médias e grandes empresas, aconteceu localmente o fenômeno acelerado da fundação de micro, pequenas e médias empresas (Quadro 1.3, na página seguinte).

A formas de nascimento dessas empresas e a origem comum de seus fundadores são condições que favoreceram a cooperação inter-firma e a formação⁴¹ de um sistema localizado de micro, pequenas e médias empresas.

O antigo sistema produtivo local fundado em poucas indústrias, predominantemente de médio e grande portes e concorrentes entre si, foi substituído por um sistema de várias micro, pequenas e médias empresas solidárias (solidariedade institucional) e com ambiente cooperativo: tem-se a gênese da formação informal de um sistema de MPMEs.

Quadro 1.3 – Período de fundação das empresas sertanezinhas existentes ligadas ao setor sucroalcooleiro

Período	Indústrias/empresas criadas	Momento histórico local e/ou nacional/mundial
1901-1910	03	Implantação e desenvolvimento da cafeicultura
1911-1920	01	Auge da cafeicultura
1921-1930	01	Auge da cafeicultura
1931-1940	01	Crise do café
1941-1950	06	Substituição da cafeicultura pela cana
1951-1960		Desenvolvimento canavieiro
1961-1970	09	Desenvolvimento canavieiro
1971-1980	19	Crise do petróleo e criação do Proálcool
1981-1990	37	Proálcool e crise econômica
1991-2000	63	Crise do Proálcool e reestruturação produtiva
2001-2008	22	Reestruturação produtiva, valorização do petróleo e veículos bicompostíveis

Org. Reinaldo Tronto, com dados de Hasse (1996), CIESP-CEISE e VHP3m (2002), CEISE (2005), páginas eletrônicas das empresas e entrevistas.

⁴¹ O nosso estudo da formação desse sistema de MPMEs tem mostrado que seu surgimento – apesar do apoio das médias e grandes empresas – não foi, num primeiro momento, coordenado como projeto local. É muito recente o papel do Ceise – Centro das Indústrias de Sertãozinho e Região – na coordenação das ações coletivas das empresas e, do ponto de vista do desenvolvimento local, como agente hegemônico e articulador. Antes de o Ceise assumir esse papel, o que existia era a atuação isolada de empresas ou a atuação hegemônica da Zanini.

Uma síntese da formação socioespacial com os principais eventos geográficos e econômicos da história de Sertãozinho e seus principais desdobramentos, contextualizados à luz da história econômica brasileira e mundial, permite inferir sobre a forte influência dos fatores externos nesse processo.

Arriscamos uma periodização própria, utilizando alguns autores que contribuíram para periodizações anteriores, como Furlan Junior (1956) e Ianni (1977). O primeiro autor dividiu a história geográfica em ciclos: ciclo do café, ciclo do algodão e ciclo da cana-de-açúcar. Por sua vez, Ianni a dividiu em períodos: do café, da policultura e da agroindústria açucareira. Nossa proposta de periodização difere um pouco das anteriores, pois partimos do fenômeno da industrialização para constituir esses períodos. Os autores anteriores ou vivenciaram uma industrialização incipiente (caso de Furlan Junior) ou um período da industrialização que se concentrava no surgimento das grandes e médias indústrias até a década de 1970, com o Proácool (caso de Ianni). Além de linhas metodológicas um pouco diferentes, os proponentes das três periodizações vivenciaram e estudaram momentos históricos diferentes. A partir dessas duas periodizações, propomos os seguintes recortes históricos (Quadro 1.4, na página seguinte):

Quadro 1.4 – Periodização do município de Sertãozinho

Período histórico	Data	Principais características
Domínio da natureza	Até 1900	Lei de Terras (1850); Ocupação, desmatamento e agricultura e pecuária de subsistência
Construção da paisagem cafeeira	1900-1930	Monopolização das terras pela monocultura cafeeira; povoamento estrangeiro (italianos, principalmente); rápida transformação do espaço natural; surgimento de indústrias artesanais de madeira e metais prestadoras de serviços para as fazendas de café
Cana-de-açúcar e usinas	1930-1950	Crise do café (crise de 1929) e substituição pela agricultura canavieira; fundação e desenvolvimento de diversas usinas; desenvolvimento de algumas indústrias especializadas na manutenção de usinas
Industrialização	1950-1980	Fundação de importantes indústrias (Zanini, em 1950; Moreno, em 1960; Samperfil, em 1962; DMB e Tecomil, em 1964; Golive, em 1968; Caldema e Camaq, em 1962; Incas e Smar, em 1974) e industrialização acelerada do município, principalmente a partir da criação do Proálcool, em 1975 (Sermatec, AKZ e Renk-Zanini, em 1976; Meppam e Gascom, em 1977);
Crise e reestruturação industrial	1980-1990	CRISE: Estagnação da economia brasileira e congelamento do Proálcool na década de 1980 (fechamento da Samperfil) e abertura econômica e extinção do Proálcool na década de 1990 (Zanini e Dedini, de Piracicaba, fundem-se e formam a DZ, que, mais tarde, passa ao controle total da Dedini; Meppam e Tecomil paralisam atividades; AKZ é vendida à Asea Brown Boverly); greves dos metalúrgicos REESTRUTURAÇÃO: Fundação de mais de uma centena de indústrias; criação da Sucro-Álcool (hoje Fenasucro); criação do CEISE (Centro das Indústrias de Sertãozinho e Região); sindicato dos Metalúrgicos troca a CUT pela Força Sindical; criação da Tecnosert
Formação de um APL ou sistema de MPME	1990-dias atuais	Fundação de mais de uma centena de micro, pequenas e médias empresas; fundação da Escola Técnica Federal (CEFET) e do Senai; Programa de Controle de Qualidade (ISO 9000) é adotado por diversas empresas; movimento nacional pela retomada do Proálcool conta com diversas lideranças sertanezinhas (Fórum Nacional do Álcool é realizado em Sertãozinho); Programa Nacional de Co-geração de Energia; carros bicombustíveis (<i>flex</i>); criação das feiras Agrocana e Forind; governo do estado anuncia a instalação de unidade da FATEC (Faculdade de Tecnologia); governo federal investe no biodiesel.
Org. Reinaldo Tronto, com dados de FURLAN JUNIOR (1957), BIAGI (1987), HASSE (1996), entrevistas a empresários e páginas eletrônicas das empresas instaladas em Sertãozinho.		

Capítulo 2

A especialização produtiva na região de Ribeirão Preto e em Sertãozinho

O estudo de Sertãozinho e do seu desenvolvimento (e de um arranjo produtivo local potencial ou precoce) corresponde, acima de tudo, ao estudo da produção do espaço e de seu desenvolvimento (local) segundo um projeto próprio. Esse esforço, em parte, foi empreendido no capítulo anterior e será retomado nos capítulos seguintes.

No capítulo anterior, ao se tratar da periodização de Sertãozinho, percebe-se que, no decorrer de sua história, esse município foi construindo especializações de acordo com cada período histórico: inicialmente a agricultura cafeeira, posteriormente a canavieira e sua agroindústria e em seguida a industrialização especializada em indústrias intermediárias (produtoras de máquinas e equipamentos industriais).

A especialização produtiva, fundada em uma diversidade de territórios, de acordo com as funções que cada um exerce, é produto da economia mundializada de espaços globalizados. Em um período de grande avanço científico e tecnológico nas comunicações e nos transportes, em que o “ontem” se proclamou o fim e o sepultamento do espaço, vemos que a lógica da economia espacial é outra: a lógica da valorização dos subespaços. Com o “encurtamento” das distâncias, o aumento da velocidade, a queda relativa nos custos dos deslocamentos, o aumento da segurança nos deslocamentos e a comunicação instantânea, os espaços passam a ser revalorizados e incorporam uma importância maior em função do arranjo particular que cada um pode apresentar e do que isso pode oferecer para a ordem da economia mundializada, ou seja, as possibilidades que cada território oferece para a realização da economia mundializada e da globalização.

Apesar de analisar a globalização da economia metropolitana, Benko aponta a constituição de uma estrutura estratificada fundada na conjunção de sistema local e região:

A globalização da economia metropolitana na economia regional caminha de par com o estabelecimento de uma nova organização territorial que aparece, ao mesmo tempo, como um efeito e como uma causa do desenvolvimento geral. Ela se caracteriza por sua estrutura estratificada e pela emergência de uma territorialidade regional. Por sua estratificação entendemos a conjunção, no território regional, de dois sistemas organizacionais: o dos sistemas locais e o da região. (BENKO, 1996, p.79)

O município de Ribeirão Preto não é metrópole, sua região não se apresenta como uma região metropolitana e, portanto, Sertãozinho não está inserida em uma região metropolitana,

mas o funcionamento dessa região e de seus sistemas locais pode ser explicado pela afirmação acima.

A análise da região canavieira de Ribeirão Preto aponta para uma integração, interação e interdependência tão fortes entre grande parte dos municípios dessa região, que a relação entre eles não se apresenta menos importante que as relações em uma região metropolitana. Reforçando essa tese, encontramos uma forte integração da economia da região à economia nacional e mundial e a existência ali de um sistema regional e, internamente a esse sistema, alguns sistemas locais: Sertãozinho, Jaboticabal e mesmo Ribeirão Preto.

2.1. A especialização agroindustrial canavieira da região de Ribeirão Preto

A ocupação, a transformação e o desenvolvimento da região de Ribeirão Preto estiveram e estão associados ao movimento da economia paulista e brasileira. No início, houve a marcha do café para o oeste paulista e, posteriormente, com a crise do café e a criação do Proálcool, ocorreram, respectivamente, a substituição do café pela cana-de-açúcar e o grande desenvolvimento da agroindústria sucroalcooleira.

A formação socioespacial da região de Ribeirão Preto, apesar de ser parte de um movimento maior – nacional e global –, apresenta uma especificidade. A ocupação, a organização e a produção desse espaço pelo fazendeiro de café (empresário) e pelo imigrante de origem europeia – principalmente italiana – apresentaram uma característica regional própria na reprodução do capital: a forma de dividir os lotes e de organizar o espaço para a produção do café; as relações sociais ali construídas entre os proprietários, entre proprietários e trabalhadores, entre os trabalhadores, entre esses agentes e os agentes políticos, os artesãos urbanos e os profissionais liberais; as relações campo-cidade; a estruturação do espaço regional por meio do desenvolvimento desigual e combinado.

Com a decadência da cafeicultura a partir da crise de 1929, o café perdeu, nas escalas regional, estadual e nacional, “espaço” (importância econômica e superfície espacial) para a cana-de-açúcar.



Foto 2.1 – Paisagem agrícola canavieira típica da região de Ribeirão Preto.
Reinaldo Tronto, 2007.

No entanto, a região de Ribeirão Preto continua especializada na agricultura. Ao trocar a cafeicultura pela cana-de-açúcar, manteve uma organização política, econômica, social e espacial que ainda sofre influência da agricultura. Apesar do desenvolvimento industrial em algumas cidades e do grande desenvolvimento do setor terciário em Ribeirão Preto (polo regional que extrapola seus limites de Região Administrativa e de Região de Governo, assim como extrapola também a própria fronteira na região nordeste do estado de São Paulo, no limite com Minas Gerais), a economia regional é caracterizada por uma especialização econômica baseada no sistema produtivo sucroalcooleiro.

A tabela 2.1 a seguir apresenta dados da participação de cada setor econômico na economia municipal. Foram selecionados os municípios da Região de Governo de Ribeirão Preto que estão localizados na fronteira com os municípios de Ribeirão Preto e de Sertãozinho ou que têm maior interação econômica com eles, considerando-se prioritariamente o setor sucroalcooleiro:

Tabela 2.1 – Divisão Regional do Trabalho na RG de Ribeirão Preto-SP – Municípios selecionados

Participação dos setores econômicos em valores brutos (em mil reais) para 2003			
Município	Agropecuária	Indústria	Serviço
Ribeirão Preto	74.809	1.698.831	3.701.455
Sertãozinho	74.863	873.819	538.021
Dumont	9.190	9.881	31.331
Pontal	48.227	180.289	127.554
Pitangueiras	78.669	87.250	112.406
Barrinha	24.443	30.197	72.269
Jaboticabal	114.201	205.954	327.055
Jardinópolis	32.261	47.745	200.913
Com dados do IBGE em www.ibge.gov.br : em cidade . Acesso em 20/06/2007 e 02/09/2008.			

Os dados da tabela apontam para uma condição em que todos os municípios têm o setor agropecuário com o menor valor bruto. Isso se deve ao fato de o preço dos produtos desse setor apresentar um baixo valor agregado. Outro fato a se considerar é que todos os municípios – exceto Dumont – apresentam no mínimo uma unidade industrial (usina ou destilaria) relacionada ao setor canavieiro: daí o secundário apresentar, em todos esses municípios, valor bruto superior ao da agropecuária. E um último ponto a considerar é a preponderância do setor terciário em todos os municípios, exceto em Sertãozinho. Essa condição é explicada pela forte urbanização nesses municípios, fato que permite o desenvolvimento de um setor de serviços para o mercado urbano local. Já no caso de Sertãozinho, a preponderância da indústria é explicada pela forte industrialização do município, com destaque para a indústria de bens de produção em que o valor agregado é elevado.

Os dados das tabelas a seguir destacam o valor adicionado da agropecuária nos municípios (tabela 2.2) e a participação desse setor no valor adicionado total (tabela 2.3).

Tabela 2.2 – Municípios da RA de Ribeirão Preto – Valor adicionado da agropecuária (em milhões de reais correntes) – 2003

Altinópolis	105,55
Barrinha	24,44
Brodowski	42,02
Cajuru	49,60
Cássia dos Coqueiros	11,34
Cravinhos	52,82
Dumont	18,64
Guariba	47,74
Guatapar	110,87
Jaboticabal	114,20
Jardinópolis	78,89
Luís Antônio	94,07
Monte Alto	133,41
Pitangueiras	78,67
Pontal	48,28
Pradópolis	19,11
Ribeirão Preto	74,81
Santa Cruz da Esperança	10,41
Santa Rosa de Viterbo	45,18
Santo Antônio da Alegria	23,47
São Simão	56,21
Serra Azul	38,45
Serrana	15,98
Sertãozinho	74,86
Taquaral	44,55
Reinaldo Tronto, com dados do Seade.	

Tabela 2.3 – Municípios da RA de Ribeirão Preto – Participação da agropecuária no total do valor adicionado (em %) – 2003

Altinópolis	58,42
Barrinha	19,26
Brodowski	32,80
Cajuru	33,24
Cássia dos Coqueiros	57,27
Cravinhos	23,48
Dumont	31,31
Guariba	12,11
Guatapar	75,48
Jaboticabal	17,64
Jardinópolis	29,13
Luís Antônio	20,34
Monte Alto	27,12
Pitangueiras	28,27
Pontal	13,56
Pradópolis	7,94
Ribeirão Preto	1,37
Santa Cruz da Esperança	57,93
Santa Rosa de Viterbo	16,06
Santo Antônio da Alegria	51,82
São Simão	44,44
Serra Azul	58,03
Serrana	6,11
Sertãozinho	5,04
Taquaral	69,10
Reinaldo Tronto, com dados do Seade	

A análise das tabelas aponta que os dois municípios mais industrializados, Ribeirão Preto e Sertãozinho (tabela 2.1), apesar de serem monocultores – e Ribeirão Preto tem a quarta maior superfície (área) –, não estão entre os sete maiores valores adicionados na agropecuária (tabela 2.2). Reafirmam essa condição os dados da tabela 2.3, que aponta esses dois municípios como as menores participações da agropecuária no valor adicionado total. A análise desses dados à luz da configuração econômica e espacial da região e de cada município permite compreender que, para os municípios mais ricos e industrializados, a agricultura canavieira tem uma participação pequena no total do valor adicionado.

É importante destacar que, apesar de ser a maior economia e o polo político e econômico regional, Ribeirão Preto tem um valor adicionado na agropecuária – R\$ 74.810.000,00 – inferior a vários municípios: Monte Alto (R\$ 133.410.000,00), Jaboticabal (R\$ 114.200.000,00), Altinópolis (R\$ 105.550.000,00), Guatapará (R\$ 110.870.000,00), Jardinópolis (R\$ 78.890.000,00), Pitangueiras (R\$ 78.670.000,00), Sertãozinho (R\$ 74.860.000,00). Apesar de ter a quarta maior superfície (650 km²) – menor apenas que Altinópolis (929 km²), Jaboticabal (707 km²) e Cajuru (929 km²) –, o valor adicionado de Ribeirão Preto é apenas o 8º maior da região.

É bem verdade que, apesar de ser a atividade econômica de menor importância na composição do valor adicionado ribeirão-pretano, a agricultura canavieira é indutora direta e indireta, a partir desse município ou da região canavieira que polariza, do grande desenvolvimento da indústria e dos serviços em Ribeirão Preto e em todos os municípios da região. Essa influência e o grande desenvolvimento da economia canavieira nesse espaço conferem especialização agroindustrial à região de Ribeirão Preto.

Essa especialização agrícola regional, construída a partir do modelo de ocupação e produção desse espaço, mantém ainda muitas características da sua gênese. “Simultaneamente, à medida que avançava a monocultura cafeeira, ocorria a ocupação ou concentração da propriedade fundiária” (IANNI, 1977, p.6). A monocultura e a concentração/monopolização de terras são dois importantes exemplos da herança histórica do modelo de produção do espaço da região de Ribeirão Preto.

Essas características estão relacionadas à concentração e centralização do poder econômico e político por parte dos fazendeiros de café no passado e dos usineiros na atualidade. Essa concentração garante, na atualidade, uma forte estabilidade econômica e produtiva para as usinas, ao passo que elas passam a ter domínio absoluto das operações agrícolas em um vasto espaço, o que garante também certo controle dos preços de

arrendamentos e de compra e venda das terras. As tabelas 2.4 e 2.5 a seguir apresentam dados do número de estabelecimentos agropecuários e da participação desses estabelecimentos no total dos estabelecimentos.

Tabela 2.4 – Municípios da RA de Ribeirão Preto – Número de estabelecimentos da agropecuária – 2003

Altinópolis	240
Barrinha	15
Brodowski	88
Cajuru	236
Cássia dos Coqueiros	77
Cravinhos	140
Dumont	44
Guariba	36
Guatapar	75
Jaboticabal	255
Jardinópolis	164
Luís Antônio	36
Monte Alto	224
Pitangueiras	122
Pontal	43
Pradópolis	8
Ribeir Preto	222
Santa Cruz da Esperança	21
Santa Rosa de Viterbo	99
Santo Antônio da Alegria	129
São Simão	76
Serra Azul	36
Serrana	47
Sertãozinho	105
Taquaral	22
Reinaldo Tronto, com dados do Seade	

Tabela 2.5 – Municípios da RA de Ribeirão Preto – Proporção dos estabelecimentos agropecuários no total – 2003

Altinópolis	49,69
Barrinha	6,58
Brodowski	21,73
Cajuru	42,29
Cássia dos Coqueiros	78,57
Cravinhos	22,99
Dumont	33,59
Guariba	8,53
Guatapar	53,57
Jaboticabal	15,04
Jardinópolis	22,75
Luís Antônio	18,56
Monte Alto	19,34
Pitangueiras	25,63
Pontal	9,07
Pradópolis	4,97
Ribeirão Preto	1,50
Santa Cruz da Esperança	67,74
Santa Rosa de Viterbo	21,24
Santo Antônio da Alegria	69,35
São Simão	26,48
Serra Azul	36,00
Serrana	10,61
Sertãozinho	4,59
Taquaral	44,90
Reinaldo Tronto, com dados do Seade	

As tabelas anteriores destacam algumas situações importantes da organização do espaço agrícola regional. Alguns municípios de economia basicamente canavieira e com grande desenvolvimento e dependência nesse setor mostram uma forte monopolização das terras (tabela 2.4): Barrinha (15 estabelecimentos), Dumont (44), Guariba (36), Pontal (43), Pradópolis (8), Serrana (47). Os dados indicados na tabela 2.5 apontam que alguns desses municípios têm uma participação muito pequena dos estabelecimentos agropecuários no total dos estabelecimentos: Barrinha (6,58%), Guariba (8,56%), Pontal (9,07%), Pradópolis (4,97%), Serrana (10,61%).

Outro fator determinante na importância da monopolização das terras está relacionado às garantias que as usinas passam a ter em relação ao fornecimento de cana e ao preço dela para a indústria (usina). A monopolização das terras e a monocultura da cana são, portanto, necessárias à usina, no que tange ao controle de preços de matéria-prima e à segurança desse fornecimento.

Os dados da tabela 2.5 apontam para a especialização econômica de alguns municípios além da agricultura canavieira, condição justificada pela pequena participação dos estabelecimentos da agropecuária no total dos estabelecimentos, como os exemplos a seguir:

- Ribeirão Preto tem participação de 1,5%, em função da sua forte especialização no terciário, bem como o desenvolvimento do secundário. No caso do terciário, ocorre uma quantidade muito grande de estabelecimentos. Deve-se destacar que Ribeirão Preto apresenta 222 estabelecimentos agropecuários (5º lugar), mas o elevado número de estabelecimentos comerciais e de serviços determina a pequena participação dos estabelecimentos agropecuários;
- Sertãozinho tem participação de 4,59%, em razão da forte especialização industrial e do comércio local relativamente desenvolvido. É importante destacar que esse município aparece na décima posição na tabela com o número de estabelecimentos da agropecuária (tabela 2.4). A menor concentração de estabelecimentos agropecuários – mesmo sendo o município com maior número de usinas e destilarias (sete no total) – está associada à localização do sistema Copercana-Canaoeste-Cocred, tríade de instituições de defesa dos plantadores de cana e proprietários rurais;

- Jaboticabal tem participação de 15,04%, devido ao desenvolvimento dos setores terciário e secundário destinados ao mercado local. Apesar da pequena participação no total dos estabelecimentos, esse município apresenta o maior número de estabelecimentos agropecuários – 255 – entre todos os municípios da região. Essa condição pode ser explicada pela localização do *campus* da Unesp especializado no setor agropecuário. Essa universidade pública, além de realizar pesquisas nesse setor, tem vários programas de apoio para o setor e seus produtores e proprietários de estabelecimentos agropecuários.



Foto 2.2 – Trabalhadores do corte de cana no município de Sertãozinho.
Reinaldo Tronto, 2008.



Foto 2.3 – Usina São Francisco.
Reinaldo Tronto, 2006.

2.2. A especialização industrial de Sertãozinho

A indústria, enquanto atividade econômica, aparece em Sertãozinho concomitantemente ao aparecimento do núcleo urbano – 1896. Nesse período, era uma atividade com um peso econômico e social muito pequeno e sem uma especialização, constituída por artesãos que prestavam serviço de fabricação de móveis, carroças, alimentos e equipamentos para as fazendas. Essas atividades quase sempre eram praticadas em um cômodo no fundo da casa ou mesmo no seu quintal. Concentravam-se geralmente na área central da cidade, em função da facilidade da comercialização de seus produtos com a pequena população urbana, bem como com a população rural, que se dirigia ao núcleo urbano para as compras de provimentos necessários à vida no campo.

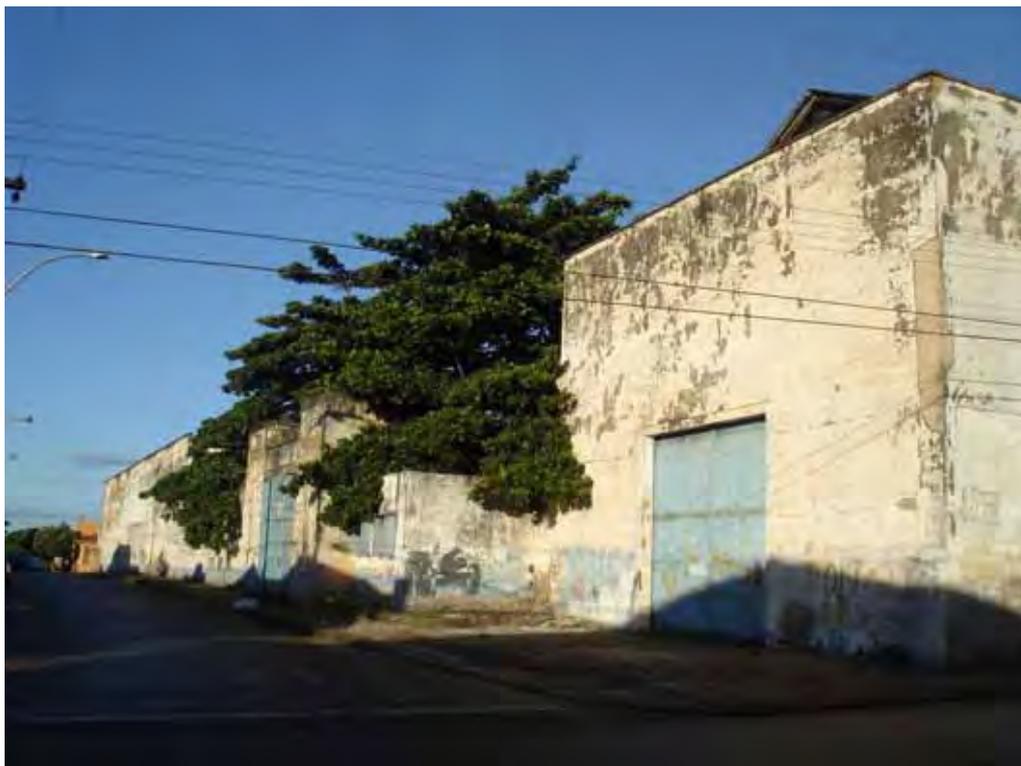


Foto 2.4 – Antigo prédio da Zanini, localizado na área central da cidade.

Em 2008, foi ocupado pelo movimento sem teto local.

Reinaldo Tronto, 2007.

Com o desenvolvimento industrial ocorrido a partir do término da Segunda Guerra Mundial e acelerado a partir da década de 1990 (Proálcool), essa atividade econômica ganhou um novo *status* na economia local, mesmo que, no início, estivesse ainda muito vinculada e dependente do campo canavieiro. Com o surgimento de novas indústrias e de indústrias mais complexas, a industrialização passou a construir uma racionalidade espacial, política, econômica e cultural em Sertãozinho. De uma atividade economicamente dependente da agricultura canavieira e política e espacialmente desarticulada, a indústria, enquanto atividade econômica, passou a buscar e constituir traços de modernização, cientificidade e desenvolvimento.

Da localização central e em espaços de área limitada, as empresas passaram, principalmente a partir da década de 1970 (Proálcool), a buscar a periferia urbana localizada às margens da rodovia Armando de Salles Oliveira (SP322). Essa importante via interurbana passa na fronteira urbana da cidade, ligando-a, direta ou indiretamente, a diversas cidades⁴² da região que se constituíram em mercado dos produtos fabricados em Sertãozinho para a

⁴² Essa rodovia liga Sertãozinho às cidades de Pontal e Pitangueiras e à região de Bebedouro. No nó com a rodovia Atílio Balbo, liga o município a Ribeirão Preto e aos municípios do entorno, e a Barrinha e Jaboticabal e aos municípios vizinhos. Por uma vicinal que sai desse nó, liga Sertãozinho ao município de Dumont.

agroindústria canavieira. É nessa área da cidade que se desenvolveu a maior aglomeração industrial do município e é onde estão localizados o distrito industrial e os loteamentos industriais. Sobre o processo de concentração e aglomeração da indústria, Andrade (1996) explica:

As indústrias que anteriormente se distribuíam de forma anárquica pelo centro e pela periferia das cidades vêm sendo disciplinadas e localizadas em determinadas áreas, onde são construídos os distritos industriais e onde o Estado implanta obras de infraestrutura que racionalizam o acesso da matéria-prima e o escoamento da produção industrial (ANDRADE, 1986, p.280).

Os elementos motivadores do deslocamento das indústrias em Sertãozinho e de sua concentração no eixo rodoviário – principalmente na rodovia Armando de Salles Oliveira – estão vinculados à transferência da Zanini S. A. Equipamentos Pesados⁴³, à disponibilidade de novas e maiores áreas, à facilidade de manobras de caminhões carregados com matérias-primas de indústrias de grande porte e com produtos fabricados por essa indústria e à instalação de outras grandes e médias empresas (Sermatec, Simisa, Moreno, DMB, Caldema, Camaq, TGM).

A economia da proximidade teve e tem papel hegemônico, na atualidade, na escolha da localização das novas empresas e dos loteamentos industriais: ficar próximo das grandes e médias empresas, que são os principais clientes de grande parte das MPMEs locais.

Também deve-se destacar o eixo rodoviário que tem o objetivo de facilitar o carregamento e o transporte das máquinas e peças de grande porte⁴⁴ fabricadas por essas indústrias até as cidades, usinas e destilarias e principais eixos rodoviários do estado de São Paulo. Esse é um fator importante, como já foi dito, para as indústrias que fabricam máquinas e equipamentos de grande área e peso. É importante destacar que as duas principais rodovias regionais – Armando de Salles Oliveira e Atílio Balbo – são duplicadas e apresentam um elevado padrão de qualidade quanto a sua pavimentação e manutenção. Essas rodovias foram privatizadas na década de 1990 e estão sobre a concessão das empresas Via Norte e Triângulo do Sol.

⁴³ Maior indústria da cidade (grande porte) e uma das maiores da região por quase meio século (1950-1990). Comandava a vida de Sertãozinho e influenciava na vida canavieira regional.

⁴⁴ Nas entrevistas realizadas nas empresas, foi apontado pelos diretores que a mudança para a região da rodovia estava vinculada à maior necessidade de espaço para a fábrica e para as manobras dos caminhões que carregam os equipamentos e peças e, portanto, maior facilidade para o escoamento da produção.



Foto 2.5 – Rodovia Armando de Salles Oliveira.

Em suas margens, desenvolveu-se grande parte da aglomeração industrial de Sertãozinho.
Reinaldo Tronto, 2007.

Quanto à especialização industrial, Sertãozinho apresenta três principais segmentos industriais: a indústria sucroalcooleira (usinas produtoras de açúcar, álcool e bioenergia⁴⁵), a indústria mecânica (de fabricação de máquinas, equipamentos e sistemas produtivos para usinas, destilarias e outras usinas) e as indústrias de implementos agrícolas (para a agricultura canavieira). É importante ressaltar que a interação entre esses três segmentos industriais é muito forte, a ponto de criar uma forte cooperação para o projeto local (não criando fortes rivalidades locais). Essa interação e a interdependência dos segmentos são potencializadas pela atuação dos três segmentos no setor sucroalcooleiro.

Na atualidade, dos três setores citados, a indústria mecânica tem maior importância econômica, política e social, pois é numericamente⁴⁶ maior que os outros segmentos, apresenta uma receita também maior e, principalmente, participa hegemonicamente do projeto local. É esse segmento que vamos privilegiar na análise da especialização do município de Sertãozinho e na formação do arranjo produtivo local potencial ou precoce.

⁴⁵ Produção de energia elétrica nas usinas a partir da queima do bagaço. O excedente dessa energia é vendido para a distribuidora regional de energia (nessa região, a CPFL).

⁴⁶ População de indústrias

O desenvolvimento da indústria e a sua importância em Sertãozinho podem ser exemplificados pela sua participação de 58,78% no total do valor adicionado, participação superior à da Região de Governo de Ribeirão Preto, com 36,47%, e, no estado de São Paulo, com 46,26%. Esse dado é essencial para demonstrar a especialização industrial local.

Esse percentual elevado para a participação da indústria é confirmado quando se analisa a participação da agricultura – extremamente desenvolvida e mecanizada –, de apenas 5,04%, menos da metade da participação na região de Ribeirão Preto, com 11,78%.

Tabela 2.6 – Participação dos vínculos empregatícios (em %) – 2004

	Município de Sertãozinho	Região de Governo de Ribeirão Preto	Estado de São Paulo
Agropecuária	2,59	5,42	3,69
Indústria	49,71	24,38	23,85
Construção civil	2,77	3,61	3,07
Comércio	18,60	22,79	18,20
Serviços	26,34	43,80	51,19
Org. Reinaldo Tronto. Com dados do Seade e IBGE.			

Outro dado importante se refere à forte participação da indústria nos vínculos empregatícios locais – 49,71% –, participação que chega a 24,38% na região de Ribeirão Preto, e a 23,85% no estado de São Paulo (ver tabela 2.6). A indústria local emprega praticamente a metade dos trabalhadores do município. É importante ressaltar que essas indústrias sertanezinhas empregam também trabalhadores das cidades próximas⁴⁷: Ribeirão Preto, Pitangueiras, Pontal, Barrinha, Dumont. Esses trabalhadores buscam trabalho em Sertãozinho porque, em suas cidades, a remuneração⁴⁸ é menor: no caso de Ribeirão Preto, há uma indústria bastante diversificada, o que contribui para o fato de o salário médio industrial não ser muito elevado; no caso dos pequenos municípios vizinhos (pequenas cidades, de economia basicamente agrícola – Pitangueiras, Pontal, Barrinha, Dumont), porque são pouco industrializados e geralmente a principal indústria é a usina, que quase sempre remunera pouco.

⁴⁷ Algumas indústrias têm tantos trabalhadores com residência em outras cidades que fretam ônibus para transportar esses funcionários.

⁴⁸ Ver tabela 2.8, com a comparação dos rendimentos para Sertãozinho, a região de Ribeirão Preto e o estado de São Paulo.

A indústria de transformação em Sertãozinho ocupava, em 2004, 16.969 (16.093 assalariados), o dobro do comércio, que ocupa 8.201 trabalhadores, o segundo segmento que mais emprega no município. Esses dados permitem avaliar a importância e o peso econômico da indústria no mercado de trabalho e na economia local.

Outro dado que deve ser exemplificado é o de rendimento da indústria em relação aos outros setores econômicos de Sertãozinho. É importante utilizar esses dados (de 2004) e compará-los com as informações da região de Ribeirão Preto (que apresenta um menor rendimento médio na indústria – R\$ 1.229,91 –, enquanto Sertãozinho apresenta R\$ 1.511,55) e do estado de São Paulo (Sertãozinho apresenta um rendimento muito próximo ao do estado: R\$ 1.524,80). Esse fato ocorre em função de, nesse local, ocorrer uma forte procura por mão-de-obra qualificada, principalmente industrial (técnico de nível médio), e um desenvolvimento das atividades industriais especializadas. A tabela 2.7 a seguir destaca, de forma comparativa, os rendimentos médios em Sertãozinho, na Região de Governo de Ribeirão Preto e no estado de São Paulo.

Tabela 2.7 – Rendimento médio nos vínculos empregatícios (em reais) – 2004

Setor econômico	Município de Sertãozinho	Região Governo de Ribeirão Preto	Estado de São Paulo
Agropecuária	1.021,60	822,33	572,98
Indústria	1.511,55	1.229,91	1.524,80
Construção civil	980,42	766,56	942,61
Comércio	811,68	772,84	895,55
Serviços	982,41	1.139,06	1.367,88
Org Reinaldo Tronto. Com dados do Seade e IBGE.			

Essa mão-de-obra mais cara na indústria fez com que empresários e autoridades locais se empenhassem na articulação externa a Sertãozinho para trazer instituições de ensino técnico⁴⁹ para o município: Senai, Cefet e outros.

A tabela 2.8 a seguir aponta a forte participação do setor industrial na economia de Sertãozinho, participação essa muito superior à encontrada na Região de Governo de Ribeirão Preto e no estado de São Paulo.

⁴⁹ Ver quadro 5.1 com as instituições de ensino em Sertãozinho e as datas de fundação.

Tabela 2.8 – Participação no valor do total adicionado (em %) – 2004

Setor econômico	Município de Sertãozinho		Região Governo de Ribeirão Preto	Estado de São Paulo
Agropecuária	5,04	R\$ 74.863.000	11,78	6,52
Indústria	58,78	R\$ 873.819.000	36,47	46,26
Serviços	31,19	R\$ 538.021.000	51,75	47,22
Org. Reinaldo Tronto. Com dados de 2004 do Seade e IBGE.				

Esses dados refletem o desenvolvimento econômico industrial na atualidade e afirmam a forte presença da indústria na economia de Sertãozinho, apontando para uma especialização econômica na indústria.

Capítulo 3

A produção de uma cultura hegemônica

Na análise da formação de Sertãozinho (e do APL potencial ou precoce), consideramos a cultura local um dos pilares de sustentação, como indutora de três condições “ideologizadas”: da motivação empreendedora dos antigos trabalhadores, da lealdade e cooperação dos trabalhadores para a empresa e do “culto” da imagem local.

A discussão da categoria cultura é de grande importância para o entendimento da formação socioespacial, inclusive para fundamentar a tese que defendemos de que a cultura hegemonicamente produzida e formadora de uma identidade local – o que estamos chamando de identidade induzida – é elemento-chave na compreensão do projeto local que tem constituído o APL potencial ou precoce de Sertãozinho.

Partimos da definição de cultura da filósofa Marilena Chauí, que afirma que “a cultura é constituída no momento em que os humanos determinam para si mesmos regras e normas de conduta que asseguram a existência e a conservação da comunidade” (CHAUÍ, 2003, p.205). Essas regras e normas de condutas são vivenciadas consciente ou inconscientemente pelos indivíduos de uma sociedade desde seu nascimento. São construídas coletivamente, mas em muitos casos com influências e interferências de grupos hegemônicos internos ou externos.

A compreensão da cultura produzida em Sertãozinho, por meio da interação entre uma cultura estranha trazida pelos imigrantes e uma cultura interna produzida no curso da história local, permite entender sua configuração espacial atual, os processos que a determinaram e a dinâmica atual da configuração espacial local e da organização social da sociedade que ali vive.

O entendimento da cultura sertanezina exige um esforço teórico de entender a cultura trazida pelo pioneiro do século XIX, a estrangeira (italiana) e a cultura que tem sido produzida localmente nas últimas décadas pela elite local e seu projeto. Também deve ser considerada a influência externa trazida pelos vetores da globalização. A compreensão da cultura e dos traços culturais trazidos pelos pioneiros paulistas e mineiros e pelos imigrantes italianos que foram maioria no povoamento do município é importante para o entendimento da formação socioespacial de Sertãozinho, de sua industrialização, bem como do APL em formação.

Os pioneiros, dêem razão de seu espírito desbravador e empreendedor, tiveram um papel importante na formação cultural de Sertãozinho, contribuindo com elementos e traços

culturais – empreendedorismo e afeição ao trabalho – que foram potencializados pela ideologia local. Essa postura veio anular – de forma arbitrária, autoritária e violenta – a presença anterior de negros e índios na região.

Outro fator que influenciou foi a contribuição cultural do imigrante italiano. Apesar de o povoamento inicial de Sertãozinho contar com o pioneiro paulista e mineiro e, em alguns casos, com a mão-de-obra escrava, muitos fazendeiros preferiram a mão-de-obra branca assalariada⁵⁰, que era escassa nas regiões pioneiras. Para resolver essa necessidade de mão-de-obra, incentivou-se a utilização do trabalho assalariado dos imigrantes, como destaca Ianni:

Na cafeicultura do oeste paulista, dos vários “oestes” plantados pela marcha do café, as relações de produção basearam-se na adoção generalizada do regime do colonato. Em Sertãozinho e no conjunto do segundo oeste paulista, mais do que no primeiro oeste paulista, a cafeicultura baseou-se amplamente nesse regime, que é uma forma de trabalho livre. É verdade que nas primeiras fazendas de Sertãozinho havia escravos. Mas esses foram escravos trazidos pelos fazendeiros e desbravadores que iniciaram as plantações e criações. Não houve novos e sucessivos suprimentos de mão-de-obra escrava. O tráfico de escravos estava proibido, da mesma forma que o comércio interprovincial e interzonal de escravos. Ao mesmo tempo, a escravatura entra em colapso, encontrava-se em extinção. Em 1888 ocorre a abolição do regime do trabalho escravo. Nesse mesmo contexto, estava ocorrendo um verdadeiro *rush* cafeeiro na região. Isto é, crescia de forma acelerada a demanda de força de trabalho. Devido à decadência em que se achava o regime escravista e à intensidade com que se expandiu a cafeicultura, em Sertãozinho o trabalho livre foi instituído de modo rápido e generalizado. A demanda de trabalhadores foi tão grande que os trabalhadores nacionais que migram para a região não são suficientes para atendê-la. E a imigração europeia, principalmente italiana, que já se havia experimentado no primeiro oeste paulista, foi apresentada ideologicamente e praticamente como melhor solução. (IANNI, 1977, p.13)

Nas primeiras décadas de povoamento e de desenvolvimento de Sertãozinho, o imigrante italiano se estabeleceu como o grupo étnico mais numeroso nesse local (ver tabela 3.1, a seguir) e, portanto, tornou-se um elemento hegemônico na formação cultural inicial.

⁵⁰ Esse processo ocorre em grande parte do Brasil e é incentivado pelo Estado brasileiro que apresentava na época uma preocupação de branquear a população brasileira. Daí o incentivo a imigração europeia e a exclusão dos afrobrasileiros e negros africanos.

Tabela 3.1 – Entrada de imigrantes e trabalhadores nacionais em Sertãozinho – 1901-1940

Período	Número de indivíduos
1901-1910	2.055
1911-1920	6.729
1921-1930	8.355
1931-1940	1.772
Org. Reinaldo Tronto, com dados de Ianni (1977)	

Na época, para suprir a forte demanda de mão-de-obra imigrante, autoridades locais fizeram várias viagens para a Itália, a fim de promover e financiar a vinda desses trabalhadores. Furlan Junior (1956) afirma que o Dr. Elpídio Gomes foi várias vezes buscar famílias na Itália. Segundo esse autor, o Dr. Martinho Prado, um dos “reis” do café,

(...) organizou a Sociedade Promotora de Imigração. Introduziu imigrantes que tivessem parentes e amigos domiciliados na Província. Publicou anúncios em todos os jornais convidando os estrangeiros que quisessem se utilizar das passagens gratuitas para suas famílias que se dirigissem à direção da Sociedade.

Afluíram milhares de cartas e listas nominais de chamadas. Para desenvolver o movimento migratório foi duas vezes na Itália...

O Dr. Henrique Dumont, enquanto Conde do Parnaíba, então Presidente da Província, percorria, a cavalo, as fazendas do interior para convencer pessoalmente o proprietário rural das vantagens do colono italiano sobre o escravo, trazia levas e mais levas de imigrantes peninsulares.

Sertãozinho foi construído e deve quase todo o seu progresso ao imigrante italiano. (FURLAN JUNIOR, 1956, p.72)

Grande parte dos imigrantes italianos que se instalaram na região de Ribeirão Preto era de agricultores pobres, e uma pequena maioria era formada por artesãos industriais (em razão de uma Itália recém-unificada e ainda no início da industrialização). Sobre as condições desses imigrantes e as condições que encontraram nessa região, Ianni descreve:

O imigrante chega desprovido quase por completo das coisas mais essenciais e lhe entregam uma pequena casa de tijolos, limpa e alegre, construída pelo fazendeiro do oeste paulista. Este fornece-lhe os objetos de primeira necessidade e lhe abre um crédito. O colono não paga em verdade o aluguel da sua residência, mas já de início se acha endividado. A situação para o coitado parece de abundância, após a miséria, e ele saca sem contar contra o armazém da fazenda. Infelizmente alguns

proprietários incitam os colonos a comprarem, a fim de segurá-los pelas suas dívidas, que são forçosamente pagas pelo trabalho⁵¹. (IANNI, 1977, p.14)

Mesmo vindo de um país no início de seu desenvolvimento e industrialização, foram muitas as contribuições e inovações técnicas trazidas por esses artesãos industriais ou agricultores. O atraso tecnológico brasileiro, mesmo nos setores mais desenvolvidos da época – agricultura –, necessitava, além da contribuição como mão-de-obra, do conhecimento técnico desses trabalhadores.

Um exemplo que podemos citar é o de Pedro Biagi, precursor de uma das famílias mais importantes para o desenvolvimento e a industrialização de Sertãozinho e região. Ele é descrito pelo neto Luiz Biagi como um italiano que veio para o Brasil com apenas seis anos⁵² e chegou à região de Ribeirão Preto por volta de 1890. Dedicou-se às atividades de cultivos de lavouras, fabricação de aguardente e tocava também uma olaria. Com o acúmulo de capitais provenientes de sua atividade como comerciante, Pedro diversificava sua atuação econômica para setores em expansão: lavouras para a produção de alimentos para uma população em crescimento em uma área de monocultura cafeeira, fabricação de tijolos e telhas para um setor crescente de construção de colônias nas fazendas de café e a produção de aguardente, atividade econômica complementar praticada em várias fazendas e sítios da região. Em 1922, fundou a usina Barbacena, a segunda usina instalada no município de Sertãozinho.

Alvim (in BIAGI, 1987) ressalta a importância dos valores e costumes trazidos pelos italianos e a sua importância para o “Novo Mundo”:

É impossível entendermos o cotidiano do imigrante italiano no Novo Mundo, seus anseios e formas de resistência à proletarização, se negligenciarmos suas raízes históricas. Nessa linha, é preciso estar atento aos valores próprios da sociedade pré-industrial e às diferenças regionais, que os faziam identificar-se como venetos, calabreses, lombardos e outros, muito mais do que como italianos, já que isso influi em sua integração na sociedade paulista.

De fato, desde o primeiro momento de integração na nova sociedade, a escolha de atividades a serem desenvolvidas nas fazendas de café, ou a dispersão do grupo entre o campo e a cidade obedecem, em grande parte, às normas socioculturais que os imigrantes trazem consigo. (ALVIM, in BIAGI, 1987, p.16)

⁵¹ Max Leclerc. Cartas do Brasil. Trad. de Sérgio Milliet. Cia. Editora Nacional, 1942.

⁵² Nasceu em “1881 na aldeia de Pampagnola, pertencente à localidade de Brugine, província de Pádova, na região de Vêneto, Itália” (BIAGI, 1987, p.67).

Os imigrantes tiveram participação diferenciada e marcante nos movimentos sociais ocorridos nas cidades industrializadas e no campo paulista. De origem anarquista e socialista, as ideias trazidas pelos trabalhadores europeus contribuíram para elaborar um quadro referencial de contestação. Isso acontece principalmente nos grandes centros urbanos da época, sendo pouco frequente nas pequenas cidades e no campo paulista.

Por outro lado, a cultura do trabalho, passada de geração para geração, foi produtora, na história da industrialização de Sertãozinho, de uma valorização exacerbada do trabalho que contribuiu, por um lado para o empreendedorismo de trabalhadores e empresários e, por outro, para dificultar o desenvolvimento de uma classe trabalhadora local organizada e autônoma⁵³.

Além desse elemento ideológico do trabalho, a cultura local tem trabalhado também a questão da imagem de Sertãozinho enquanto local de desenvolvimento, de crescimento econômico e industrial, de progresso e de modernidade. Essa cultura de valorização local é produzida pela elite local e seu projeto segundo dois objetivos básicos: vender externamente a imagem de um local em pleno desenvolvimento e com uma economia sólida e em crescimento, que significa também o dinamismo, a solidez e a força da empresa ali instalada; e vender internamente essa imagem para construir na sociedade sertanezina um sentimento de orgulho do local e de suas empresas, fundamento ideológico para a dominação e alienação da população mais pobre e da classe operária.

Em Sertãozinho, um terceiro elemento que se pode destacar é a relação de lealdade e cooperação dos trabalhadores para com as empresas e os empresários. A lealdade e a cooperação criam condições favoráveis à aproximação patrão-empresário, o que dificulta que os sindicatos e os trabalhadores se organizem de forma independente, autônoma, contestadora e combativa, além de mascarar as relações de superexploração desses trabalhadores.

3.1. A cultura enquanto ideologia

A noção mais genérica do conceito de ideologia é a sua associação à ciência das ideias, estudo ou investigação das ideias. Já na filosofia da práxis, o conceito ideologia está associado à origem das ideias. Para Gramsci (1978, p.65), a ideologia é a “superestrutura necessária de uma determinada estrutura”. Para esse autor, é a ideologia que muda a estrutura,

⁵³ A organização autônoma dos trabalhadores sempre foi difícil na esfera local e, nos poucos momentos em que recebeu destaque, ou foi influenciada pelo movimento sindical paulista ou nacional ou foi decorrente da crise industrial sertanezina (década de 1990).

e ela pode aparecer de duas formas: ideologia orgânica e ideologia arbitrária. A ideologia orgânica,

enquanto historicamente necessária, tem uma validade que é a validade “psicológica”, organiza as massas humanas, forma o terreno em que os homens se movem, adquirem consciência de sua posição, lutam etc. Enquanto “arbitrária”, não cria outra coisa senão “movimentos” individuais, polêmicas etc. (não são completamente inúteis nem mesmo estas, porque são como o erro que se contrapõe à liberdade e a afirma). (GRAMSCI, 1978, p.65)

Karl Mannheim (in MORAES, 1996, p.37), ao tratar a ideologia, “toma-a como um elemento na estruturação da sociedade, aquele conjunto de valores responsável pelas identidades grupais (logo um fator central da estabilidade social)”. A escola de Frankfurt, apesar de analisar mais criticamente, também utiliza essa abordagem.

Apesar da diversidade das definições e concepções de ideologia, a tese que defendemos de uma cultura produzida hegemonicamente está fundada em um sistema de símbolos e significados que contém ideologias. A filósofa Marilena Chauí, em seu livro *O que é ideologia*, faz uma discussão interessante sobre ideologia, segundo uma concepção que adotamos em nossa pesquisa:

A ideologia consiste precisamente na transformação das ideias da classe dominante em ideias dominantes para a sociedade como um todo, de modo que a classe que domina no plano material (econômico, social e político) também domina o plano espiritual (das ideias).

Isto significa que:

- 1) embora a sociedade esteja dividida em classes e cada qual devesse ter suas próprias ideias, a dominação de uma classe sobre as outras faz com que só sejam consideradas válidas, verdadeiras e racionais as ideias das classes dominantes;
- 2) para que isto ocorra, é preciso que os membros da sociedade não se percebam como estando divididos em classes, mas se vejam como tendo certas características humanas comuns a todos e que tornam as diferenças sociais algo derivado ou de menor importância;
- 3) para que todos os membros da sociedade se identifiquem com essas características supostamente comuns a todos, é preciso que elas sejam convertidas em ideias comuns a todos. Para que isso ocorra é preciso que a classe dominante, além de produzir suas próprias ideias, também possa distribuí-las, o que é feito, por exemplo, através da educação, da religião, dos costumes, dos meios de comunicação disponíveis;

4) Como tais ideias não exprimem a realidade real, mas representam a aparência social, as imagens das coisas e dos homens, é possível passar a considerá-las como independentes da realidade e, mais do que isto, inverter a relação fazendo com que a realidade concreta seja tida como realização dessas ideias. (CHAUÍ, 1992, p.93-94)

Chauí cita Marx e Engels para apresentar a ideia de que, a cada novo momento histórico, a classe emergente necessita de uma ideologia para convencer o restante da sociedade. Segundo essa autora:

O processo histórico real, escrevem Marx e Engels, não é o do predomínio de certas ideias em certas épocas, mas um outro e que é o seguinte: cada nova classe em ascensão que começa a se desenvolver dentro de um modo de produção que será destruído quando essa nova classe dominar, cada classe emergente, dizíamos, precisa formular seus interesses de modo sistemático e, para ganhar o apoio do restante da sociedade contra a classe dominante existente, precisa fazer com que tais interesses apareçam como interesses de toda a sociedade. Assim, por exemplo, a burguesia, ao elaborar as ideias de igualdade e liberdade como essência do homem faz com que se coloquem de seu lado como aliados todos os membros da sociedade feudal submetidos ao poder da nobreza, que encarnava o princípio da desigualdade e da servidão. (CHAUÍ, 1992, p.99)

As noções de progresso, desenvolvimento, industrialização, cidade capital (da cana-de-açúcar, do hóquei, do setor sucroalcooleiro etc.), trabalho (na concepção cristã capitalista), ascensão socioeconômica e empreendedorismo são incorporadas e ajustadas às intenções ideológicas da elite sertanezina – ideologizar os setores produtivos locais.

As pessoas nascidas em Sertãozinho são, desde cedo, seduzidas por um sistema de informações articuladas e ideologizadas que trabalham a afirmação e a reafirmação dos traços culturais que compõem a ideologia local. Na família, nas relações de vizinhança, na escola, nas instituições de classe, nas empresas, na igreja, na mídia, nos discursos, a ideologia local é propagada e reafirmada com o intuito de buscar o maior número de adeptos, por um lado, e de mascarar as relações socioeconômicas e políticas de dominação e exploração, por outro.

Desde os primórdios de sua história, Sertãozinho é produzida também como ideologia. “Os artigos publicados por Luís Pereira Barreto e Martinho Prado Júnior, sobre as excelências da terra roxa de Sertãozinho” (IANNI, 1977, p.6), vendiam uma imagem ideologizada desse local como “paraíso” para a expansão e implantação do café, no século XIX.

Angenor Lorenzi Cancelier, no prefácio do livro *Filhos do fogo*, de Geraldo Hasse, reproduz alguns traços dessa ideologia sertanezina:

primitivos povoadores do sertão, dos artesãos da madeira, do barro, do ferro. Aí estão também os plantadores de café, os comerciantes, os imigrantes italianos e os outros. Os industriais metalúrgicos, os trabalhadores da cana, os agroindustriais sucroalcooleiros. Pioneiros valorosos, criativos e competidores, eles são a alma de Sertãozinho. Ei-los todos reunidos, os Filhos do Fogo, filhos da paixão para vencer desafios. (HASSE, 1996, p.9)

Nessa citação de Cancelier percebe-se um dos traços culturais ideológicos desse local, que é a construção coletiva de Sertãozinho: todos são responsáveis pelo seu sucesso, do boia-fria ao empresário. Essa concepção ideológica é difundida entre todos da cidade com o objetivo de estender a responsabilidade do progresso e do desenvolvimento a todos os moradores. É uma forma de “trazer” o trabalhador – da indústria – para o projeto local. É a ideia de lealdade do trabalhador para com a empresa, o empresário e o projeto local. Esse trabalhador empenhado trabalha mais motivado e com maior produtividade; ao se sentir responsável pelo sucesso da empresa, passa a ser seu fiel defensor; enquanto sua atenção está voltada, especial e prioritariamente, à empresa e a esse local (Sertãozinho), omite a sua condição de classe e trabalhador explorado; e o trabalhador que “não se empenha de fato” ou que contesta sua condição de explorado é “mal visto” pela sociedade em geral e pela classe social – operária – em que está inserido.

Nesse mesmo livro, o autor Geraldo Hasse ressalta a importância do homem sertanezino empreendedor na produção de Sertãozinho: “sempre admirei esses tipos incomuns que metem os peitos e não hesitam em fazer as coisas, mais pela crença do que pela obrigação” (HASSE, 1999, p.112). A fala desse autor (na introdução do livro) merece nossa atenção em razão do destaque que é dado aos empreendedores e ao empreendedorismo de Sertãozinho. Isso é um elemento fundador na elaboração da ideologia local em que se trata Sertãozinho como espaço de empreendedorismo, de desenvolvimento, de crescimento econômico-industrial, de progresso. Outro fator a considerar é a afirmação da crença das “obrigações”⁵⁴ de cada um com o seu trabalho. A ideologia tem seu objetivo atingido quando

⁵⁴ Essa obrigação não deve ser entendida como uma obrigação imposta de forma autoritária pelo outro. Essa obrigação é assumida pelo próprio trabalhador quando ele se vê responsável pela empresa e por Sertãozinho – obviamente pelo sucesso da empresa e de Sertãozinho.

consegue convencer as pessoas – empresários e trabalhadores, principalmente estes últimos – de sua tarefa, de sua responsabilidade divina e cívica de promover (“tocar”) o projeto de vida.

Em outro trecho do livro, Cancelier faz outra referência, agora ressaltando a imagem local: “com a determinação de sua gente, Sertãozinho vai se transformar num Polo de Excelência para enfrentar, na virada do milênio, em pé de igualdade, os melhores do mundo. Esse é o legado que os pioneiros deixaram” (HASSE, 1999, p.9). Outra questão a ser analisada é a construção da imagem local como polo, capital, centro.

Empresas, instituições setoriais, Prefeitura e Câmara e a mídia local e sobre o setor sucroalcooleiro têm-se esforçado para construir e fortalecer a imagem local como um espaço diferenciado onde suas indústrias e empresas estão em pleno desenvolvimento, de inovação tecnológica, de conquistas de mercados e produtivas. Durante o 1º Fórum do Setor Metal-Mecânico e Sucroalcooleiro (2008), o empresário e presidente do CeiseBr⁵⁵, sr. Mário Garrafa, condicionou sua apresentação sobre Sertãozinho e suas potencialidades econômicas realizando uma análise comparativa entre esse local e a cidade de Piracicaba – sua “eterna rival”. Essa estratégia comparativa ao mostrar os dados da economia sertaneza mais promissoras que os dados do local concorrente tem por objetivo reafirmar Sertãozinho como espaço de dinamismo, de crescimento econômico-industrial, de progresso, de desenvolvimento. Sobre essa disputa entre territórios, Milton Santos discute o que chama de “guerra dos lugares”⁵⁶, uma das características da globalização atual que faz com que os territórios se enfrentem constantemente para receber os vetores da modernidade globalizante, para receber investimentos externos e para vender seus produtos e serviços. Nesse processo, o território vende a si mesmo, em um grande “balcão mundial de territórios”.

A estratégia, como já afirmamos, tenta atingir dois objetivos: um de atuação interna à cidade e outro de atuação externa. O primeiro reforça a imagem de Sertãozinho para seu “povo” como um todo – e os empresários, em particular –, com o intuito de desenvolver o orgulho em relação ao território e às suas empresas, que “de fato” são as instituições que materializam esse projeto de desenvolvimento. O segundo reforça e trabalha a imagem do local para “vendê-lo” externamente, vendê-lo junto com tudo o que possa representar “de fato” Sertãozinho – principalmente, as empresas ali instaladas e seus produtos e serviços. Essa

⁵⁵ A atual diretoria do Ceise – Centro das Indústrias de Sertãozinho e Região – criou o Ceise Br para expandir a área de atuação para outras regiões do país. Mas a atual diretoria dessa entidade é formada por empresários locais e, de fato, é um projeto de expansão da área de atuação da entidade, de suas empresas filiadas e do lugar Sertãozinho.

⁵⁶ Sobre esse assunto ver SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

imagem fortalecida de território significa uma imagem fortalecida das empresas ali localizadas, significa confiança externa em relação às empresas e empresários sertanezinhos.

A elite local cria símbolos e signos estruturadores de valores, concepções, sensações, relacionados à ideologia em questão. A análise da história econômica e espacial de Sertãozinho, mais do que contar ou recontar essa história, é um exercício de análise desses elementos culturais-ideológicos construídos ao longo da história e que legitimam a história, o projeto e a ideologia hegemônicos, condições fundadoras da identidade local. Alguns símbolos e signos utilizados para a produção e o fortalecimento dessa cultura ideologizada merecem nossa atenção:

- 1) O Brasão do município de Sertãozinho (Foto 3.1, na página seguinte): apresenta externamente, na esquerda, o ramo de café simbolizando o primeiro importante período econômico local e, na direita, um feixe de cana, simbolizando o período econômico que perdurou até o início da industrialização acelerada (a partir da década de 1970) e um dos pilares econômicos na atualidade; o vermelho simboliza a luta e o trabalho; o verde, a fertilidade da terra; a imagem de Nossa Senhora Aparecida simboliza a forte religiosidade local; a faixa ondulante indica o rio Pardo e seus afluentes; e a frase latina *Fides et labor* significa “Fé e Trabalho” – “as devoções dos habitantes locais” (SARTI, 2008, p.126).



Foto 3.1 – Brasão do município de Sertãozinho.
Sua leitura permite observar traços da cultura local.
Reinaldo Tronto, 2008.

- 2) A Festa do Trabalho: tradicionalmente, a Prefeitura Municipal organizava um desfile do Dia do Trabalho com empresas, sindicatos e setores da própria Prefeitura (geralmente escolas). Recentemente, o desfile deixou de ser realizado, e a comemoração do Dia do Trabalho foi incorporada à FestCana (Festa da Cana). Devemos ter uma atenção especial, já que a comemoração é do Dia do Trabalho, e não do Dia do Trabalhador.
- 3) FestCana ou Festa da Cana (Foto 3.3, na página seguinte): festa que ocorre durante cinco dias do mês de maio, com shows de cantores de expressão nacional, praça de alimentação, parque de diversões, eventos culturais e o funcionamento do museu da Cana (Foto 3.2, na página seguinte);



Foto 3.2 – Vista parcial do Salão da Cana (parte do museu da Cana).

As pinturas temáticas nas paredes e os utensílios (carro de boi) utilizados nos primeiros engenhos destacam a importância da cana para a identidade local ideologizada. O museu e o salão da Cana têm sido utilizados como elementos de propagação da identidade induzida.

Reinaldo Tronto, 2008.



Foto 3.3 – Outdoor de divulgação da FestCana.

Essa festa surgiu dentro das festividades de comemoração do Dia do Trabalho, mas tem-se caracterizado cada vez mais como uma festa de exaltação da cana-de-açúcar, um dos símbolos econômicos de Sertãozinho.

- 4) A questão do trabalho: a concepção de trabalho vem sendo utilizada ideologicamente, desde os primórdios da ocupação e produção de Sertãozinho. Os primeiros habitantes que ali chegaram eram vistos como heróis pela sua “força e determinação” (em relação ao trabalho) em dominar a natureza selvagem e construir um espaço social. Os fazendeiros e produtores de café eram tratados como “reis”, em razão dos “impérios” que construíram a partir do trabalho (dos outros). O italiano, através de sua “afeição” pelo trabalho, contribuiu para o sucesso do café, para a instalação de engenhos e indústrias. Atualmente, os trabalhadores são vistos como artífices (Foto 3.4), junto com os empresários, do sucesso local e das empresas.

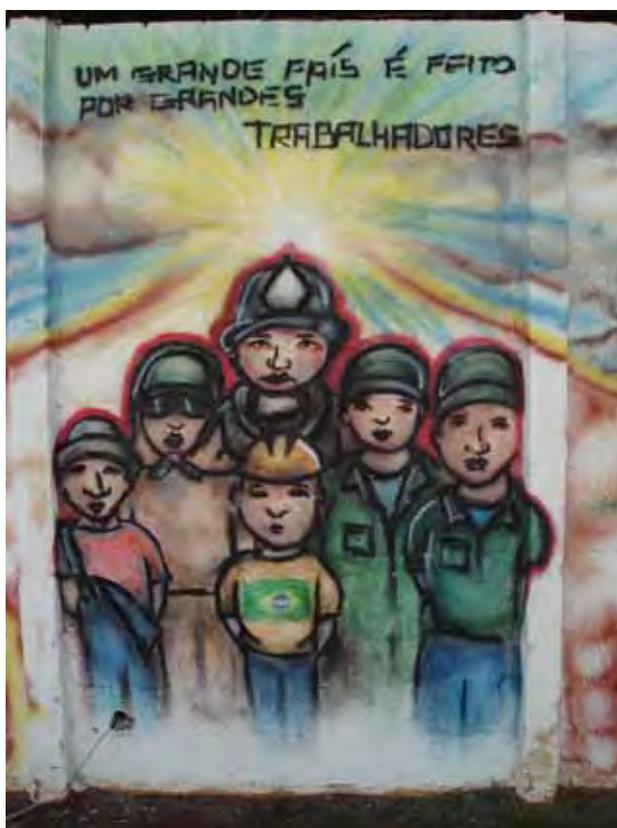


Foto 3.4 – Grafite com exaltação do trabalhador.

Muro do pavilhão Mauro Sponchiado⁵⁷ (em frente ao salão da Cana), parte do Centro de Exposições Paulo Merlin (antiga Sucroalcool).
Reinaldo Tronto ,2008.

- 5) Bacaninha (Figura 3.1, na página seguinte): é um personagem de história em quadrinhos que exalta a agroindústria canavieira e a indústria mecânica. A primeira edição foi produzida pela Prefeitura Municipal de Sertãozinho. O gibi com as

⁵⁷ Mauro Sponchiado é sócio fundador da Smar e da Equipalcool, duas grandes empresas de Sertãozinho que têm atuação nacional. A Smar, por sua vez, tem escritórios comerciais e atuação em todos os continentes.

“aventuras” de Bacaninha e sua turma é distribuído em escolas do ensino básico. Atualmente, a distribuição desta revista em quadrinhos destinada ao público infantil é feita em todo o território nacional, por meio de parcerias com empresas do setor sucroalcooleiro.



Figura 3.1 – Capa da revista em quadrinhos da Turma do Bacaninha.

As diversas edições dessa revista trazem, entre vários personagens, o Bacaninha, uma mistura de cana e engrenagem (simbolizando a cana-de-açúcar e as indústrias mecânicas).

- 6) As festas religiosas (Tabela 3.1, na página seguinte): têm um papel estruturador da cultura local, já que definem papéis sociais de uma divisão social do trabalho (Foto 3.5, na página 3.5) que reproduz a divisão social do trabalho na fábrica (Foto 3.6, na página 92) e/ou na empresa: os empresários financiam e os trabalhadores executam as tarefas. Em alguns momentos e ocasiões, os empresários também executam tarefas junto com os trabalhadores, construindo a ideia de necessidade da contribuição de todos para o projeto coletivo. Esse processo ideológico acontece também na escala da fábrica e do município: destaca a importância da participação de todos para o

funcionamento, sucesso e crescimento da empresa e de Sertãozinho – todos participam, mas sem se tornarem iguais.

Quadro 3.1 – Festividades ou eventos realizados em Sertãozinho

Janeiro	–
Fevereiro	Carnaval (<i>shows</i>) e Páscoa
Março	–
Abril	Mostra de Teatro
Maiο	FestCana (Dia do Trabalho) e <i>Corpus Christi</i>
Junho	Festa Junina da Paróquia São João
Julho	Feirão (feira comercial), festa do Peão e Forind (feira industrial)
Agosto	Festas do Folclore (na Praça Mané Gaiola) e do Senhor Bom Jesus da Lapa (paróquias Bom Jesus, no Jardim Alvorada, e Santa Cruz, no distrito de Cruz das Posses)
Setembro	Fenasucro (feira industrial) e Agrocana (feira agrícola), Fórum Internacional do Álcool Combustível; Feira do Livro; Semana da Educação Florestan Fernandes
Outubro	Festa da Padroeira de Sertãozinho, Nossa Senhora Aparecida
Novembro	–
Dezembro	Aniversário da cidade
Com informações da PM Sertãozinho e Guia Sertãozinho 2007.	



Foto 3.5 – Igreja Matriz.

Utilizada constantemente como marca do passado, além de espaço de sociabilidade, quer nas missas e celebrações, quer nas atividades administrativo/burocráticas e festas.

Reinaldo Tronto, 2008.



Foto 3.6 – Vista parcial da usina Santo Antônio, com destaque para a capela entre as edificações industriais. A relação religião–empresa também é presente em Sertãozinho e configura como um traço cultural marcante nas empresas mais antigas, como as usinas. Quase todas as usinas locais realizam uma missa para iniciar a safra. Outro exemplo da influência religiosa são os nomes de santos em quase todas as usinas e destilarias (ver figura na página 56).

Reinaldo Tronto, 2007.

- 7) A empresa e o projeto local: o simbolismo por trás da ideia de empresa e de Sertãozinho como projetos coletivos e como imagem de desenvolvimento, crescimento econômico-industrial, progresso e modernidade (Fotos 3.7 e 3.8, a seguir) constrói, nos trabalhadores, na sociedade local e em Sertãozinho como um todo, o orgulho em relação à empresa e ao local. Esse orgulho⁵⁸ “arrasta” todos para o projeto da empresa e/ou local. Os salários, as condições insalubres de trabalho, as relações sociais de produção, a apropriação privada da riqueza gerada pelo trabalho, o trabalho informal e tantas outras condições de exploração dos trabalhadores perdem importância frente ao progresso e o desenvolvimento, matrizes desse “orgulho” ideologizado. Esse orgulho constrói uma “harmonia artificial” entre as classes sociais locais.



Foto 3.7 – Propaganda de Sertãozinho na entrada da cidade.
O painel destaca Sertãozinho como “Capital Mundial da Indústria Sucroalcooleira”.

Reinaldo Tronto, 2008.

⁵⁸ Na década de 1980, a Zanini S. A. Equipamentos Pesados era chamada “carinhosamente” de “Mãezana” – Mãe Zanini –, em razão de o poder aquisitivo de seus funcionários ser o mais elevado da cidade. Esses trabalhadores tinham casa própria, carros e um “bom” padrão de vida. Na atualidade, o trabalho nas indústrias locais tem o mesmo significado, fato que leva os jovens a desejar um trabalho nessas empresas.



Foto 3.8 – Sertãozinho: propaganda da energia em duplo sentido: a energia local (economia local, indústrias, empresários) e a energia da cana-de-açúcar. Esses painéis com propaganda de Sertãozinho também são encontrados em outras rodovias instaladas no município. Reinaldo Tronto, 2008.

- 8) O consumo: tem um papel fundamental na constituição de uma ideologia que mascara os conflitos existentes entre as classes sociais. Quando um indivíduo consegue trabalho em uma indústria e, a partir dessa condição, consegue pagar o aluguel ou comprar casa, moto, carro ou frequentar espaços (Foto 3.9) que exigem um poder aquisitivo maior, esse trabalhador se torna eternamente grato à empresa e ao patrão. Esse acesso ao consumo minimiza a sua condição como trabalhador e classe explorada pelos industriais/patrões. Outra situação relacionada com o consumo e que merece atenção é o trabalho como mercadoria. As “dificuldades” enfrentadas para conseguir trabalho em uma indústria – segmento econômico com a maior média salarial no município – transformam o trabalho em uma mercadoria sonhada pelos pobres. O trabalho como mercadoria traz uma satisfação que mascara as relações de produção e reforça o orgulho em relação à empresa e ao empresário.



Foto 3.9 – Complexo Savegnago (supermercado, cinema, praça de alimentação, lotérica): templo do consumo das classes baixa e média sertanezinhas.
Reinaldo Tronto, 2007.

- 9) A comunicação institucional de empresas, de instituições de classe e do poder público local: as empresas sertanezinhas, as instituições de classe (CEISE, ACIS) (Figura 3.3, na página 96, e 3.4, na página 98) e a Prefeitura Municipal de Sertãozinho (Figura 3.2 e Fotos 3.10 e 3.11) e a Câmara Municipal têm utilizado os meios de comunicação para trabalhar ideologicamente a imagem local com o objetivo de reforçar, internamente, o “orgulho” de Sertãozinho e, externamente, a força da economia local e de suas empresas.



Figura 3.2 – Logo da Prefeitura Municipal de Sertãozinho em 2008.

Destaque para a cana-de-açúcar e a palavra energia – com duplo sentido: energia de seu povo e energia produzida pelas suas usinas (álcool e biomassa) e por suas indústrias mecânicas. A imagem destaca a inserção na economia mundial dos combustíveis.

Imagem pesquisada em 26/05/2008, em www.sertaozinho.sp.gov.br.

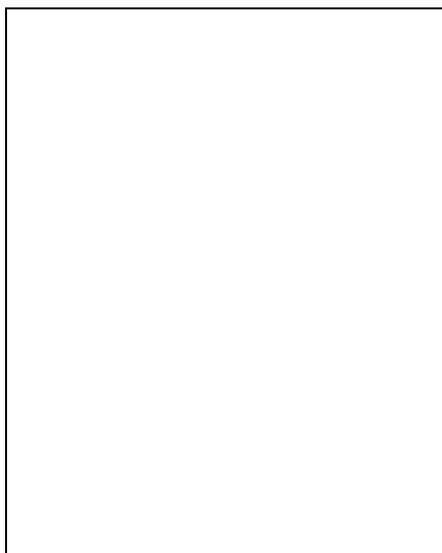


Figura 3.3 – Símbolo da 1ª Olimpíada do Comércio de Sertãozinho-SP.

A imagem destaca a cana-de-açúcar.

Imagem pesquisada em 30/06/2008, em www.acisertaozinho.com.br.



Foto 3.10 – Propaganda do carnaval promovido pela PM de Sertãozinho.

A análise da imagem permite perceber a intencionalidade na frase “Energia que agita o mundo”. Energia é trabalhada como energia do povo, das empresas, dos trabalhadores, da cana. Mundo é trabalhado no sentido da inserção de Sertãozinho na economia globalizada e na geopolítica dos combustíveis renováveis.

Reinaldo Tronto, 2008.



Foto 3.11 – Logomarca da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer.

O símbolo tem o formato de diversas canas, reafirmando a identidade do território que fundamenta na cana a importância da agricultura canavieira e do desenvolvimento das indústrias de bens de produção prestadoras de serviço para o setor sucroalcooleiro.

Reinaldo Tronto, 2008.



Figura 3.4 – Panfleto do aniversário do supermercado Copercana.

A Copercana (Cooperativa dos Plantadores de Cana do Oeste do Estado de São Paulo), com sede em Sertãozinho, é uma entidade do sistema Copercana-Canaoeste-Cocred, sistema que tem atuação regional no segmento canavieiro. Nas cidades da região de Ribeirão Preto, atua em segmentos como representação institucional dos plantadores de cana, cooperativa de crédito, comercialização de cana e seus derivados, comercialização de outros produtos agrícolas (amendoim, soja), fornecimento de produtos e equipamentos para a agricultura, posto de combustíveis, supermercado, hospital (Sertãozinho). É um sistema de instituições que exerce forte influência econômica, política e social na vida dos locais onde atua. Em Sertãozinho, sede do sistema e onde está instalada parte da diretoria da instituição, o grupo que o controla – Toniello – é um dos grupos econômicos e políticos mais poderosos localmente. São donos do jornal *Agora Sertãozinho* e da televisão local STZ. Politicamente, constituiu-se como grupo político em Sertãozinho nas últimas décadas: elegeu a prefeita no período 1996-2000, elegeu o vice-prefeito no período 2004-2008 e lançou candidato a prefeito em 2008.

3.2. O imigrante italiano em Sertãozinho

A importância do imigrante na formação socioespacial de Sertãozinho não deve ser considerada maior que em outras regiões do Brasil ou de outros países. Considerando-se que esse espaço – Sertãozinho – era pouco artificializado, ou seja, pouco transformado, e também quase nada povoado, o imigrante, principalmente italiano, chegou em grande número, como grupo dominante (Tabela 3.1, na página 97), e passou a ter um papel fundamental para a construção da cultura local e de Sertãozinho como um todo, como afirma Furlan Júnior:

Se, ao surgirem as primeiras casas ao lado da Capela de Nossa Senhora Aparecida de Sertãozinho, não havia aqui ainda imigrantes europeus, não é menos exato que o erguimento da cidade, sua indústria, seu comércio, sua lavoura, foram surgindo com a abertura e desenvolvimento da imigração italiana. (FURLAN JUNIOR, 1956, p.72)

A grande maioria como trabalhadores, mas alguns como empresários, os italianos construíram e disseminaram elementos que os identificassem. Alguns acumulando capital suficiente para adquirir pequenos sítios, ou comprando-os, a partir da crise de 1929, por meio de contrato de pagamento com a produção agrícola, alguns imigrantes rompiam a condição de assalariados para a de pequenos proprietários de terras ou pequenos empresários. Esses empreendimentos cresciam com o trabalho árduo de toda a família e da mão-de-obra assalariada que passou a ser incorporada a partir da necessidade imposta pelo crescimento e pelo desenvolvimento. Miceli aborda essa rara condição:

Alguns colonos tiveram melhor sorte, principalmente os que vieram nas primeiras levas, até os anos oitenta e mesmo noventa do século dezenove. Poucos deles puderam reconquistar suas liberdades, chegando a tornar-se pequenos proprietários. Tudo isso aparece, com poucas variações, nos relatos dos observados daquele cotidiano de trabalho, violência e miséria. (MICELI, 1984, p. 45)

Mas o espaço de Sertãozinho que estava para ser produzido ou “humanizado”, do ponto de vista geográfico, e também por apresentar um predomínio do espaço natural e uma insignificante população instalada, permitiu que os imigrantes delimitassem esse território física e culturalmente. Daí os italianos terem contribuído, em Sertãozinho, fortemente com sua cultura (memória) na constituição de uma cultura local e do próprio local (inclusive como cultura). Essa vulnerabilidade cultural de Sertãozinho foi aprofundada quando o imigrante – nesse caso italiano – passou a ser uma das majorias e apresentou, minimamente, uma certa unidade étnico-cultural. Segundo recenseamento realizado pela Câmara Municipal de Sertãozinho em 1915, de “uma população de 32.000 pessoas, 6.500 eram de nacionalidade italiana” (FURLAN JUNIOR, 1956, p. 72).

Pelas descrições feitas à época da chegada das principais levas de imigrantes a Sertãozinho e à região, o domínio natural era predominante através de matas e campos-cerrados, que cobriam vastas áreas planas e eram muito bem drenados. “Quanto mais instável e surpreendedor for o espaço, tanto mais surpreendido será o indivíduo, e tanto mais eficaz a

operação da descoberta” (SANTOS, 1996, p.264). Para um europeu que foge da escassez territorial e das perseguições sociopolíticas, a condição natural traz estabilidade do ponto de vista da dominação do natural no espaço regional. Por outro lado, surpreende no sentido da disponibilidade da sua modificação. Na primeira situação, permite ao estrangeiro o seu domínio. Na segunda, obriga-o a tal empreitada. Essa condição permite a constituição de uma identidade e aproximação entre o imigrante italiano e o local (que ele está produzindo). Santos (1996) fez uma relação importante entre o lugar e a consciência no processo de produção da história e do local: “a consciência pelo lugar se superpõe à consciência no lugar. A noção de espaço desconhecido perde a conotação negativa e ganha um acento positivo, que vem do seu papel na produção da nova história” (SANTOS, 1996, p.264).

Com isso, deve-se também destacar o papel social e econômico (e sua ascensão) que tiveram alguns desses imigrantes: de trabalhador assalariado a pequeno proprietário de terra e, em seguida, a grande fazendeiro e importante agente político, econômico e social da época. Seu conhecimento técnico mais apurado (em relação ao pioneiro ou ao escravo, por exemplo) na agricultura e na indústria – trazido de uma Itália com industrialização em curso (início) – traz algumas vantagens para conquistarem espaço econômico, social e cultural. Essa cultura técnica estrangeira foi valorizada e necessária, inclusive.

A memória italiana das técnicas agrícolas e industriais contribui com um conhecimento imprescindível em uma região pioneira, mas com um acelerado crescimento das atividades produtivas. Portanto, diferentemente dos grandes centros urbanos, como já foi dito, parte da identidade e cultura estrangeira foi preservada e, ao ser instituída no meio social de Sertãozinho, contribuiu para a constituição de uma cultura e de um patrimônio cultural local. “A memória coletiva é apontada como um cimento indispensável à sobrevivência das sociedades, o elemento de coesão garantidor da permanência e da elaboração do futuro” (SANTOS, 1996, p.263).

Algumas famílias italianas, “já com suas economias amalhadas a custa de muito suor, iam adquirindo sítios de poucos alqueires ao redor da vila que despontava. E da pequena propriedade rural surgiram o comércio e a industrial” (FURLAN JUNIOR, 1956, p.72). Esse modelo de ascensão econômica de algumas famílias italianas – diga-se de passagem, uma pequena parte – que ocorre nas áreas de imigração italiana tem um caráter especial para a formação socioespacial de Sertãozinho, pois grande parte de seus industriais vem desse grupo, mas principalmente porque a “empresa-mãe” do processo de industrialização, a Zanini, foi fundada por italianos. Outra contribuição das famílias italianas corresponde à fundação de

diversas usinas (Quadro 3.2) – instituições-chave para o grande desenvolvimento da agroindústria canvieira e das indústrias mecânicas locais.

Quadro 3.2 – Origem étnica das famílias fundadoras e/ou controladoras das principais empresas agroindustriais canvieiras de Sertãozinho

Tipo e nome	Família fundadora	Origem étnica
Engenho Central	Schmidt	Alemã
Usina Albertina	Schmidt/Marchesi	Alemã/Italiana
Usina Barbacena	Biagi	Italiana
Usina Santa Elisa	Marchesi	Italiana
Usina São Francisco	Balbo	Italiana
Usina Santo Antônio	Balbo	Italiana
Usina São Geraldo	Simioni	Italiana
Usina Sant' Anna	Verri	Italiana
Usina Santa Lúcia	Sverzut	Italiana
Usina São Vicente	Marchesi	Italiana
Destilaria Lopes da Silva	Lopes e Silva	–
Destilaria Pignata	Pignata	Italiana
Destilaria Santa Inês	Toniello	Italiana
Org. Reinaldo Tonto, com dados de HASSE, FURLAN JUNIOR, SARTI, IANNI.		

Capítulo 4

A ideologia do trabalho: algumas representações

A organização da vida social em Sertãozinho obedece à lógica global capitalista fundada em uma falsa consciência, em um espírito do trabalho, em um tempo do cronômetro, em um espaço racional da produção. A “vida” – sua organização produtiva – da indústria é transplantada aos muros da fábrica, da indústria, do comércio e do campo capitalista e chega à vida social coletiva e individual dos trabalhadores e da burguesia local. O tempo da produção capitalista comanda a vida econômica. Comanda também a vida urbana, a lógica da produção e do consumo do e no local. Comanda o tempo da igreja, das instituições, do lazer; comanda o tempo dos fluxos e da circulação. Comanda o tempo da família. Comanda o tempo da vida, o modo de vida. Comanda a existência nesse local.

A pressa e a prensa condicionam o relógio da vida cotidiana do trabalhador e do pequeno empresário. “A exaltação do trabalho tornou-se tão forte que, para muitos, o ócio e até mesmo o lazer, quando praticados, vêm acompanhados de sentimento de culpa” (CARMO 1992, p.7). A formação de uma “ideologia do progresso” se torna presente no discurso dos trabalhadores e da burguesia local, estimulando práticas coletivas e práticas públicas.



Foto 4.1 – Apropriação do espaço público pela empresa:
 rua interditada para carregamento de caminhão.
 Reinaldo Tronto, 2007.

A ideologia do trabalho é incorporada pela sociedade como um todo. Ao mesmo tempo, a identidade local é fundada por representações que fundamentam uma ética e uma moral sobre o trabalho, desde o início da produção de Sertãozinho e de sua cultura. Um exemplo a ser citado é o título Ordem do Mérito do Trabalho, no grau de Comendador, recebido por João Marchesi, importante figura econômica e industrial de Sertãozinho e região:

Por sua vida dedicada ao trabalho foi indicado para receber a Ordem do Mérito do Trabalho, no grau de Comendador. A homenagem foi oficializada através da publicação no Diário Oficial da União, no dia 5 de maio de 1981, cujo teor é o seguinte:

Ministério do Trabalho – O Presidente da República, na qualidade de Grão-Mestre das Ordens Brasileiras e de acordo com o Regulamento aprovado pelo Decreto nº 62.819, de 4 de junho de 1968, alterado pelos decretos nºs 68.583, de 4 de e 84.893, de 3 de julho de 1980, maio de 1971, 7.196, de 15 de março de 1973, resolve conceder a Ordem do Mérito do Trabalho, no grau de Comendador, ao Sr. João Marchesi. Brasília, em 4 de maio de 1981; 160º ano da Independência e 93º da República.

Assinado por João Figueiredo e Murilo Macedo. (BIAGI, 1987, p.207)

É interessante ressaltar que o título de comendador foi também agraciado a Francisco Matarazzo, figura importante para a industrialização de São Paulo e do Brasil. Aliás, a trajetória social e econômica dos Biagi (Pedro e Maurílio) e a de Marchesi na região de Ribeirão Preto e Sertãozinho são muito semelhantes à de Matarazzo no Brasil, a começar pela mesma origem italiana e principalmente pelo império econômico constituído por essas figuras e suas famílias. Portanto, o desenvolvimento do capitalismo em Sertãozinho não se mostra como um projeto estranho ao movimento do mundo. Esse processo – esse projeto – obedece à lógica capitalista no Brasil e no mundo.

As oportunidades colocadas pela nova terra, a disciplina para o trabalho, a busca constante por inovações, o envolvimento em diversos empreendimentos econômicos e financeiros, a estreita ligação com o Estado, a concepção de empresa familiar, o empresário-operário são exemplos comuns a esses imigrantes empreendedores, que fizeram da história econômica dos espaços que frequentavam sua própria história, a história de suas vidas.

Ao analisar o Conde Matarazzo, José de Souza Martins, em seu livro *Conde Matarazzo, o empresário e a empresa: estudo de sociologia do desenvolvimento*, destaca, em relação à análise sobre o empresário: o papel centralizador e concentrador nos negócios; a relação estreita com os empregados do chão-de-fábrica, por um lado, e com a elite, por outra; a ajuda recebida de conterrâneos; a criação de um sistema de negócios em diversos segmentos econômicos; a ideologia do sucesso pelo trabalho. Essas características são também encontradas quando analisamos a biografia de Maurílio Biagi, figura de suma importância para o desenvolvimento econômico e industrial de Sertãozinho e da região de Ribeirão Preto e da cultura que ali se desenvolveu.

A figura simbólica do empresário diante da sociedade e do sistema ideológico local e regional pode ser exemplificada pela lendária figura de Maurílio Biagi, como apresenta Miceli:

Em momentos de emoção, evidentemente, vários motivos podem alimentar a inspiração de quem pretende fazer comércio de sentimentos. Maurílio Biagi, entretanto, deixou toda uma legião de admiradores, composta inclusive de trabalhadores que, sentindo-se privados de sua liderança, compareceram à Usina Santa Elisa para chorar a morte do ex-patrão, reverenciado por quase todos quantos acederam em contar sua história.

Quando Maurílio morreu, em 1978, os jornais de Sertãozinho e Ribeirão Preto trouxeram farto material a respeito de suas atividades. Como era de se esperar, tratase, o mais das vezes, de textos emocionados e de crônicas enaltecedoras, que

chegam a projetar do empresário uma imagem de candidato à beatificação. Esses textos, entretanto, dão ideia aproximada da forma como sua vida inscreveu-se na história de toda uma época e de toda uma região, onde, através de sua liderança, Maurílio ajudou a criar fatos de sucesso empresarial e de realizações de trabalho, materializadas em inúmeros empreendimentos, compondo ativamente sua imagem histórica. (MICELI, 1984, p. 83)

Maurílio Biagi foi “pintado” pela ideologia construída hegemonicamente pela elite local/regional como um empresário desbravador, de sucesso, trabalhador, empreendedor, inovador, aberto para o futuro e o novo, que luta contra o subdesenvolvimento. Um homem “eleito”. Na obra de Miceli, encontramos alguns trechos de artigos de jornais, da época da morte de Maurílio Biagi, que reforçam essa imagem construída em relação a esse empresário:

(...) Era um homem simples. Afável, tido por muitos como fechado, não gostando dessas exposições tolas de um falso *society*, embora um perfeito *gentleman*, que ao lado de sua dedicada esposa D. Edilah Lacerda Biagi formara uma família admirável, gente do trabalho, com a preocupação do bem-estar coletivo e sabendo se impor pelo amor à tradição, aos princípios de família, na labuta diária, sem esse toque agressivo que distancia o capital do trabalho.

Suas realizações de assistência social, nos diversos setores de suas múltiplas atividades, são paradigmas da preocupação permanente de que o colaborador bem-tratado, e vivendo dentro de um meio humano, produz mais e não cria problema. Assim na Santa Elisa, na Zanini, na Ipiranga.

Na orientação segura recebida do grande chefe que foi Pedro Biagi, seguindo a mesma trilha de probidade, retidão e bom senso, Maurílio Biagi foi um criador de riqueza, um bandeirante abrindo novas fronteiras de trabalho, incentivando, perseguindo incessantemente o ideal de ser útil, de bem servir e de contribuir para o progresso geral na luta tremenda contra o subdesenvolvimento.

(...) a personalidade de Maurílio Biagi é de tal dimensão que foge do comentário comum, para se projetar como um gigante que só soube contribuir, cujo feito era o trabalho contínuo, cuja ação era a de transmitir fé, coragem e firme disposição de caminhar para frente, sem temer antolhos, óbices ou empecilhos.

(...) Lacuna difícil para ser preenchida, porque os homens eleitos constituem uma elite que raramente surge, mas quando aparece é como estrela de primeira grandeza dentro da constelação universal⁵⁹. (MICELI, 1984, p. 84)

⁵⁹ Trechos do artigo de SANT’ANNA, Antônio Machado. “Lacuna difícil de ser preenchida: Morreu Maurílio Biagi: um líder”, *Diário de Notícias*, Ribeirão Preto, 22 de fevereiro de 1978.

Os empreendedores agroindustriais do começo do século XX e os empreendedores industriais das últimas décadas e os trabalhadores de todos os períodos econômicos de Sertãozinho são ao mesmo tempo seguidores, produtores e disseminadores dos valores relacionados ao trabalho. “Assim, em uma civilização que tem no trabalho a categoria econômica e social dominante e seu único valor, é possível pessoas afirmando, com uma ponta de orgulho, que são ‘viciadas em trabalho’”(CARMO 1992, p.12). A cultura regional e de Sertãozinho, como já dissemos, é fundamentada ideologicamente, junto com outros pilares ideológicos, no conceito de valorização do trabalho. Carmo (1992) aponta a importância da ideologia mundial produzida a partir de valores relacionados ao trabalho:

A supervalorização do trabalho se dissemina por todos os estratos sociais: a redução da jornada de trabalho é condenada sob a alegação de que “o país precisa crescer”; os políticos quase sempre elegem o tema “trabalho” para suas plataformas de campanha; os meios de comunicação bombardeiam a cabeça da população, levando a crer que a delinquência é oriunda da falta de vontade de trabalhar. O Estado considera delito social “a vadiagem e a ociosidade” ao tratar essas condutas como caso de polícia. Uma parte da população acredita que a imposição de trabalhos forçados nas prisões seria uma forma de atenuar a criminalidade. Para a polícia a carteira de trabalho chega a ser, algumas vezes, o único documento válido. (CARMO 1992, p.12)

E Carmo afirma a finalidade dessa exaltação do trabalho para fins de dominação:

Em síntese, consideramos aqui a ideologia uma representação imaginária do real, de que os homens se servem para agir, ou um conjunto de ideias impostas para o exercício da dominação, e, também, uma falsa consciência. Naturalmente, o trabalho não poderia ficar alheio a ela. (CARMO 1992, p.16)

Essa ideologia global em relação ao trabalho é adaptada à cultura de Sertãozinho e aos interesses de sua elite e difundida pela sociedade local. Em todos os espaços e instituições locais de sociabilidade essa ideologia é difundida: família, escola, empresa, lazer, das crianças aos aposentados. Carmo justifica, então, o papel da ideologia nesse processo social:

Isso porque – como podemos adiantar – ideologia, em seu sentido amplo, pode ser considerada uma visão de mundo (um conjunto de doutrinas, ideias, crenças, normas, procedimentos, valores) que uma sociedade, classe ou grupo social tem da

realidade e da qual se serve para agir sobre essa realidade e alterá-la. (CARMO 1992, p.16)

A religiosidade da sociedade de Sertãozinho, outro traço cultural importante, contribuiu para esse processo de construção de uma ideologia do trabalho. Apesar de a população local ser majoritariamente católica, seus valores cristãos-capitalistas estão fortemente fundamentados nos valores protestantes, no sentido weberiano. Carmo (1992) analisa essa contribuição do protestantismo para o espírito do capitalismo:

Para o protestantismo, é condenável o desfrute dos bens e tudo o que disso advenha, como a ociosidade e as tentações da carne. Não se deve, pois, desperdiçar o tempo, considerado dádiva divina. A maior produtividade no trabalho e a recusa ao luxo deram origem a um estilo de vida que influenciou o espírito do capitalismo, criando um clima propício para a acumulação de capital. Sendo o trabalho a melhor oração, a obtenção de êxito e prosperidade através dele revela a condição de “eleito” para entrar no reino de Deus. Trabalhar passou a ser a própria finalidade da vida. (CARMO 1992, p.27)

Max Weber, em seu importante livro *Ética protestante e o espírito do capitalismo*, desenvolveu uma análise sobre a conduta dos homens revelada na condição de eleito para o Reino de Deus: êxito, perseverança e vigor moral. Dessa forma, o sucesso na vida econômica terrena garantiria o acesso ao “Reino de Deus”. Localmente, como já foi afirmado, predomina a família católica, o catolicismo, apesar de os empresários e os trabalhadores seguirem uma ética do trabalho que é fundamentada em preceitos comuns ao protestantismo. Na nossa análise sobre Sertãozinho, interessam-nos os valores cristãos-capitalistas na produção da ideologia da valorização do trabalho.

4.1. Eficácias da ideologia do trabalho em Sertãozinho

A importância dada ao trabalho em Sertãozinho é um elemento essencial para a estruturação e a efetivação da cultura local. Entendemos essa condição como parte da cultura local produzida ideologicamente.



Foto 4.2 – Trabalhador do corte da cana.

O ano de 2007 foi marcado, na região de Ribeirão Preto, por inúmeros casos de morte por exaustão no trabalho. Em agosto de 2008, voltaram a ocorrer greves na região. A violência policial e a prisão de três indígenas marcaram o movimento dos “boias-frias”.

Reinaldo Tronto, 2008.



Foto 4.3 – Muro da indústria Saran, com destaque para o trabalhador do corte da cana.

A imagem reafirma a atividade canavieira, uma das mais importantes na história local, e mascara as condições de trabalho precárias e insalubres do trabalhador do corte da cana ao apresentá-los fortes, limpos, com equipamentos de proteção, em movimentos leves e lentos. Nas últimas décadas, o setor sucroalcooleiro tem trabalhado fortemente a imagem de melhorias das condições de trabalho.

Reinaldo Tronto, 2008.

A importância e a exaltação do trabalho como parte da cultura local deixada pelos imigrantes italianos e, posteriormente, como uma produção cultural-ideológica local, fazem-

se presentes com muita força na atualidade. Sertãozinho se desenvolve como sociedade e como economia que cultua o trabalho. Em entrevista ao seu neto Luiz Biagi em 1971, Pedro Biagi (usineiro) afirmou o seguinte: “Vocês são moços. Devem trabalhar. O trabalho é saúde. É saúde. A pessoa deve mostrar que produz alguma coisa, né. Vocês estão no caminho bom. Espero que continuem cada vez melhor” (BIAGI, 1987, p.74).



Foto 4.4 – Pintura no salão da Cana.

Destaque para o cotidiano do trabalho nos primeiros engenhos de cana-de-açúcar instalados em Sertãozinho. Reinaldo Tronto, 2008.

O culto ao trabalho foi uma das contribuições culturais trazidas pelos imigrantes e suas famílias. A pobreza na terra natal e a emigração para enriquecer e prosperar no “novo mundo” foram condições colocadas à frente de todos os outros projetos desses pioneiros e suas famílias. E só pelo trabalho eles poderiam vencer. E só no trabalho eles estariam vencendo, afirmando-se e reproduzindo-se. Essa ideologia não ficou com o pioneiro e com o imigrante. A sociedade atual de Sertãozinho partilha dessas concepções, que são universais, segundo a afirmação de Carmo (1922):

O espírito do capitalismo envolve uma filosofia da avareza, que apela para o ideal do homem ativo e poupador, para quem a riqueza é um dever até mesmo social, pois contribui, indiretamente, para a ordem da sociedade e o vigor moral da nação. (CARMO 1992, p.27)



Foto 4.5 – Pódio feminino da 1ª Corrida de Rua do Trabalhador “Maria Zeferina Baldaia”, em 2008.
A corrida fez parte das comemorações do Dia do Trabalho.
Reinaldo Tronto, 2008.

O trabalho está à frente de tudo e de todos. Inconscientemente, é mais importante que a família, a escola, o lazer, a amizade. Miceli cita trecho de uma entrevista em que o trabalhador declara o amor pela Zanini:

(...)mas do alto do discurso que, às vezes, parece fazer proclamar seu amor pela empresa: “A gente briga e luta até hoje por isso aqui”. Em nome desse amor, acabou trocando o sobrenome pela função e orgulha-se disso. É Antônio da Balança que fala pela voz de Antônio Rodrigues. (MICELI, 1984, p.33)

Em outro trecho, esse autor ainda destaca:

Naquele tempo, a gente trabalhava mais alegre, compreende? Porque quando a gente trabalhava e via um caminhão carregado, cheio de peças indo embora, a gente ficava olhando... Parecia que a firma era minha, compreende? Tinha paixão. Então, era hora do almoço, chegava em casa correndo, almoçava correndo... Vinha, ficava jogando malha, ficava jogando baralho, vinte-e-um, bola. Dava a hora do serviço entrava, soldava caldeira... Mesma coisa que... A gente tinha aquela vontade, aquela coisa ... (MICELI, 1984, p.111)

Segundo a pesquisa Cadastro de Informações Municipais de Sertãozinho de 1994, preparada pela CEPAM-Fundação Prefeito Faria Lima, as causas da não frequência ou da desistência na educação de Sertãozinho têm o determinante principal no trabalho: 49,11% da população que não frequentou⁶⁰ a escola teve como justificativa a incompatibilidade com o horário de trabalho.

Atualmente, Sertãozinho vive um momento de valorização da qualificação profissional dos trabalhadores, mas segundo os interesses das empresas e do projeto local. O que ocorre na verdade é uma valorização da qualificação para o trabalho segundo as exigências do mercado de trabalho local e das necessidades de suas empresas. O que se percebe é uma valorização, por parte das empresas, da qualificação de jovens no nível do Ensino Médio técnico⁶¹ em setores da produção industrial (do chão-de-fábrica) – mecânica geral, eletrotécnica, automação de processos, soldagem, caldeiraria – já que localmente há uma escassez desse tipo de mão-de-obra e, conseqüentemente, uma valorização salarial que desagrada os empresários.

Mas a continuidade, para todos os trabalhadores, dos estudos além do Ensino Médio técnico não é uma política das empresas nem do projeto local. A continuidade dos estudos por parte dos trabalhadores da produção industrial atrapalha os objetivos das empresas, pois os trabalhadores-estudantes podem reivindicar salários maiores, além de não poderem trabalhar em horas-extras (em função do horário noturno de estudo) nem alternar turnos de trabalho (diurno-noturno ou três turnos diários). Cursar o Ensino Superior, para o trabalhador de Sertãozinho, é um privilégio, geralmente de poucos – os “escolhidos” pelas empresas. De fato, cursar o Ensino Superior na área industrial – engenharias ou administração – é, segundo o projeto local, para os filhos dos empresários – herdeiros naturais – ou para os trabalhadores das áreas de administração ou de chefia.

A grande questão que se coloca é o que representam para os sertanezinhos o trabalho e a educação: o segundo está subordinado ao primeiro. Na verdade, a chave dessa questão é entender o trabalhador como objeto, como mercadoria. A intensidade da pobreza material – exclusão socioeconômica – associada à pobreza intelectual – alienação – leva a duas situações complementares: a exploração do trabalhador e a exploração para o trabalho. A primeira remete a uma condição de exploração do trabalhador, como já foi dito, por meio de baixos salários, condições insalubres de trabalho, proibição indireta da auto-organização dos trabalhadores, desrespeito aos direitos do trabalhador. A convivência bastante próxima e

⁶⁰ Em seguida, aparecem falta de interesse no estudo (16,43%), falta de condições financeiras (13,25%) e inexistência de escola na área de moradia.

⁶¹ Ver quadro 5.1, com as instituições de ensino instaladas em Sertãozinho e suas datas de fundação.

“harmoniosa” entre patrão e empregado e a ameaça constante de perda de emprego levam à aceitação quase sempre incondicional pelos empregados.

A outra situação compreende um contexto global de “falta de emprego” – o chamado desemprego estrutural – associado a uma intransigente necessidade de consumo – *status* pelo parecer-ter. A manutenção de uma posição social e econômica leva muitos trabalhadores desempregados a se submeterem às condições iniciais de trabalho informal: insalubridade e riscos de acidentes de trabalho, contratos ilegais de trabalho, remuneração inferior ao salário-base da categoria, registro em carteira inferior ao salário real, horas-extras não remuneradas ou remuneradas ilegalmente (caixa-dois, valor inferior ao piso etc.), contratação por empreita, informalidade, estágios ilegais, trabalho infantil.

A influência externa, ou seja, de uma ideologia externa a Sertãozinho e que ali se instala, produz a ideia da escassez do trabalho – a ameaça do desemprego – que, por sua vez, produz inconscientemente a ideia do “trabalho a qualquer preço” para manter o “padrão de vida” atual ou melhorá-lo. O fato de o trabalhador se submeter a salários baixos, condições de trabalho precárias e insalubres, informalidade ou semi-informalidade, autoritarismo etc., de alguma forma, está condicionado à violência da ideologia da escassez do trabalho remunerado, para a qual só esse trabalho pode dar ao indivíduo e à sua família a condição de cidadão-consumidor. É a concepção do trabalho como mercadoria.

Esse processo local de precarização das relações de trabalho e de exploração dos trabalhadores é parte da lógica da economia neoliberal mundializada que se instala no Brasil, como aponta Franca (2006):

(...) o mundo do trabalho no Brasil, desde os anos de 1990, mergulhou numa crise profunda, estrutural e política. Essa crise estrutural deveu-se à transformação atual das relações capitalistas de produção e ao processo de desregulamentação do mercado de trabalho, expressando-se na segmentação social do proletariado, isto é, na diminuição dos grupos de trabalhadores estáveis e no aumento dos trabalhadores instáveis e excluídos pelo desemprego. (FRANCA, 2006, p.10)



Foto 4.6 – Subcontratação:

empresa repassa montagem de painel elétrico para trabalhadores informais e formais. A fabricação geralmente é feita em casa – mas há também casos de uso das dependências da empresa – no período noturno ou nos finais de semana.

Reinaldo Tronto, 2008.

A precarização das relações de trabalho, e do trabalho em si, tem uma influência psicológica muito forte nos trabalhadores com e sem emprego, podendo ser instrumento de libertação intelectual e de classe ou de opressão e alienação.

O desemprego surge como uma ameaça aos trabalhadores. Isso ocorre quando o trabalho é mercadoria, quando é visto essencialmente como meio para o acesso ao consumo. Nesse caso, a escassez do trabalho formal assalariado, enquanto ameaça à exclusão do mundo do consumo, submete o indivíduo à alienação. Segundo Oliveira, a alienação:

se manifesta também sob a forma de consciência e de afastamento do ser humano das atividades comunitárias para encerrar-se em si mesmo, abandonando a ação política (...) Em Psicologia, a expressão é utilizada como sinônimo de perda da identidade individual, que se manifesta na separação entre o indivíduo e a realidade. (OLIVEIRA, 2004, p.239-240)

Essa alienação mascara e esconde a condição do trabalhador explorado, dominado e coadjuvante do projeto local. A submissão do trabalhador a essas condições deve-se principalmente à concretização na vida cotidiana da alienação por meio da necessidade do trabalho e do consumo: tudo pelo trabalho (emprego); todo trabalho (e renda) para o progresso (de Sertãozinho, da empresa e do trabalhador) e para o consumo.

Esse trabalhador alienado, dentro desse sistema opressor, submete-se a condições cada vez mais precárias de trabalho e de relações de trabalho. Essa nova mentalidade ou ideologia do trabalho coexiste com a história ideológica do trabalho como meio de ascensão social e econômica – concepção herdada dos imigrantes italianos.

4.2. Os novos espaços das relações sociais

O objetivo da aplicação das entrevistas, que, apesar de apresentarem uma estrutura formal – questionário previamente formulado –, apresentaram-se também como entrevistas abertas, foi identificar os motivos de os empresários fundarem suas empresas e de elas estarem em Sertãozinho. Nossa preocupação metodológica residiu, então, em transformar essas pessoas e esses grupos e, principalmente, suas ações atuais e sua história em objetos também de estudo.

Para Cruz Neto (1995, p.54), a preocupação reside em que “essas pessoas e esses grupos são sujeitos de uma determinada história a ser investigada, sendo necessária uma *construção teórica* para transformá-los em *objetos de estudo*. Partindo da *construção teórica do objeto de estudo*, o campo torna-se palco de manifestações de intersubjetividades e interações entre pesquisador e grupos estudados, propiciando a criação de novos conhecimentos”⁶². Esse autor ressalta, ainda, quando analisa a definição de campo de pesquisa, que “o lugar primordial é ocupado pelas pessoas e grupos convivendo em uma *dinâmica de interação social*”⁶³ (CRUZ NETO, 1995, p.54).

O objetivo foi buscar construir essa “dinâmica de interações sociais” existente no nível local para então entender a questão cultural nessa dinâmica empresarial-industrial-econômica local. A proposta das entrevistas esteve relacionada à tentativa de levantar, com esses empresários, informações sobre as motivações para a fundação das empresas em Sertãozinho e sobre as condições competitivas para que elas atuem hoje nesse espaço. A técnica de entrevistas foi o instrumento de aproximação entre o pesquisador e os sujeitos envolvidos e as relações sociais existentes no espaço local; foi também condição do pesquisador enquanto sujeito desse espaço: foi “motivador” e “facilitador” dos contatos para as entrevistas. Para Cruz Neto (1995, p.51), “o trabalho de campo se apresenta como uma possibilidade de

⁶² Os destaques em itálico são do autor.

⁶³ Idem.

conseguirmos não só uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também de criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo”.

A vivência do pesquisador nos meios dos empresários, dos trabalhadores e da política institucional local proporcionou uma inserção positiva no campo de pesquisa e, no nosso caso, no objeto de pesquisa – APL de Sertãozinho, cultura local e relações sociais e de trabalho. A nossa vivência é tanto histórica quanto atual, fundada em uma matriz histórica que se confunde em diversos momentos com a vida do pesquisador. A sua família, a sua vida escolar “secundária”, o bairro onde viveu a maior parte de sua vida, as relações sociais construídas a partir da sua história de vida, todas essas condições socioespaciais foram fundamentais na análise do entendimento da formação socioespacial local, da cultura espacial local e da identidade local.

O pai do pesquisador foi trabalhador da extinta Zanini e, portanto, viveu a realidade daquela empresa – da ascensão à queda – e conheceu grande parte dos empresários atuais, já que estes foram trabalhadores dessa empresa naquela época. Atualmente, sua condição de prestador de serviços de manutenção e montagens elétricas para várias empresas tem proporcionado vivenciar com os empresários e as empresas uma realidade relacional nova, mas inserida no contexto da vida industrial e empresarial local. Essa condição possibilitou uma abertura muito grande das empresas e dos empresários para as entrevistas.

Outra condição favorável à aplicação das entrevistas e, principalmente, à vivência do pesquisador nessa “vida” local baseada na indústria e no trabalho foi a condição de ex-trabalhador da indústria local e também de estudante⁶⁴ de escola técnica formadora de mão-de-obra para a indústria. Alguns dos micro e pequenos empresários que surgiram recentemente, nessa nova “onda” de criação de empresas, ou trabalharam ou estudaram com o pesquisador. Outros foram seus vizinhos⁶⁵. Outros, ainda, foram pais de alunos da escola local

⁶⁴ O pesquisador foi estudante do Ensino Médio técnico em Eletromecânica na Escola Técnica Estadual “José Martiniano da Silva”, conhecida como Industrial, em Ribeirão Preto. A cidade de Sertãozinho, na época (1992-1995), era a cidade que, depois de Ribeirão Preto, mais matriculava estudantes nessa escola. Os estudantes formados facilmente encontravam emprego nas empresas de Sertãozinho e muitos deles já se dirigiam para a escola com o emprego garantido. As empresas incentivavam os jovens a estudarem no Industrial ou no Senai de Ribeirão Preto. Na verdade, as relações horizontais, sempre muito fortes entre os empresários e os trabalhadores e famílias sertanezinhas, colocavam estes compromissos entre os empresários e os estudantes ou suas famílias. Não era um compromisso da instituição, mas dos empresários ou sócios. Por outro lado, confunde-se muito, em Sertãozinho, a figura da instituição empresa com a do empresário ou sócio: “eu fui na empresa de fulano”, “você tem que conversar com fulano”, “o fulano tem uma empresa lá...”, “é na empresa do fulano”, “conversa com ele”.

⁶⁵ O bairro onde o pesquisador residiu por 28 anos é um misto de bairro operário, bairro industrial e bairro comercial. Como é um dos bairros mais antigos, grande parte de seus moradores foi trabalhadora da Zanini – que, inclusive, era separada do bairro apenas pela rodovia Armando de Salles Oliveira. A instalação de empresas industriais no bairro se deve à sua localização às margens da rodovia – que é um verdadeiro eixo industrial da

onde o pesquisador leciona⁶⁶. E, por fim, mas não menos importante, o conjunto de relações sociais locais que faz a cidade e a sua sociedade “respirarem” indústria e trabalho: nos locais mais variados que se pode imaginar, dos restaurantes às festas privadas/particulares, das escolas às instituições, os principais temas das discussões são a economia local, as indústrias e o trabalho; sempre é possível encontrar um industrial ou um funcionário de alto escalão ou um trabalhador da indústria em geral que, pelas fortes relações horizontais existentes no espaço local, vive ativamente a vida da empresa e empresarial – sabe das informações estratégicas de vendas, do desenvolvimento e lançamento de novos equipamentos, das estratégias de concorrência, de parcerias, de contratação de funcionários etc. O que devemos assumir é que sempre estivemos em contato com os sujeitos do projeto econômico local em curso e, enquanto pesquisador, colhemos informações qualitativas imprescindíveis.

4.2.1. Quais são os espaços das relações sociais? E onde estão?

Os espaços das relações sociais, bem como as atividades das relações sociais, têm duplo papel na localidade: por um lado, o de “misturar”, dando a impressão de serem iguais os indivíduos de origens e classes sociais bastante distintas; por outro, o de reproduzir sutilmente o papel de cada um (classe) na hierarquia socioeconômica.

Na organização das equipes e das atividades esportivas, no campo e na quadra de futebol ou de outra modalidade esportiva, essas classes – trabalhadores e empresários – “misturam-se” e se hierarquizam. Jogam e/ou torcem pelo mesmo time, já que o time precisa do esforço de todos, independentemente da posição social e econômica, para ser campeão. Mas essa “mistura” apresenta uma hierarquia intencionalizada por uma forte rede de interesse. Por trás da doação do uniforme, do transporte e de outros “benefícios” feitos pelos empresários, está a constituição de uma imagem social do empresário, por um lado, e a alienação dos trabalhadores, por outro.

cidade – e à proximidade com a Zanini. O comércio bastante desenvolvido no bairro – o segundo polo comercial da cidade e um subcentro – deve-se principalmente à localização entre a área industrial – e, portanto, a Zanini ontem e o parque industrial hoje – e os bairros operários – conjuntos habitacionais –; o fluxo de pessoas nas avenidas que cortam esse bairro-região é o maior da cidade, inclusive superior ao do centro em dias normais, o que acaba dinamizando o comércio instalado nas principais vias de circulação do bairro e da região.

⁶⁶ O pesquisador lecionou em uma escola particular local onde grande parte dos alunos era de filhos de industriais. As conversas entre alunos, percebidas pelo pesquisador, e os debates e interferências dos professores nas aulas em que se discutia a questão local, ou a economia brasileira, ou o processo de industrialização e de modernização da agricultura, foram outros tipos de relações sociais presentes na pesquisa e na coleta de dados, ou num campo permanente.

O espaço produzido é um resultado da ação humana sobre a superfície terrestre que expressa, a cada momento, as relações sociais que lhe deram origem. Nesse sentido, a paisagem manifesta a historicidade do desenvolvimento humano, associado a objetos fixados ao solo e geneticamente datados. Tais objetos exprimem a espacialidade de organizações sociopolíticas específicas a se articulam sempre numa funcionalidade do presente. Aparentemente formas inertes, possuem, contudo, o poder de influir na dinâmica da sociedade. (MORAES, 1996, p.15)

O papel das empresas e dos empresários, apesar de parecer contraditório, é fundado em uma relação de aproximação com os trabalhadores por intermédio de uma sociabilidade que não seja ameaçadora e que amenize as oposições de classes. Essa sociabilidade é produzida a partir de uma racionalidade pensada para a diminuição dos acirramentos, crises e antagonismos entre as classes sociais locais.



Foto 4.7 – Centro de Lazer do Trabalhador “Silvério Selli”.
Infraestrutura de esporte e lazer localizada na região do bairro Alto do Ginásio. Local de encontro da classe operária para a prática esportiva.
Reinaldo Tronto, 2008.



Foto 4.8 – Time do Sertãozinho F.C.

Atuando pela primeira divisão do Campeonato Paulista de Futebol em 2007 e 2008, o Sertãozinho lotou o estádio municipal “Frederico Dalmaso” nos dias em que teve mando de campo. Este espaço e os campos onde ocorrem as partidas de futebol amador são verdadeiros templos da sociabilidade masculina extra-fábrica.

Reinaldo Tronto, 2008.



Foto 4.9 – Vista parcial da entrada do estádio municipal “Frederico Dalmaso” em dia de jogo pelo Campeonato Paulista de Futebol da Série A.

A participação do time local na “elite” do futebol paulista foi um dos grandes assuntos nesses dois anos. A relação futebol-política-empresa foi fortalecida com essa “paixão comum” dos trabalhadores de Sertãozinho. Futebol é uma das ferramentas de aproximação entre patrão (industrial) e operário (da indústria). No amador, essas classes sociais se misturam nos diversos times do amador e do “fora de forma”. Na torcida pelo Sertãozinho, são 100.000 sertanezinhos, de todas as classes sociais, torcendo “juntos” pelo “Touro dos Canaviais”.

Reinaldo Tronto, 2008.



Figura 4.1 – Escudo e mascote do Sertãozinho F.C.

Criado pelo falecido usineiro Alcídio Balbo, o Sertãozinho é o principal time da cidade. Sua mascote, o “Touro dos Canaviais”, surgiu de uma fala do então presidente Balbo comparando a força do time com a força dos touros que escapavam de sua propriedade para os canaviais.



Foto 4.10 – Vista parcial do interior de uma fábrica em Sertãozinho.

As fábricas são importantes espaços de sociabilidade, já que os trabalhadores se estabelecem ali durante grande parte de seu cotidiano.

Reinaldo Tronto, 2006.

Capítulo 5

Formação de um arranjo produtivo local potencial ou precoce em Sertãozinho

O estudo do desenvolvimento local tem encontrado um grande número de pesquisas e pesquisadores que têm-se debruçado na análise das aglomerações de empresas. Segundo Porter, autor de grandes contribuições a essa temática:

Um aglomerado é um agrupamento geograficamente concentrado de empresas inter-relacionadas e instituições correlatas numa determinada área, vinculadas por elementos comuns e complementares. O escopo geográfico varia de uma única cidade ou estado para todo um país ou mesmo uma rede de países vizinhos. Os aglomerados assumem diversas formas, dependendo de sua profundidade e sofisticação, mas a maioria inclui empresas de produtos ou serviços finais, fornecedoras de insumos especializados, componentes, equipamentos e serviços, instituições financeiras e empresas de setores correlatos. Os aglomerados geralmente também incluem empresas em setores a jusante (ou seja, distribuidores ou clientes), fabricantes de produtos complementares, fornecedores de infraestrutura especializada, instituições governamentais e outras, dedicadas ao treinamento especializado, educação, informação, pesquisa e suporte técnico (como universidades, centros de altos estudos e prestadoras de serviços de treinamento vocacional). Os órgãos governamentais com influência significativa sobre o aglomerado seriam uma de suas partes integrantes. Finalmente, muitos aglomerados incluem associações e outras entidades associativas do setor privado que apoiam seus participantes. (PORTER, 1999, p.211)

Esse processo de criação das empresas – quase sempre micro e pequenas – contribui para a formação de uma aglomeração especializada de indústrias e empresas que tem feito parte do processo de reestruturação da economia mundial, nacional e dos territórios onde “os aglomerados seriam definidos como um sistema de empresas e instituições inter-relacionadas, cujo valor como um todo é maior do que a soma das partes” (PORTER, 1999, p.226). Esse autor ainda afirma que:

aglomerados que são concentrações geográficas de empresas inter-relacionadas, fornecedores especializados, prestadores de serviços, empresas em setores correlatos e outras instituições específicas (universidades, órgãos de normatização e associações comerciais), que competem mas também cooperam entre si. Massas críticas de êxito competitivo extraordinário em determinadas áreas de negócios, os

aglomerados são um aspecto impressionante de quase todas as economias nacionais, regionais, estaduais e municipais, sobretudo nos países mais avançados. (PORTER, 1999, p.210)

Pires destaca o período histórico favorável ao surgimento dessas empresas:

Esse período é favorável à iniciativa de certas PMEs, que ultrapassam a oposição artificial entre grande e pequena estrutura. O conjunto dessas unidades de produção constitui um tecido produtivo contínuo formado por sistemas produtivos localizados, ilustrando a complexidade das relações entre atores econômicos que ultrapassam as ligações mercantis. Piore e Sabel (1984) chamaram de “uma segunda divisão industrial”. (PIRES, 2006, p. 50)

No Brasil, tem-se desenvolvido, entre várias vertentes de estudo, a teoria dos arranjos produtivos locais, com a preocupação de analisar de forma diferenciada – e talvez própria – as aglomerações de empresas em países de grande heterogeneidade e especificidade territorial, como é o caso brasileiro. Sobre essa preocupação, Enderle afirma:

O estado das artes sobre Arranjos Produtivos Locais (APLs) tem origem recente. As metodologias usadas anteriormente tendo como referência estudos empíricos de países desenvolvidos e com características substancialmente divergentes do Brasil não permitiam aprofundar o conhecimento sobre a realidade local dos países em desenvolvimento. Nesse sentido, o termo APL foi desenvolvido exclusivamente para estudos relacionados à realidade de países como o Brasil, onde a heterogeneidade entre as diferentes regiões é uma variável explicativa de uma relevância nas trajetórias de desenvolvimento locais, dando condições para o refinamento das análises. (ENDERLE et al., 2005, p.114)

Os arranjos produtivos locais – APL – compreendem formas modernas e contemporâneas de organização de sistemas setoriais de empresas, geralmente funcionando em um aglomerado de micro, pequenas e médias empresas – MPMEs –, funcionando ou não na órbita de uma grande empresa. Para o SEBRAE⁶⁷:

⁶⁷ Durante todo o desenvolvimento desse tópico do artigo, utilizaremos o referencial teórico do Sebrae sobre APL, pois esta instituição é uma das precursoras da tematização teórica e o principal agente na implantação de APL institucionais. Correndo riscos, vamos desenvolver essa parte do artigo na sistemática referencial teórica do Sebrae seguido de nossa investigação. Isso se deve, entre outros fatores, à não classificação do APL de Sertãozinho por algumas instituições e, aí nasce nosso interesse de, por meio da investigação, confirmar a tese do APL de Sertãozinho.

arranjos produtivos locais são aglomerações de empresas, localizadas em um mesmo território, que apresentam especialização produtiva e mantêm algum vínculo de articulação, interação, cooperação e aprendizagem entre si e com outros atores locais, tais como: governo, associações empresariais, instituições de crédito, ensino e pesquisa. (SEBRAE, 2003, p.12)⁶⁸.

Para Cassiolato e Lastres, autores que têm grande produção sobre essa temática, há diferença entre Arranjo Produtivo Local (APL) e Sistemas Produtivos e Inovativos Locais (SPILs). Segundo esses autores, os Sistemas Produtivos e Inovativos Locais compreendem:

[...] conjuntos de agentes econômicos, políticos e sociais, localizados em um mesmo território, desenvolvendo atividades econômicas correlatas e que apresentam vínculos expressivos de produção, interação, cooperação e aprendizagem. SPILs geralmente incluem empresas – produtoras de bens e serviços finais, fornecedoras de insumos e equipamentos, prestadoras de serviços, comercializadoras, clientes etc., cooperativas, associações e representações – e demais organizações voltadas à formação e treinamento de recursos humanos, informação, pesquisa, desenvolvimento e engenharia, promoção e financiamento. APL são aqueles casos fragmentados e que não apresentam significativa articulação entre os agentes (CASSIOLATO e LASTRES, 2002, In ENDERLENE et al., 2005, p.114)

Na pesquisa, entendemos que o APL em formação em Sertãozinho caminha para a formação de um SPIL, dado o conjunto de instituições que mantêm interações em relação ao desenvolvimento local. Mas essas relações são desarticuladas do ponto de vista da intencionalidade de um coletivo de instituições ou de um território comum.

De fato, Sertãozinho não é um APL em funcionamento pleno ou maduro porque não existe uma coordenação ou projeto propositivo que oriente as interações entre os agentes participantes do desenvolvimento local. O arranjo produtivo local entrou em formação (formação potencial e/ou precoce) a partir da abertura econômica e da reestruturação produtiva ocorridas nas décadas de 1980-1990 que, enquanto dificultava e desestruturava as grandes empresas nacionais, criava condições competitivas ao surgimento e ao desenvolvimento de um sistema de micro, pequenas e médias empresas – MPMEs.

No caso específico de Sertãozinho, a crise econômica foi agravada pelo congelamento e posterior extinção do Proálcool – Programa Nacional do Alcool –, programa estatal que

⁶⁸ O sublinhado corresponde ao original.

disciplinava e coordenava a produção do álcool no país por meio do Instituto do Açúcar e do Alcool – IAA –, extinto em 1990. As indústrias ali instaladas eram dependentes, em grande parte, das usinas e destilarias que recebiam recursos do Estado (por meio do Proálcool) para instalação de novas unidades industriais de produção ou mesmo da reforma e manutenção das unidades já existentes. A diminuição gradativa da frota de veículos movidos a álcool (queda do preço internacional do petróleo) em função da perda de competitividade desse combustível com relação à gasolina também agravou a situação do setor sucroalcooleiro, atingindo diretamente as indústrias sertanezinhas, em especial as de grande porte. É importante destacar que, até então, o parque industrial local era formado principalmente por médias e grandes empresas, e a crise no setor gerou uma forte recessão na economia local.

A crise no setor sucroalcooleiro e das grandes e médias indústrias sertanezinhas causou a falência de empresas e a redução da massa de trabalhadores nas indústrias que sobreviveram à crise. Essas situações permitiram o aparecimento de novas estratégias de produção, como a informalidade, a subcontratação/terceirização e o surgimento de micro e pequenas empresas, condições que possibilitaram o início da formação de um aglomerado de pequenas, micro e médias empresas.

Esse aglomerado de empresas se formou de maneira desarticulada e sem um projeto definido ou uma coordenação orientadora para o desenvolvimento local. Entrou em formação potencial ou precoce porque não havia uma articulação ou coordenação para a formação de um arranjo produtivo local. De fato, as condições e características de um APL existem localmente a partir de articulações isoladas, de articulações momentâneas, ou como estratégias para o desenvolvimento do projeto local – projeto que não é de criação de um APL. O projeto da elite local para Sertãozinho é que apresenta um conjunto de situações que se enquadram no “modelo” metodológico de constituição de APLs.

Segundo o IBGE, o município conta atualmente com 565⁶⁹ estabelecimentos industriais do tipo indústrias de transformação. Geralmente estão vinculados à indústria de base e de transformação nas áreas de usinagem, fundição, injeção plástica, moldagem, borracha, instrumentação e controle, tratamento térmico, eletroeletrônica e eletromecânica, (...) fornecedores principalmente para o setor sucroalcooleiro, mas também para os setores de papel e celulose, alimentício, de bebidas, fundição, mineração, siderurgia, energia. A

⁶⁹ IBGE, Cadastro Central de Empresas 2005; Malha municipal digital do Brasil: situação em 2005. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

especialização produtiva do município está vinculada à indústria intermediária de fabricação de máquinas e equipamentos⁷⁰ para processos industriais⁷¹.

Em Sertãozinho, nas décadas de 1980 e 1990, com crise, abertura e reestruturação da economia e do setor sucroalcooleiro nacionais, ocorreu o processo de abertura de mais de uma centena de MPMEs, inclusive com uma certa mudança no perfil dos sócios fundadores de empresas. Técnicos e engenheiros, formados em escolas técnicas e faculdades, passaram a ter maior participação entre os fundadores de empresas nas décadas de 1990 e 2000.

Pires adverte para os cuidados necessários ao analisar a tendência de substituição da grande empresa pelas pequenas e médias empresas – PMEs. Esse autor ressalta que, dentro das PMEs, “a estabilidade desses empregos é frágil, a taxa de mortalidade dessas pequenas empresas ainda é bastante elevada e a qualidade do emprego dos que se mantêm é precária, pois o descumprimento da legislação trabalhista é bastante elevado” (PIRES, 2006, p.50). Esse autor ainda ressalta que:

Essas evidências questionam a imagem arcaica da pequena e de sua contribuição subalterna ao desenvolvimento econômico, apesar da presença do dualismo das unidades de produção. A evolução muito rápida e a capacidade de adaptação de algumas categorias de PMEs (e não somente nos setores “high tech”) permitem romper com a oposição entre as grandes e as pequenas e médias empresas e surgem novas relações entre essas categorias de empresas, antes inexistentes. (PIRES: 2006, p.50)

⁷⁰ Fabricação de moendas, turbinas, caldeiras, redutores, painéis de controle, implementos agrícolas e outros.

⁷¹ Algumas empresas chegam a fabricar integralmente uma fábrica de açúcar ou destilaria, bem como ramos industriais semelhantes (bebidas e mineração).



Foto 5.1 – Vista parcial da Incubadora Empresarial de Sertãozinho.

A incubadora é uma parceria entre a PM de Sertãozinho, o Sebrae e o Lions Clube. Essa instituição, criada em 1996, tem contribuído para a orientação e a estruturação de novos negócios em Sertãozinho, especialmente os ligados ao setor sucroalcooleiro e à complementaridade do aglomerado de empresas ali instalados. Reinaldo Tronto, 2008.

As empresas especializadas no fornecimento de máquinas e equipamentos para o setor sucroalcooleiro surgiram principalmente entre as décadas de 1950 e 1980. Surgiam quase sempre informalmente, de forma bastante precária, em fundo de quintal ou garagem, e, de alguma forma, estavam relacionadas com o “empreendedorismo” de alguns trabalhadores que visualizavam um mercado em expansão ou que eram incentivados pelos seus patrões da época.

As oportunidades oferecidas pelo mercado da época – usinas em expansão incentivavam a criação de empresas fornecedoras; indústrias metalúrgicas e mecânicas incentivavam a criação de fornecedoras para terceirizar parte de sua produção e, portanto, reduzir custos – foram aproveitadas por vários operários de chão-de-fábrica e por funcionários de maior qualificação (técnicos, engenheiros, gerentes).



Foto 5.2 – Vista parcial do Distrito Industrial II.

Em todas as áreas do município – espaço urbano e rural, zonas residenciais, comerciais e industriais –, o número de construções industriais é bastante elevado. Um exemplo desse processo é a escassez e valorização da mão-de-obra do setor de construção civil. Reinaldo Tronto, 2008.



Foto 5.3 – Instalação industrial em fase final de construção.

Dos prédios industriais em construção na atualidade, percebe-se o grande predomínio de instalações para pequenas e médias empresas, o que confirma e fortalece o sistema de MPMEs.

Reinaldo Tronto, 2008.

Um grande número de empresas foi fundado por trabalhadores que tinham baixa qualificação, geralmente a “Escolinha da Zanini”, o “Industrial” (ETE “José Martiniano da Silva”, de Ribeirão Preto), o Centro Moura Lacerda (escola técnica e faculdade, de Ribeirão Preto). Os usineiros locais e regionais tinham uma forte preocupação quanto à dependência e distância em relação aos fornecedores, concentrados, até então, em Piracicaba. Daí o incentivo à criação, em Sertãozinho, de empresas fornecedoras. Na atualidade, apesar de objetivos um pouco diferentes – por exemplo, a redução de custo e a abertura de mercado com o crescimento do setor sucroalcooleiro –, tem-se um novo período de criação e expansão das empresas.

O Sebrae destaca a importância do território como “um espaço definido e delimitado por e a partir de relações jurídicas, políticas ou econômicas, instituídas sempre por conformações explícitas ou implícitas de poder. Assim, o território está sempre ligado à ideia de domínio coletivo” (SEBRAE, 2003, p.13). Sertãozinho, analisada como espaço político, portanto como território, apresenta um conjunto de relações locais e extralocais bastante complexo e um conjunto de instituições vinculadas ao seu desenvolvimento. A relação extraterritorial surgiu com o aprofundamento do desenvolvimento industrial e das “indústrias-chave” (que passaram a exportar seus produtos para cidades, regiões e países), ao mesmo tempo em que ocorreu o crescimento da participação dessas empresas em associações empresariais, feiras e governos que extrapolam Sertãozinho.

Posteriormente, com a crise do modelo da grande empresa – Zanini – e com o surgimento de inúmeras micro, pequenas e médias empresas (tendendo a formar um sistema de MPME), ocorreu novamente a construção de uma sólida relação orgânica, agora “desconcentrada” do ponto de vista das unidades industriais, mas centralizada⁷² do ponto de vista do comando do território.

⁷² Com a Zanini, empresa de grande porte que centralizava o poder político, econômico, social, cultural e ideológico, a relação era centralizada com relação ao território e à sociedade local. Havia as festas promovidas pela empresa, a ajuda às entidades sociais locais, a formação de mão-de-obra pela “Escolinha da Zanini”, o controle e influência nas questões políticas municipais, a relação dominante diante de outras empresas etc. Com o desenvolvimento do sistema de MPME, ocorreu uma desconcentração centralizada, ou uma descentralização ordenada. Atualmente o controle não é feito por uma única empresa, e sim pela articulação política entre as empresas, obviamente com a atuação privilegiada de alguns poucos.

Por mais que sua especialização principal seja a indústria mecânica de fabricação de máquinas, equipamentos e sistemas para a indústria sucroalcooleira (usinas e destilarias), não podemos deixar de reconhecer a existência de outros subarranjos setoriais subordinados ao arranjo principal. Porter (1999) alerta para o erro de algumas análises não considerarem mais de um setor dentro de algumas aglomerações. Ele afirma que “a rotulação de um único setor como aglomerado ignora interconexões intersetoriais e institucionais de importância crucial, como um forte impacto sobre a competitividade” (PORTER, 1999, p. 214).

Podemos listar, portanto, pelo menos três setores existentes nesse arranjo produtivo de Sertãozinho:

- o próprio setor da indústria mecânica de fabricação de máquinas, equipamentos e sistemas para a indústria sucroalcooleira (usinas e destilarias);
- o setor de fabricação de máquinas e implementos agrícolas para a agricultura canavieira;
- o setor da agroindústria sucroalcooleira (usinas e destilarias).

A localização de setores que atuam em um mesmo grande setor ou segmento – neste caso, o setor sucroalcooleiro – gera várias economias de escala que potencializam tanto cada setor quanto o setor sucroalcooleiro, como o território de Sertãozinho. Sobre a localização, Porter destaca:

A localização afeta a vantagem competitiva através da influência sobre a produtividade e, em especial, sobre o crescimento da produtividade. Produtividade é o valor gerado por dia de trabalho e por unidade de capital ou por recursos físicos. Os insumos de valores genéricos na maioria das vezes são abundantes e prontamente disponíveis. A prosperidade depende da produtividade com que os fatores são utilizados e aprimorados numa determinada localidade. (PORTER, 1999, p.221-222)

Percebemos alguns fatores que contribuem para o aumento da produtividade, além da produtividade tecnológica trazida por novos sistemas produtivos, por mão-de-obra mais qualificada e por máquinas e equipamentos mais modernos, todos esses fatores de influência externa e que estão condicionados a um movimento global de mudança de paradigma quanto ao sistema produtivo – do fordismo para o sistema flexível. Mas, de fato, percebemos que algumas condições que influem na produtividade desse arranjo produtivo, e, portanto, de suas empresas, estão ligadas a especificidades locais.

1) A produtividade do trabalho condicionada pela estabilidade das relações de produção e das relações entre classes sociais. Essa estabilidade é preservada por algumas condições:

- produzida pelo aumento do ritmo de trabalho (por hora trabalhada) ou pela carga horária diária/semanal suplementar ao regime regular, condições mantidas:
- pelo relacionamento harmônico entre empresário e operário (mesma origem);
- pelo orgulho, por parte do trabalhador, em relação ao desenvolvimento da empresa ou de Sertãozinho. Culto e simbolismo em relação à empresa, ao local, ao desenvolvimento, à industrialização, ao crescimento econômico;
- pela alienação do trabalhador, mantida por meio do trabalho, das festas locais, do esporte e do consumo (carro, casa, região de moradia na cidade, locais sociais que frequenta);
- pela ideologia da lógica da ascensão de trabalhador a patrão;
- pelo significado da conquista do e pelo trabalho.

Todos esses fatores produzem uma condição local favorável à manutenção de baixos salários, da informalidade, das condições precárias e insalubres de trabalho, da superexploração do trabalho, da exaustão pelo trabalho, da fragilidade das organizações de trabalhadores (sindicatos). Esse conjunto acaba trazendo para Sertãozinho uma condição de produtividade espacial e empresarial que potencializa sua capacidade de competição e de competitividade mediante outras localidades de industrialização tradicional ou mais antiga.

2) O conhecimento e a experiência dos trabalhadores e empresários locais, adquiridos nas empresas e passados à frente com a mobilidade de trabalhadores ou a criação de empresas, são fatores aos quais, em muitos casos, não se tem acesso em escolas técnicas ou faculdades – principalmente no caso de Sertãozinho, onde a qualificação da mão-de-obra como um todo é recente. Os trabalhadores que passaram pela Zanini e que passam hoje pelas indústrias principais da cidade, em setores de assistência técnica, de desenvolvimento e pesquisa, de engenharia, de projetos, adquirem um conhecimento que agrega muito o seu valor dentro de uma empresa.

3) A propaganda institucional da imagem de Sertãozinho e de suas empresas é feita localmente (o que já foi discutido no capítulo 3) e externamente, contribuindo muito para o fortalecimento da economia local e das suas empresas. Essa propaganda é feita na televisão, em jornais e revistas impressos, na mídia especializada para o setor sucroalcooleiro e outros setores aos quais as empresas locais prestam serviço.



Foto 5.4 – Outdoor de comemoração aos 111 anos da cidade.

Destaque para a frase “Nossa energia conquistou o mundo”. “Nossa” é usado no sentido da energia da cidade, das empresas e do povo.
Reinaldo Tronto, 2007.

4) Difusão de inovações. Na década de 1990, foi criada a Sucroalcool – atual Fenasucro (Feira Internacional do Setor Sucroalcooleiro) –, feira que ocorre anualmente e apresenta expositores nacionais e internacionais. A feira serve tanto para vender as empresas e os produtos de Sertãozinho como para a difusão de inovações, sejam as trazidas de outras localidades, sejam as produzidas nesse território. Atualmente, ocorrem mais duas feiras em Sertãozinho: a Agrocana (Fenasucro) e a Forind – Feira dos Fornecedores Industriais do Interior do Estado de São Paulo.



Foto 5.5 – Vista parcial da entrada da Fenasucro 2008.

As feiras realizadas em Sertãozinho são instaladas nesse local, denominado Centro de Eventos Zanini, anexo ao Centro Empresarial Zanini, ambas áreas da antiga Zanini S.A. Equipamentos Pesados.
Reinaldo Tronto, 2008.



Foto 5.6 – Vista parcial da Forind 2008.

Reinaldo Tronto, 2008.



Foto 5.7 – Forind 2008.

As empresas locais de médio e grande porte participam das feiras locais, nacionais e, algumas, de feiras estrangeiras. As micros e pequenas empresas participam das feiras realizadas em Sertãozinho por intermédio do Sebrae, que disponibiliza uma área própria para essas empresas a um custo subsidiado.

Reinaldo Tronto, 2008.

5) Formação de mão-de-obra qualificada por meio da instalação de instituições de ensino. A carência de instituições de ensino para qualificar oficialmente a mão-de-obra de Sertãozinho levou a Zanini a criar, em parceria com o Senai⁷³, a “Escolinha da Zanini”, em 1976. Na crise-reestruturação das décadas de 1980 e 1990, a qualificação da mão-de-obra foi colocada como uma das prioridades pelo projeto local. A partir daí, os agentes econômicos hegemônicos passaram a articular politicamente com as instituições empresariais e os governos estaduais e municipais para a instalação de unidades especializadas de ensino. O quadro a seguir aponta a datação das instituições de ensino e o nível de qualificação profissional.

⁷³ As instalações, as máquinas e os professores eram da Zanini, e a certificação ficava a cargo do Senai. Na época, já existiam, em Ribeirão Preto, tanto o Senai – com cursos para mecânica geral, eletricidade, marcenaria – e o “Industrial” – com cursos técnicos na área de Eletrotécnica, Mecânica, Eletromecânica –, além do Centro Universitário Moura Lacerda, que oferecia o curso técnico de Eletrônica.

Quadro 5 1 – Instituições de ensino em Sertãozinho – Nível de qualificação e ano de fundação

Instituição	Nível de qualificação	Ano de fundação/implantação da modalidade
Semar	Técnico	1958
Escolinha da Zanini	Técnico	1976
Tecnosert	Técnico	1988
Cefet	Técnico	1996
Senai	Técnico	1998
Fasert	Superior	1999
Semar	Superior	2000
Semar/Unicastelo	Superior	2007
Ceise-UFSCar ⁷⁴	Superior	2007-2008
Fatec	Superior	2008
Moura Lacerda	Superior	2008
Fasert/Anhanguera	Superior	2008

Organização Reinaldo Tronto, com informações das instituições



Foto 5.8 – Uma das unidades da Tecnosert, escola privada especializada na formação de mão-de-obra técnica para a indústria de Sertãozinho. Essa unidade escolar, inaugurada em 2007, está localizada em uma das áreas periféricas da cidade, na região das cohab's, onde a procura por cursos técnicos é bastante elevada. Tem ocorrido uma desconcentração de escolas técnicas: na região das cohab's, estão instaladas também o Senai e a Tecnotig, além do Sesi. Reinaldo Tronto, 2008.

⁷⁴ O Ceise firmou parceria com a UFSCar para a realização de um curso de MTA em Gestão Sucroalcooleira. O curso é oferecido ao segmento dos empresários, e as aulas ocorrem no Centro Empresarial Zanini.



Foto 5.9 – Unidade da Escola Móvel do Senai, em frente à unidade do Senai de Sertãozinho.
 Apesar da expansão das salas de aula em 2007, a unidade não tem conseguido atender a forte demanda local por cursos técnicos industriais. A utilização da unidade móvel tem sido uma estratégia para driblar o uso-limite da capacidade da unidade para alunos e turmas.
 Reinaldo Tronto, 2008.



Foto 5.10 – Novo prédio do Cefet – Unidade Descentralizada de Sertãozinho –, inaugurada em 2008.
 A instalação dessa escola técnica federal em 1996 foi um marco do atual período de expansão da economia e da indústria de Sertãozinho, fortemente dependentes de mão-de-obra técnica qualificada.
 Reinaldo Tronto, 2008.

6) A produção de inovações: o Quadro 5.1 (página 133) indica um ponto importante que é a inexistência de instituições de pesquisa instaladas em Sertãozinho. É interessante

ressaltar, então, como Sertãozinho tem estabelecido estratégias quanto à inovação. Já vimos que uma das estratégias é a realização e participação em feiras. Vimos também que, de alguma forma, produz-se ou dissemina-se conhecimento – e, portanto, alguma inovação – no interior dessas empresas. Mas não é um conhecimento ou inovação que se refere exclusivamente a tecnologia de ponta em produtos ou sistemas produtivos. São poucas as empresas locais que têm essa capacidade de desenvolver tecnologias em produtos e equipamentos: Smar, Dedini, Sermatec, TGM, Caldema, Brumazzi.



Foto 5.11 – Turbina fabricada pela TGM.

Durante a semana da Fenasucro, algumas turbinas para exportação (México) ficaram expostas na frente da empresa (localizada nas duas margens da rodovia Armando de Salles Oliveira). Essa empresa é uma das poucas de Sertãozinho com capacidade para desenvolvimento tecnológico em produtos.

Para Porter, os fatores relacionados à inovação são imprescindíveis ao desenvolvimento das aglomerações:

Os insumos de fatores abrangem os ativos tangíveis (como a infraestrutura física), a informação, o sistema legal e os institutos universitários de pesquisa a que recorrem as empresas na atuação competitiva. Para aumentar a produtividade, os insumos de fatores devem melhorar em eficiência, qualidade e, em última instância, grau de especialização em relação a determinado aglomerado. Os fatores especializados, sobretudo os essenciais para a inovação e o aprimoramento (por exemplo, um instituto universitário de pesquisa especializada) não apenas fomentam altos níveis de produtividade, como tendem a ser menos comercializáveis ou disponíveis em

outras fontes “aglomerados” que são concentrações geográficas de empresas inter-relacionadas, fornecedores especializados, prestadores de serviços, empresas em setores correlatos e outras instituições específicas (universidades, órgãos de normatização e associações comerciais), que competem mas também cooperam entre si. Massas críticas de êxito competitivo extraordinário em determinadas áreas de negócios, os aglomerados são um aspecto impressionante de quase todas as economias nacionais, regionais, estaduais e municipais, sobretudo nos países mais avançados. (PORTER, 1999, p.223)

Localmente, podemos periodizar diferentes etapas de estratégias de inovação e aprimoramento do conjunto das empresas – ou das principais empresas em cada período:

- 1ª etapa: até recentemente, eram as empresas que produziam suas inovações e aprimoramentos, baseados, em parte, na cópia e no aperfeiçoamento de equipamentos e sistemas de empresas concorrentes estrangeiras – essa etapa foi perdendo força e acabou sendo substituída com a abertura comercial (décadas de 1980 e 1990);
- 2ª etapa: com a abertura comercial e econômica, algumas empresas pararam de realizar *joint ventures* com empresas estrangeiras da Europa Ocidental, dos Estados Unidos e do Japão;
- 3ª etapa: apesar de existir, nas etapas anteriores, a realização de ensaios ou protótipos dentro das próprias empresas e que geralmente eram testados nas usinas locais ou da região, ganhou força a abertura econômica e comercial que movimentou a concorrência tecnológica e que, com a reestruturação econômica do setor, fez surgir várias empresas cujos proprietários ou sócios foram técnicos de campo ou “trecho” e tinham grande conhecimento prático e grande liberdade e respeito entre os usineiros – isso facilitou bastante o teste de protótipos e a realização de ensaios de equipamentos e sistemas industriais desenvolvidos por essas novas empresas; nessa etapa, iniciaram-se parcerias com algumas universidades e centros de pesquisa, mas é ainda um fenômeno muito tímido e que envolve poucas empresas, geralmente as maiores indústrias. Entre as instituições parceiras, merecem destaque a UFSCar, a Unesp Jaboticabal, a USP Ribeirão Preto, a Unicamp, a USP-ESALQ Piracicaba;

- 4ª etapa: instalação de escolas técnicas e universidades, que passaram a contribuir com mão-de-obra mais qualificada, apesar de não contribuírem com o desenvolvimento de tecnologias, inovações e aprimoramentos.

De fato, o que se percebe, ainda, é que a horizontalidade das relações entre empresários e operários e a origem “operária” de grande parte dos atuais empresários são, talvez, os principais fatores do processo condutor e de inovações ou da busca de instituições científicas ou empresas parceiras para tal realização.

6) Criação de instituições locais de representação de interesse do empresariado. A criação do Ceise – Centro das Indústrias de Sertãozinho e Região –, em 1980, em plena crise econômica e em pleno ambiente das greves, ocorreu com o intuito de fortalecer os interesses da classe empresarial industrial de Sertãozinho. É essa entidade que representa, localmente e externamente, as indústrias ali instaladas. De fato, é a que hoje exerce autoridade para tratar de assuntos econômicos sobre Sertãozinho. Em 2007, empresários e autoridades do Ceise criaram o CeiseBr, entidade que tem por objetivo representar as indústrias ligadas à cadeia produtiva do setor sucroalcooleiro. É importante destacar que Sertãozinho tem uma sede regional da Ciesp, que responde por este e por municípios vizinhos. A instalação dessa delegacia foi uma reivindicação do empresariado local, fundamentada na especificidade da indústria sertanezina e da necessidade de sua autonomia ante Ribeirão Preto.

Quadro 5.2 – Sertãozinho: infraestrutura institucional

Instituição	Fundação	Atuação geográfica	Segmento	Função
Canaoeste – Cooperativa dos Plantadores de Cana do Oeste do Estado de São Paulo	1945	Regional (Ribeirão Preto)	Agropecuário	Defesa dos direitos e interesses dos plantadores e fornecedores de cana
Copercana	1963	Regional (Ribeirão Preto)	Agropecuário	Fornecimento de produtos, vendas em comum e prestação de serviços
Cocred – Cooperativa de Crédito	1969	Regional (Ribeirão Preto)	Agropecuário e outros	Ajuda aos cooperados para aquisição de linhas de crédito vantajosas; intermediação financeira
Acis – Associação Comercial e Industrial de Sertãozinho	1973	Local	Comércio, serviços e indústria	Apoio às empresas do comércio e de serviços
Ceise – Centro das Indústrias de Sertãozinho e Região	1980	Local/ Regional/ Nacional	Indústria	Representação e promoção das indústrias de Sertãozinho e região
Sindcovs – Sindicato do Comércio Varejista de Sertãozinho	1989	Local	Comércio	Promoção e estímulo do comércio sertanezinho
CDL – Câmara dos Dirigentes Lojistas de Sertãozinho	1996	Local	Comércio	Promoção do comércio lojista de Sertãozinho
Ciesp – Delegacia Regional do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo		Regional	Industrial	Promoção do desenvolvimento das indústrias da região de Sertãozinho
Incubadora Empresarial de Sertãozinho	1998	Local	Indústria	Promoção do empreendedorismo local
Organização Reinaldo Tronto, com informações das instituições				

Capítulo 6

Formação de um APL precoce ou potencial?

Na constituição de um APL, são várias as condições que devem estar presentes: aglomeração de pequenas e médias empresas – vinculadas ou não a uma empresa matriz –, especialização produtiva, cooperação, confiança, competitividade, coordenação, inovação, cultura local (identidade / valores locais), capital humano, infraestrutura, capacidade de atrair investimentos. Vamos tentar apresentar, nos próximos itens, algumas condições de Sertãozinho que, ao nosso ver, apontam para a formação de um APL (potencial ou precoce).

- **Aglomeração de pequenas e médias empresas** – vinculadas ou não a uma empresa matriz. Apresentamos anteriormente um organograma do surgimento de várias empresas a partir de empresas-mães formando um aglomerado de empresa. Segundo o IBGE, atualmente o município conta com 565 estabelecimentos industriais. Inicialmente, essas empresas surgiam da Zanini, mas, com o fechamento desta grande empresa, percebe-se que atualmente surgem empresas de diversas “empresas-mães”, não apenas de grande porte. Se, inicialmente, essas jovens empresas apresentavam forte dependência exclusivamente da Zanini, atualmente essa dependência diminuiu, por um lado, e pulverizou-se, por outro.
- **Especialização produtiva:** o setor industrial sertanezino é altamente especializado no setor sucroalcooleiro, em especial em três subsectores: agroindústria produtora de açúcar, álcool, aguardente e energia da biomassa; indústria de fabricação de máquinas e implementos agrícolas para a cultura canavieira; indústria de bens de produção especializada na fabricação de peças, máquinas e sistemas industriais, principalmente para usinas e destilarias. No caso de Sertãozinho, a substituição da especialização do café pela da cana deu lugar a uma nova especialização: a cana-de-açúcar. Consequentemente, abriu-se um mercado potencial para empresas e indústrias especializadas na prestação de serviços para esse setor – para as usinas, destilarias e agricultura canavieira.

- **Cooperação:** as empresas sertanezinhas, em função do seu porte predominante – MPMEs –, mantêm uma forte interação entre si, cooperando umas com as outras na disponibilização de máquinas e matéria-prima, na complementaridade produtiva, na agilidade na entrega dos pedidos, na utilização de veículos de transporte etc. Pires destaca as relações nos tecnopolos, mas que podem ser tranquilamente encontradas entre as PMEs de Sertãozinho. Segundo esse autor:

Essas relações nos tecnopolos escondem uma grande diversidade de situações e de efeitos diferentes sobre modos de regulação local. Esses tipos de concentração de atividades, embora sejam suficientemente densos, caminham na direção da cooperação, procurando de maneira original articular a pesquisa, a indústria e os serviços às necessidades das empresas. As relações de troca não se estabelecem somente em torno de um produto, mas também entre parceiros, sob um modo mais informal. A ideia de proximidade (geográfica, organizacional, institucional e cultural) é um elemento determinante para a circulação eficaz de informações úteis a cada indivíduo ou grupo de empreendedores, além de que fornece os elementos que fundam um território local. (PIRES, 2006, p.52)

- **Confiança:** em função da sua origem comum – Zanini ou escolas técnicas –, ou seja, da convivência passada, os atuais empresários ainda mantêm contatos e laços de confiança que facilitam as parcerias, as relações comerciais e a aquisição de produtos, matérias-primas e tecnologias conjuntamente.
- **Competitividade:** a concentração de um grande número de empresas em um mesmo local, a concorrência com Piracicaba e com grandes empresas multinacionais e o próprio setor de atuação – automação, controle de processos, plantas industriais etc. – obrigam essas empresas a serem competitivas em preço, em assistência técnica, em prazo e, acima de tudo, em tecnologia. Porter destaca a competição como necessária no ambiente competitivo. Esse autor, ao tratar da competição, afirma:

A maioria dos participantes de aglomerados não compete de forma direta, mas serve a diferentes segmentos setoriais. No entanto, compartilha muitas necessidades e oportunidades comuns e enfrenta muitas limitações e obstáculos coletivos à

produtividade. A visualização de um grupo de empresas e instituições como um aglomerado acentua as oportunidades de coordenação e aprimoramento mútuos, em áreas de interesse comum, sem ameaçar ou distorcer a competição ou restringir intensidade da rivalidade. O aglomerado proporciona um foro construtivo e eficiente para o diálogo entre empresas correlatas e seus fornecedores, governos e outras instituições de destaque. Os investimentos públicos e privados para a melhoria das condições dos aglomerados beneficiam muitas empresas. (PORTER, 1999, p.217-218)

Ainda segundo esse autor:

Os aglomerados influenciam a competitividade de três maneiras amplas: primeiro, pelo aumento da produtividade das empresas ou setores componentes; segundo, pelo fortalecimento da capacidade de inovação e, em consequência, pela elevação da produtividade; terceira, pelo estímulo à formação de novas empresas, que reforçam a inovação e ampliam o aglomerado. Muitas das vantagens dos aglomerados decorrem de economias externas às empresas ou dos “extravasamentos” ou efeitos colaterais de vários tipos entre empresas e setores. (PORTER, 1999, p.225)

- **Coordenação:** a criação de algumas instituições empresariais – em especial o Ceise e a instalação da Delegacia Regional do Ciesp – favoreceu a coordenação do projeto local pelas “empresas-chave” no desenvolvimento de Sertãozinho. A partir do Ceise, as empresas discutem o cenário de seu setor econômico, o cenário nacional e local, buscam estratégias comuns para o desenvolvimento das empresas e de Sertãozinho. Como exemplo, podemos citar a realização do Fórum Nacional do Álcool, realizado em Sertãozinho, desde 1998, por meio da parceria Ceise-Ciesp. Em 2008, o Fórum passou a ser internacional, com a denominação Fórum Internacional Sobre o Futuro do Álcool. Ainda em 1998, em plena crise econômica e de emprego, o Ceise-Ciesp, em parceria com o Sindicato dos Metalúrgicos e a Acis, promoveu o Pacto Social Emergencial de Sertãozinho.
- **Inovação:** como já tratamos, em Sertãozinho encontramos duas condições quanto à inovação. a) A difusão de inovação é acentuada, quer pelas redes de relações ali existentes, quer pelas instituições de que esses empresários participam ou com quem mantêm parcerias, quer pelas feiras e eventos do gênero que suas empresas participam. b) A produção de inovação é, essa sim,

muito tímida em Sertãozinho, quer pela inexistência de centros e universidades especializados em pesquisa, quer pelo pequeno ou nenhum investimento das empresas em produção de inovação. Como já afirmamos, são poucos os casos de empresas que investem em pesquisa e desenvolvimento, geralmente as maiores empresas. Correa apresenta uma explicação interessante para a geografia e que contribui para nosso estudo em relação à difusão da inovação:

Difusão de inovações: trata-se do espraiamento de ideias ou artefatos novos. Em geografia, fala-se da difusão espacial de inovações, ou seja, consideram-se os caminhos percorridos e a rapidez do percurso, conduzidos por agentes inovadores. O conceito de modernização está associado à ideia de difusão de inovações. O conceito em pauta aparece em Ratzel, é largamente adotado pelos geógrafos culturais e, mais tarde, pela nova geografia. A teoria da difusão espacial de inovações considera a difusão por contágio, à semelhança de uma mancha de óleo espalhando-se, a difusão hierárquica, através da rede de cidades, e a difusão espacialmente salteada, que passa por cima de áreas que não são afetadas pela inovação. (CORREA, 1986, p.86)

Porter, outro autor que trata da inovação, afirma:

Os aglomerados se alinham melhor com a natureza da competição e com as fontes da vantagem competitiva. Mais amplos do que os setores, eles captam importantes elos, complementaridades e “extravasamentos” ou efeitos colaterais, em termos de tecnologia, qualificação, informação, marketing e necessidades dos clientes que transpõem as empresas e os setores. (...) Essas conexões são fundamentais para a competição, para a produtividade e, sobretudo, para o direcionamento e velocidade da inovação e da formação de novas empresas. (PORTER, 1999, p.217)

Em Sertãozinho, a produção e a difusão de inovações são processos inter-relacionados, mas com intensidades bastante diferentes. Logicamente, para um lugar do Sul pobre, pouco provido de centros de pesquisa e universidades ali instalados, a difusão de inovações é muito frequente nas técnicas produtivas utilizados pelas empresas.

Quanto às técnicas de produção, estas inovações são feitas, em alguns casos, pela própria empresa⁷⁵. Algumas empresas locais, geralmente as de grande e médio porte, têm

⁷⁵ É frequente, nas empresas de Sertãozinho, o desenvolvimento de técnicas, tecnologia, produtos e sistemas de produção a partir de adaptações ou melhorias de equipamentos, produtos ou sistemas de concorrentes – na verdade, uma “cópia” melhorada e com uma “cara” diferente. A SMAR é um exemplo de empresa que respondeu a um processo nos Estados Unidos impetrado pela concorrente mundial Rosemont, que a acusa de

departamentos ou divisões de pesquisa e desenvolvimento (P&D) – caso da antiga Zanini, da atual Dedini, da SMAR, da TGM e de outras. Mas, na maioria dos casos das inovações, principalmente no que se refere às MPMEs, elas ocorrem em parcerias com instituições – centros de pesquisa e universidades – instaladas em outros lugares: UFSCar e USP de São Carlos, UNESP de Jaboticabal, UNICAMP, USP Ribeirão Preto.



Foto 6.1 – Unidade da Dedini em Sertãozinho.

A antiga concorrente da Zanini é, na atualidade, uma das principais indústrias locais.

Já a difusão das inovações é mais frequente e está associada a diferentes formas: aquisição de tecnologias estrangeiras; parcerias com universidades e centros de pesquisa; convênios com instituições empresariais (SEBRAE, CEISE etc.); transferência de informações entre empresas; transferência de informações por meio da mobilidade de trabalhadores; participação em feiras realizadas em outras localidades; realização de feiras em Sertãozinho (Fenasucro/Agrocana, Forind); realização em Sertãozinho de encontros, fóruns, seminários, workshop; subcontratação de empresas para prestação de serviços na área de tecnologia, desenvolvimento e pesquisa; parcerias entre empresas.

plágio. Na época da Zanini, não era diferente. Até a segunda metade da década de 1970 e da década de 1980, era muito frequente a empresa copiar equipamentos de empresas estrangeiras.

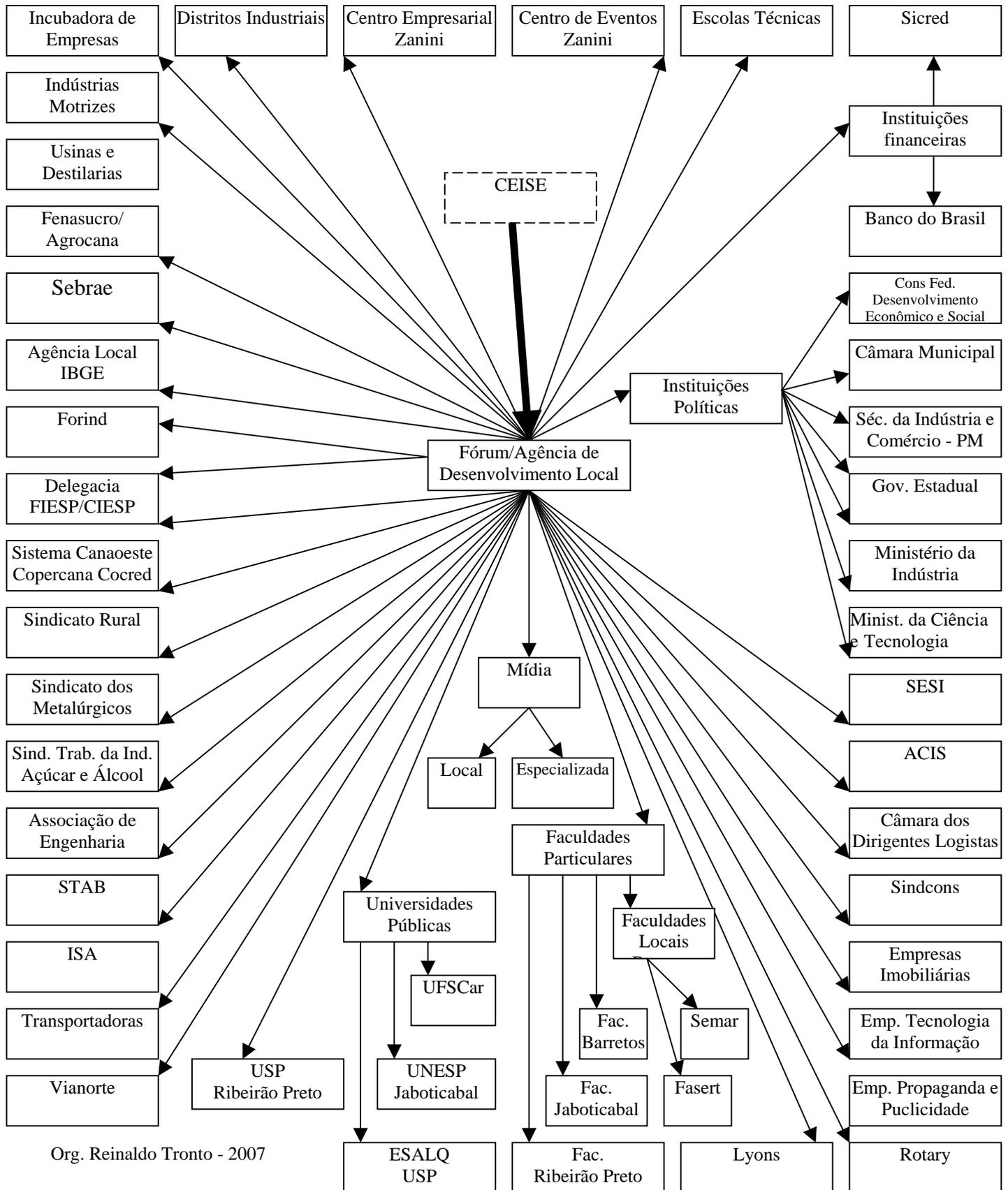
- **Cultura local** (identidade / valores locais): também já apresentamos a formação da cultura de Sertãozinho, que cultua vários símbolos: a própria Sertãozinho, as empresas e o empresariado, a cana, a industrialização, o desenvolvimento e o progresso, o trabalho. Esses símbolos compõem a cultura de Sertãozinho e estão estruturados nos valores disseminados pela sua comunidade e pela identidade que ela apresenta. A identidade coletiva construída em torno do setor sucroalcooleiro e da “cultura do trabalho” une empresas entre si, empresas e instituições, empresas e Estado local, empresas e território, empresas e trabalhadores, empresas e sociedade.
- **Capital humano**: no capítulo 1, ao tratarmos a periodização de Sertãozinho, percebemos que foi essencial a figura simbólica do imigrante no desenvolvimento e do trabalhador no processo de acúmulo de conhecimento técnico. No capítulo 4, o papel simbólico do trabalho é tratado como um dos alicerces para a dedicação do trabalhador à empresa e ao projeto Sertãozinho, bem como para a estabilidade das relações empregado–patrão e entre classes sociais antagônicas. Mais recentemente, o que foi apontado nesse capítulo, o projeto Sertãozinho busca a qualificação de sua mão-de-obra por intermédio da instalação de diversas instituições de ensino.
- **Infraestrutura**: Sertãozinho é servida de uma boa malha de rodovias estaduais e de estradas municipais. Já em relação à mobilidade interna do município, o crescimento acelerado e a falta de planejamento têm causado o estrangulamento do trânsito, principalmente nas áreas de concentração industrial. O sistema de comunicação – principalmente a Internet – está presente e com excelente qualidade em todas as áreas industriais. A infraestrutura escolar técnica é desenvolvida, como já apontamos. Deve-se ressaltar a infraestrutura para a realização de feiras e eventos empresariais (Centro de Eventos Zanini), para a instalação de empresas, filiais e escritórios de representação (Centro Empresarial Zanini e Edifício Comercial), para a instalação de novos prédios industriais (loteamentos industriais II e III, além de projetos de expansão no entorno do atual Distrito Industrial I), para a instalação de pequenos empreendimentos em fase de criação (Incubadora Empresarial de Sertãozinho). No geral, a infraestrutura local é de boa

qualidade e acessível à empresa. A localização de Sertãozinho próxima a Ribeirão Preto – 20 km – favorece também a utilização da infraestrutura existente neste centro regional.

- **Capacidade de atrair investimentos:** o acelerado crescimento econômico e industrial e o bom momento do álcool combustível têm favorecido uma atenção especial de investimentos externos e internos em Sertãozinho. Andando pela cidade, percebem-se a ampliação e a construção de novos prédios industriais, como prova da confiança do empresariado no bom momento econômico. As feiras e eventos promovidos nesse território têm apresentado recordes de visitação e de negócios.

A manutenção dessas condições permite a construção de uma permanente *governança* em rede, garante a continuidade do “projeto” e a manutenção da identidade hegemônica, bem como uma condição positiva para o desenvolvimento. O quadro a seguir propõe uma situação dessa governança em Sertãozinho.

Figura 6.1 – Organograma das instituições envolvidas no desenvolvimento local de Sertãozinho



De acordo com o Sebrae (2003), a condição positiva para o desenvolvimento apresenta as seguintes características:

- um ambiente produtor de inovação produtiva, de produtos e de tecnologia;
- um *marketing* da identidade territorial e das empresas por meio de investimentos coletivos, individuais e estatais e por meio do desenvolvimento de um sistema de mídia e eventos específicos para o setor;
- uma condição de concorrência e cooperação indutora de competitividade;
- a formação e troca de conhecimento tácito local por intermédio das redes criadas entre as empresas, entre os trabalhadores e entre os atores do APL;
- a qualificação permanente da mão-de-obra e de empresários;
- a atuação do poder público local e externo na constituição de uma estrutura territorial produtora de fluidez de fluxos;
- o desenvolvimento de capital local por meio de instituições cooperativas locais de créditos e acesso aos capitais estatal e privado diferenciado em relação a condições de crédito;
- promoção local da condição de potencializar as competências territoriais, empresarial, de capital humano, cultural-econômica e produtiva.

No intuito de buscar o entendimento e a compreensão da formação de um APL em Sertãozinho, buscamos uma sistematização dessas condições (Quadro 6.1).

Quadro 6.1 – Arranjo Produtivo Local Potencial de Sertãozinho: características gerais

aglomeração de empresas	565 indústrias de transformação em Sertãozinho ⁷⁶
	Sertãozinho e região
especialização produtiva	indústrias mecânica de fabricação de máquinas, equipamentos e sistemas para o setor sucroalcooleiro; indústrias eletroeletrônica e de automação e controle de processos
articulação	CEISE Br ⁷⁷ , delegacia regional FIESP/CIESP, Sindicato Rural Patronal, Sistema Copercana-Canaoeste-Sicred, ⁷⁸ Fenasucro, Agrocana, Forind
interação	relacionamento entre empresários através de vínculos históricos (imigração italiana), familiares, de proximidade, de origem estudantil (Senai, Escola Técnica Industrial), profissional (formação no “chão de fábrica”) e empregatícia (Zanini, principalmente)
cooperação	subcontratação, parcerias, rotatividade de mão-de-obra, empréstimos de máquinas e ferramentas, consórcios, projetos
aprendizagem	formação de mão-de-obra, desenvolvimento de conhecimento, produtos e tecnologia, difusão de inovações
outros atores locais	Prefeitura Municipal, imprensa, Rotary, Sicred (cooperativa de crédito da indústria)
atores externos	universidades públicas (USP São Carlos e Piracicaba, Unesp Jaboticabal) e privadas (Unaerp Ribeirão Preto), governo estadual e federal ⁷⁹ , Escola Técnica (antigo Industrial de Ribeirão Preto), associações empresariais (Fiesp-Ciesp ⁸⁰)
governo	Prefeitura Municipal de Sertãozinho (Secretaria da Indústria e Comércio) e Governo Federal (Ministério de Ciência e Tecnologia e Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior)
Org. Reinaldo Tronto, com dados de IBGE, Seade, Sebrae, CEISE, Prefeitura Municipal de Sertãozinho, entrevistas e levantamento bibliográfico.	

⁷⁶ IBGE – cidades@. Acesso em 06/07/2008.

⁷⁷ CEISE – Centro das Empresas e Indústrias de Sertãozinho e Região; o CEISE Br foi criado em 2007 com o objetivo de aumentar a área de atuação da instituição, de escala regional, para escala nacional.

⁷⁸ O Sistema compreende: Copercana (Cooperativa dos Plantadores de Cana do Oeste do Estado de São Paulo), Canaoeste (Associação dos Plantadores de Cana do Oeste do Estado de São Paulo) e Cocred (Cooperativa de Crédito).

⁷⁹ Vários atores locais participaram de governos no estado de São Paulo e mesmo Governo Federal: Maurílio Biagi é membro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (governo Lula) e foi membro do Conselho Estadual de Meio Ambiente (governo estadual Mário Covas).

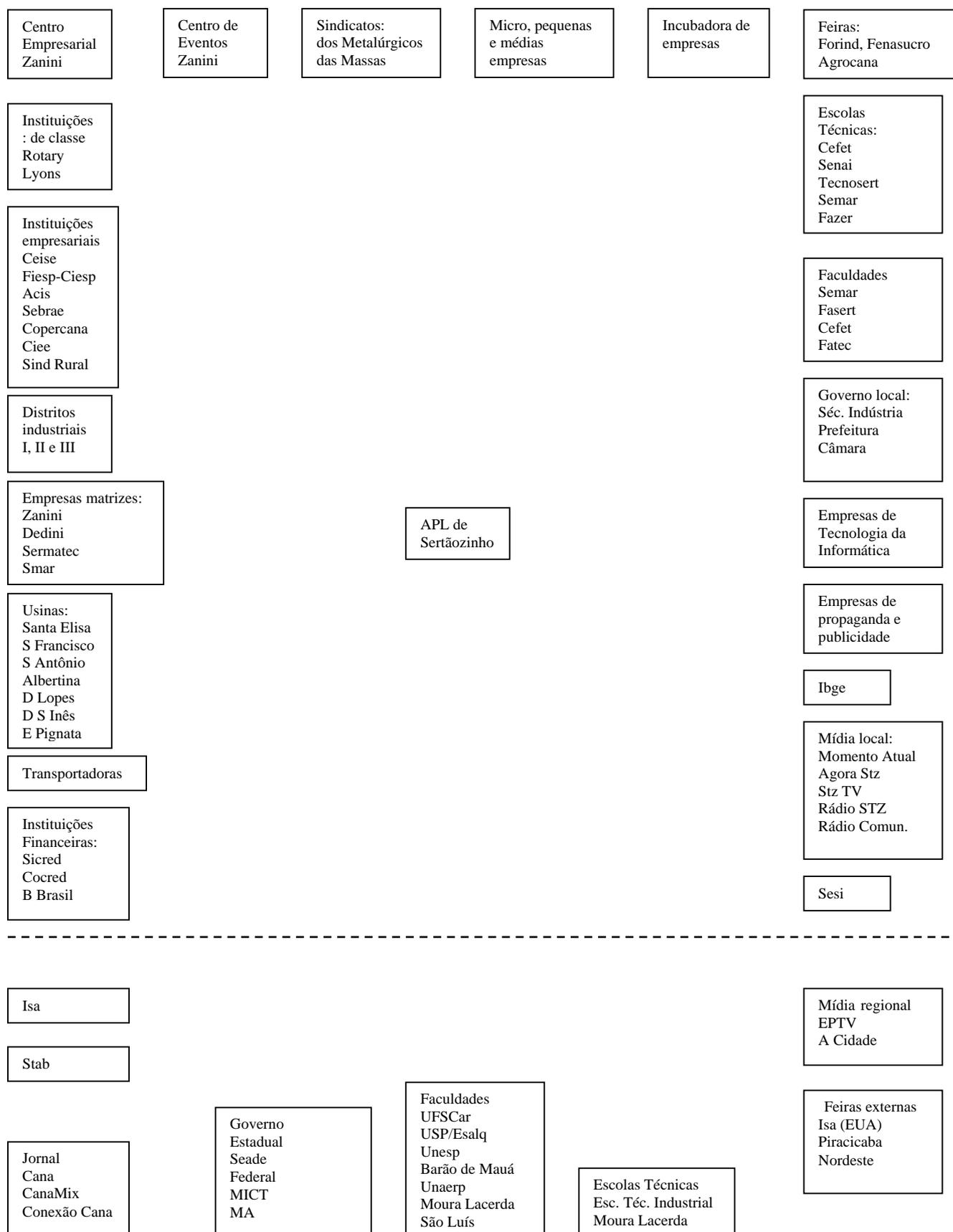
⁸⁰ Carlos Liboni (Smar) foi vice-presidente do sistema Fiesp-Ciesp na década de 1990.

A figura anterior apresenta instituições e eventos locais produtores dessa condição que podem levar ao desenvolvimento de um APL maduro. É importante observar a parceria com instituições externas, a participação em entidades de nível nacional e internacional e a participação / representação do município em instâncias dos atuais governos estadual e federal.

Em Sertãozinho, esse papel ativador foi responsabilidade, durante décadas, da Zanini Equipamentos Pesados. Atualmente, esse papel é dividido entre empresas como Dedini (filial da matriz de Piracicaba), Smar, TGM e Sermatec, além das instituições que as representam. O que se percebe, historicamente, é a predominância de empresas domésticas, inclusive entre as empresas-líderes. Enfim, afirma Porter:

A prosperidade de uma certa localidade depende da produtividade das atividades escolhidas pelas empresas nela atuantes. Essa produtividade determina os níveis salariais e o potencial de lucros sustentáveis. As empresas nacionais e estrangeiras contribuem para a prosperidade com base na produtividade de suas próprias atividades. A presença de sofisticadas empresas estrangeiras muitas vezes aumenta a produtividade das empresas domésticas e vice-versa. (PORTER, 1999, p. 222)

Figura 6.2 – Atores locais e externos do APL potencial de Sertãozinho



Acreditamos que as condições territoriais de Sertãozinho e o sistema produtivo existente em sua aglomeração de MPMEs, as quais tentamos aqui apresentar, apontam para a formação de um arranjo produtivo local. Na edição da Forind 2008, o presidente e os diretores do CeiseBr e do Ceise apresentaram o Projeto Metaltec do Sebrae–Fiesp de apoio às empresas mecânicas como um protótipo de um projeto para a constituição de um APL institucionalizado e coordenado pelo Centro das Indústrias de Sertãozinho e Região.

Considerações finais

O objetivo principal deste trabalho buscou compreender a interação entre espaço e cultura no município de Sertãozinho-SP. Partimos da análise da formação desse município (Capítulo 1) dando ênfase a uma periodização que proporcionasse um entendimento dos diferentes arranjos espaciais, políticos, culturais, sociais e econômicos e que, dessa forma, pudéssemos entender como se deu os processos que conduziram a formação atual.

A formação de Sertãozinho, portanto, se deu a partir da formação da região Ribeirão Preto em diferentes contextos: da ocupação inicial e rarefeita a ocupação intensiva pelo café, do curto período de minifundiarização e policultura a ocupação intensiva da cana-de-açúcar, da industrialização e agroindustrialização à crise sucroalcooleira e reestruturação do parque industrial local – formação de um sistema de micros, pequenas e médias empresas (MPMEs).

Em seguida analisamos a especialização produtiva da região de Ribeirão Preto para compreendermos a inserção de Sertãozinho na Divisão Regional do Trabalho (Capítulo 2). O município, com uma economia altamente industrializada, apresenta uma participação na economia regional com destaque para a indústria metal-mecânica, agroindustrial e de equipamentos e implementos agrícolas – todos especializados no setor sucroalcooleiro.

Essa inserção efetiva na economia regional é reforçada pela realização de importantes feiras do setor sucroalcooleiro em Sertãozinho – Fenasucro, Agrocana e Forind –, eventos que tem escala nacional e internacional e que extrapola a inserção desse município e de suas empresas no território canavieiro brasileiro e mundial.

Na seqüência, analisamos a produção de uma cultura territorializada de Sertãozinho (Capítulo 3). Essa cultura produzida ideologicamente pela burguesia local – empresários industriais e agroindustriais – busca criar uma identidade induzida – produzida hegemonicamente pela elite local – que busca tornar esse sistema ideológico ou essa visão social de mundo⁸¹ hegemônicos localmente segundo os interesses da classe que o produz.

Na análise desse sistema ideológico local encontramos dois pilares fundamentais e interdependentes: a ideologia do território local e a ideologia do trabalho.

A imagem do território Sertãozinho tem sido trabalhada cuidadosamente pela elite local com vista a amarrar alguns “valores” ideológicos ao território: desenvolvimento, crescimento, modernização, industrialização, polo, centro, capital. Os dois objetivos

⁸¹ Ver Michael Löwy. Ideologias e ciências sociais: elementos para uma análise marxista. 10ª edição. São Paulo: Cortez, 1995.

principais dessa imagem produzida hegemonicamente pela burguesia local são: criar essa imagem internamente para criar um sentimento de orgulho, por um lado, e de co-participação, por outro. Dessa forma, através do orgulho do território onde se vive, trabalhadores e pequenos empresários se doam sem limites ao projeto local – da burguesia local – que pode ser o próprio município ou a empresa onde se trabalha. Com a co-participação cria-se o sentimento de ser parte desse projeto de sucesso, de dar a sua parte e a sua contribuição, de ser responsável pelo “sucesso” de Sertãozinho ou da empresa onde se trabalha.

Por outro lado, um outro objetivo de trabalhar a imagem de Sertãozinho é o de “vender” externamente a imagem de um território forte, competente, em crescimento e desenvolvimento, competitivo, seguro. Essa imagem do território sertanezinho é automaticamente associado a imagem das empresas aí instaladas e dessa forma é possível abrir mercados externos (nacional e internacional) para as empresas aí instalados e para os produtos que aí elas fabricam.

Na questão que se refere ao trabalho (Capítulo 4), encontramos três traços ideológicos muito bem trabalhados pela elite sertanezina com vista a manipulação da classe trabalhadora: a motivação empreendedora dos antigos trabalhadores, a lealdade e cooperação dos trabalhadores para a empresa e a sociabilidade entre trabalhador e patrão que se sobrepõe as diferenças e contradições entre classes sociais.

Dessa forma, por um lado, os trabalhadores não se veem como classe, e por outro, eles se confundem com os empresários no que se refere as aspirações enquanto classe. O resultado é um baixo tensionamento entre classes sociais, ou melhor, um enfraquecimento político da classe operária e a inexistência de uma ideologia de fato consistente por parte dos trabalhadores.

Portanto, por um lado, entendemos o sistema ideológico hegemônico – se assim podemos denominar – ou a ideologia burguesa na concepção de Mannhein que defende que “a ideologia é o conjunto das concepções, idéias, representações, teorias, que se orientam para a estabilização, ou legitimação, ou reprodução, da ordem estabelecida. É o que vemos em Sertãozinho através da análise da ideologia burguesa “hegemônica” concordamos também com a concepção de Marx para a ideologia segundo “ilusão, falsa consciência, concepção idealista na qual a realidade é invertida e as ideias aparecem como motor da vida real” ou ainda “se refere à consciência deformada da realidade que se dá através da ideologia dominante: as ideias das classes dominantes são as ideologias dominantes na sociedade (LÖWY, 1995, p. 12). Se analisarmos os objetivos da burguesia ao produzir sua ideologia, a visão de Marx se enquadra perfeitamente.

Infelizmente, em Sertãozinho, não se vê uma disputa ideológica estabelecida entre classes sociais e, nesse sentido, o projeto ideológico burguês obtém sucesso, enquanto a concepção de Lênin de que existem ideologias burguesas e proletárias parece difícil de se “aplicar” em Sertãozinho na atualidade. Não que não exista localmente ideologias operárias, mas ideologias operárias contestadoras, efetivamente críticas de sua condição de classe, libertárias, não são encontradas na atualidade.

Essa ideologia operária como utopia (Löwy, 1995) talvez tenha ocorrido no movimento operário sertanezinho da década de 1980, ou ainda deve se constituir futuramente. Na atualidade não existe, já que, como já foi afirmado, grande parte das aspirações dos trabalhadores se constituem nas aspirações da burguesia: num sentido mais geral, progresso, desenvolvimento e crescimento econômicos, industrialização, modernização; num sentido mais individual, a casa, o carro, a roupa de marca, as festas e os locais de consumo.

Nesse sentido, a categoria de Löwy de “visão social de mundo” é bastante adequada para entender o sistema ideológico sertanezinho. Para esse autor, “visões sociais de mundo seriam, portanto, todos aqueles conjuntos estruturados de valores, representações, ideias e orientações cognitivas” (LÖWY, 1995, p.13). Ainda segundo Löwy, “as visões sociais de mundo poderiam ser de dois tipos: visões ideológicas, quando servissem para legitimar, justificar, defender ou manter a ordem social do mundo; visões sociais utópicas, quando tivessem uma visão crítica, negativa, subversiva, quando apontasse para uma realidade ainda não existente” (LÖWY, 1995, p.14).

De fato, o que se tem em Sertãozinho, são visões sociais de mundo e não visões utópicas do mundo. O sistema ideológico criado pela burguesia e sua forma de “catequizar” seguidores limita as possibilidades de desenvolvimento das visões sociais utópicas. Na verdade, a visão social de mundo tem também por objetivo dificultar o desenvolvimento das visões sociais utópicas.

Mas percebemos que na atualidade começa a se desenhar um certo esgotamento das visões sociais de mundo hegemônicas (da burguesia). Percebe-se que alguns trabalhadores, desempregados e excluídos do projeto local começam a demonstrar certa insatisfação, resistência e crítica. O problema é que esse movimento é desarticulado e individualizado. Mas o crescimento do número de resistências críticas e de esgotamento da visão social de mundo burguesa apontam para um novo período histórico com possibilidades reais da constituição de fato de uma visão social utópica (Löwy) ou de uma ideologia proletária (Lênin).

Talvez, desde o movimento operário da década de 1980, que não se presenciava em Sertãozinho um terreno tão fértil para as contraposições ao projeto da burguesia local. Essa

condição se dá pela existência de contradições, por um lado, dentro da visão social de mundo da burguesia, e, por outro lado, pelo fortalecimento das contradições entre essa ideologia e as outras ideologias que estão se fortalecendo.

De fato, essa pesquisa procurou entender como a ideologia/visão social de mundo se relaciona com o conjunto da vida social e da formação de Sertãozinho: o política, o social, o cultural, o econômico e o espaço. Percebemos que a formação de Sertãozinho ocorreu historicamente e ocorre na atualidade – formação de um Arranjo Produtivo Local (Capítulos 5 e 6) – de formas arbitrária, autoritária e excludente, ou seja, quase nada democrática. Nesse processo, as minorias étnicas, as classes proletárias e os micros e pequenos empresários tem, ainda, sido subordinados à visão social de mundo ou ideologia hegemônicas.

Finalizando, muitas foram as questões aqui não respondidas ou não esgotadas. Por um lado porque não estavam entre os objetivos propostos para essa pesquisa, por outro, pelas limitações impostas ao desenvolvimento dessa pesquisa, e, ainda, pela necessidade de aprofundamento que poderá ser trabalhado em pesquisas futuras.

Anexo 1

Ao inaugurar o Centro Empresarial Zanini, nas antigas instalações da Zanini S/A Equipamentos Pesados, nos faz necessária uma reflexão: um resgate sobre a importância destes prédios, deste lugar especial e desta marca que se mistura com a própria história de Sertãozinho

Na verdade, não é por acaso que este novo empreendimento carrega consigo o nome Zanini. Como não chamá-lo assim? Será que ele poderia ter outro nome? Não.

Pois o Centro empresarial Zanini nasceu assim como a pequena Oficina Zanini, na Rua Sebastião Sampaio naquele agosto de 1950. De um sonho.

*Um sonho empreendedor.
De dois homens. Dois trabalhadores. Dois imigrantes.
Um sonho de desenvolvimento, de vontade de ver nossa*

*cidade gerando negócios e renda.
Um sonho de ver o nosso país com uma economia forte e
Independente*

*Um sonho com nome: Maurílio.
E sobrenome: Zanini*

Há pouco mais de 50 anos atrás era Oficina Zanini. Depois, Zanini S/A. Ou somente Zanini, como quiser. Como aprendemos a querer. Querer bem. A querida Zanini. Mãe da maioria das grandes e pequenas empresas e indústrias de nossa cidade e outras tantas da região. A empresa modelo. Que acolheu tantos filhos que

*chegava de todos os cantos do país e do mundo.
E gerou outros tantos filhos, que formaram suas famílias, suas empresas.
Zanini é mais que um nome ou sobrenome. É uma marca.
A marca da força, do desenvolvimento e do*

empreendedorismo de Sertãozinho.

E sempre estive no centro dos negócios fazendo parte da própria história de sucesso da nossa cidade.

Zanini é sinônimo de desenvolvimento, de sonho realizado com coragem e visão do futuro.

De arrojo, persistência e responsabilidade.

Acima de tudo, Zanini é sinônimo de trabalho.

Zanini também é emoção. É sentimento bom que mora para sempre no coração de todos nós.

É Bom Dia, Boa Tarde e Boa Noite Também. De gente que sonhou o sonho sonhado por todos. Que nasceu, cresceu e venceu com ela.

Zanini é família. É vida e renuncia de tantos para prosperar

junto com o nosso Brasil.

É reunião em torno do consenso, do bem comum.

Em torno da mesa do terceiro andar.

É fé nas novas tecnologias, no avanço.

É a aposta nas turbinas Atlas-Zanini, que não queria pegar.

Mas, que acabou pegando em todas as partes do país.

Ontem mesmo, a Zanini era criança pequena. Que ganhou colo, cuidados, amor, apoio nas horas difíceis

Reconhecimento nos momentos felizes.

E que foram muitos.

A marca Zanini não está só no nome do Centro

Empresarial. Mas em tudo que faz parte dele.

E, principalmente, no ideal que projetou este novo sonho: o investimento na geração de negócios para Sertãozinho e toda região.

O Centro Empresarial Zanini é um ousado projeto de Reocupação imobiliária. Um empreendimento único

realizado pela Construcity, de Sertãozinho, em tempo recorde com a utilização das mais modernas tecnologias e planejamento totalmente integrado.

Com um conceito novo de negócios, formado inicialmente

por dois prédios, de escritórios e de serviços, o Centro Empresarial Zanini dispõem de completa infra-estrutura de um Bussiness Center e uma grande preocupação com a

qualidade de vida, dentro e fora dos prédios.

Mas o Centro Empresarial Zanini é ainda muito mais e faz parte de um bussiness plan muito maior. Ele é o início de um projeto ambicioso que também já é uma realidade: a CINEP, Cidade Industrial e Empresarial.

Seja bem-vindo ao Centro Empresarial Zanini. Bem-vindo aos bons negócios.

Sempre que você escuta, fala, pensa ou lê esta marca, esta Zanini, você está pensando como o Seu Maurílio.

Pra frente. Para o Brasil. Para Sertãozinho.

Sempre que você ouvir falar do Centro Empresarial Zanini pode saber: ali tem o Seu Maurílio.

Sua força, sua convicção. Sua luta pelo nosso crescimento. Seu sonho.

Tem Seu Maurílio em cada nova oportunidade que surge.

Em cada nova empresa que chega. Em cada aperto de mão de negócio fechado.

Seu Maurílio esta no nosso ideal de desenvolvimento.

De liderança.

E com ele, nós aprendemos que mais importante que realizar o sonho é saber vivê-lo.

Ontem, hoje e sempre.

Reprodução do texto apresentado no material de divulgação do lançamento do Centro Empresarial Zanini em 2004: *Zanini. Ontem. Hoje. Sempre.*

Bibliografia

- ALDANA, H. C. Haciendo geografia en la escuela. In *Boletim Paulista de Geografia*. Formação de Professores. n° 86. São Paulo: jul. 2007. (137-176).
- ANDRADE, M. C. *Geografia econômica*. 8ª ed. São Paulo: Ed. Atlas, 1986.
- _____. *Modernização e pobreza: expansão da agroindústria canavieira e seu impacto ecológico e social*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- BARRIOS, S. A produção do espaço. In *A construção do espaço*. Orgs. SOUZA, M. A. e SANTOS, M. São Paulo: Nobel, 1986. (Coleção espaços).
- BENKO, G. *Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Hucitec, 1996.
- BERNADELLI, M. L. F. da H. O caráter urbano das pequenas cidades da região canavieira de Catanduva-SP. In *Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural*. SPOSITO, M. E. B.; WHITAKER, A. M.1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. CORREA, R.L.; ROSENDHAL, Z. *Paisagem, tempo e cultura*. 2.ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.
- BIAGI, Luiz L. *A família Biagi: os primeiros cem anos 1888-1988*. São Paulo: Laserprint Editorial, 1987.
- BOURDIN, A. *A questão local*. Trad. de Orlando dos Santos Reis. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- BRANDÃO, C. A. Teorias, estratégias e políticas regionais e urbanas recentes: anotações para uma agenda do desenvolvimento territorializado. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*. Curitiba, n.107, p.57-76, jul./dez. 2005.
- BRAY, S. C. A política do Instituto do Açúcar e do Álcool na década de 70 e seus reflexos na área canavieira do Vale do Paranapanema. *Boletim Paulista de Geografia*. n. 61. São Paulo, 1984.
- CANCLINI, N. G. *Consumidores e cidadãos; conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1995.
- CASQUEL JR, J. M. *A concepção de modernização organizacional pelos gestores das indústrias metalúrgicas de Sertãozinho-SP*. Dissertação de mestrado apresentada no Departamento de Administração da FEA. São Paulo: USP, 1999.
- CASTELLS, M. *La cuestión urbana*. Madrid: Siglo Veintiuno Editores, 1974.

- CEISE-CIESP. *Anuário da indústria: Sertãozinho e região*. 2005.
- CHAUÌ, M. *O que é ideologia*. 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. (Coleção Primeiros Passos 13).
- _____. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2003.
- CHESNAUX, F. *Modernidade-mundo*. Trad. de João da Cruz. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1989.
- CORRÊA, R. L. *Região e organização espacial*. São Paulo: Editora Ática, 1986. (Série Princípios 53).
- COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. CORREA, R. L.; ROSENDHAL, Z. *Paisagem, tempo e cultura*. 2.ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.
- ELIAS, D. *Meio técnico-científico-informacional e urbanização na região de Ribeirão Preto (SP)*. Tese de doutoramento. São Paulo: USP, 1996.
- ENDERLE, R. A.; CÁRIO, S. A. F.; NICOLAU, J. A. Estudo do arranjo produtivo local madeireiro do Vale do Iguazu (PR/SC). *Revista Paranaense de Planejamento*. Curitiba, n. 108, p. 113-141, jan./jun. 2005.
- FRANCA, G. C. *O trabalho no espaço da fábrica: um estudo da General Motors em São José dos Campos (SP)*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- FURLAN JR., Antônio. *Documento histórico de Sertãozinho: 1896-1956*. Sertãozinho: edição do autor, 1957.
- GRAMSCI, A. *Obras escolhidas*. Trad. Manuel Cruz. São Paulo: Martins Fontes, 1978 (Coleção novas direções).
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HASSE, Geraldo. *Filhos do fogo: memória industrial de Sertãozinho*. São Paulo: Céu e Terra, 1996.
- IANNI, O. *A classe operária vai ao campo*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense/Cebrap, 1977.
- _____. *Teorias da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- KAHIL, S. P. *Unidade e diversidade do mundo contemporâneo. Holambra: a existência do mundo no lugar*. Tese de doutoramento. São Paulo: USP-FFLCH, 1997.
- LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. Trad. de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

- MACCIOCCHI, M. A. *A favor de Gramsci*. Trad. Angelina Peralva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- MARCUSE, H. *A ideologia da sociedade industrial. O homem unidimensional*. Trad. Giasone Rebuá. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.
- MARTINS, J. de S. *Conde Matarazzo, o empresário e a empresa: estudo de sociologia do desenvolvimento*. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1973.
- MICELI, Paulo C. *Era uma vez em Sertãozinho... Certas histórias de uma história que é a do trabalho: pessoas, fatos e feitos*. São Paulo: Nobel, 1984.
- MONBEIG, P. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. Trad. Ary França e Raul de Andrade e Silva – São Paulo: Hucitec/Polis, 1984.
- MORAES, A. C. R. *Geografia: pequena história crítica*. São Paulo: Hucitec, 1981.
- _____ *Historicidade, consciência e construção do espaço: notas para um debate*. In *A construção do espaço*. Orgs. SOUZA, M. A. e SANTOS, M. São Paulo: Nobel, 1986. (Coleção espaços).
- _____ *Ideologias geográficas: espaço, cultura e política no Brasil*. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1996.
- MOREIRA, R. *O movimento operário e a questão cidade-campo no Brasil: estudo sobre sociedade e espaço*. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 1985.
- OLIVEIRA, P. S. de. *Introdução à sociologia*. 25.ed. 1ª imp. São Paulo: Ática, 2004.
- PIRES, E. L. S. *Mutações econômicas e dinâmicas territoriais locais: delineamento preliminar dos aspectos conceituais e morfológicos*. SPOSITO et al. (org). *Cidades médias: produção do espaço urbano e regional*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- _____ *Os arranjos produtivos locais no estado de São Paulo: agentes, territórios, competitividade e desenvolvimento*. Projeto para o BNDES, no prelo, sem data.
- PIRES, E. L. S., MENDES, A., NEDER, R. T., VERDI, A. R., MENDES, E. L. M. *Atlas da competitividade dos arranjos produtivos locais no estado de São Paulo*. Projeto de pesquisa, versão preliminar. CEAPLA-IBGE-UNESP, sem data.
- PORTELLI, H. *Gramsci e o bloco histórico*. Trad. Angelina Peralva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977 (Coleção pensamento crítico, v. 7).
- PORTER, M. E. *Aglomerados e competição. Novas agendas para empresas, governos e instituições (Capítulo 7)*. In. PORTER, M. E. *Competição. Estratégias competitivas essenciais*. 12.ed. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- PRADO JR., C. *História econômica do Brasil*. 45ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 1998.

- QUEDA, O. A intervenção do Estado e a agroindústria açucareira paulista. Tese de doutoramento Esalq-USP. Piracicaba, 1972.
- RAMOS, D. A. R. A composição orgânica do capital e seus efeitos sobre a mobilidade da força de trabalho assalariada no setor sucroalcooleiro no município de Sertãozinho-SP. *Revista Pegada*. Vol. 7. n.2. Novembro de 2006 (p.43-62).
- RAMOS, P. Um estudo da evolução e da estrutura da agroindústria canavieira no estado de São Paulo. Dissertação de Mestrado EAESP-FGV. São Paulo, 1983.
- SANTOS, A. P. *Reorganização do capital e do trabalho nos anos 1990: o caso da Zanini S. A. Equipamentos Pesados de Sertãozinho*. Projeto para a dissertação de mestrado. Campinas: Unicamp, 2005.
- _____ *A usinagem do capital e o desmonte do trabalho: reestruturação produtiva nos anos 90, o caso da Zanini S/A de Sertãozinho-SP*. Dissertação de Mestrado. Unicamp. Campinas, 2007.
- SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. *Boletim Paulista de Geografia n. 54*: São Paulo, 1977.
- _____ *Pobreza urbana*. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1979. (Coleção Estudos Urbanos).
- _____ *Espaço e método*. 4.ed. São Paulo: Nobel, 1997. (Coleção Espaços).
- _____ *Natureza do espaço: espaço e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- _____ *O espaço do cidadão*. 5.ed. São Paulo: Studio Nobel, 2000. (Coleção espaços).
- _____ *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SARTI, S. M. (org.). *Sertãozinho: energia, fé e trabalho*. 1.ed. São Paulo: Noovha América, 2007.
- SEBRAE. *Sertãozinho: diagnóstico de potenciais econômicos*. São Paulo: Sebrae, 1995.
- _____ *Termo de referência para atuação do sistema SEBRAE em arranjos produtivos locais*. Sebrae, julho de 2003.
- _____ *Inteligência comercial para arranjos produtivos locais: unidade de acesso a mercados*. Sebrae, vol. 1, 2004.
- SILVA, A. C. *O espaço fora do lugar*. São Paulo: Hucitec, 1978.
- _____ *De quem é o pedaço? Espaço e cultura*. São Paulo: Hucitec, 1986.
- _____ *Geografia e lugar social*. São Paulo: Contexto, 1991. (Caminhos da Geografia).
- SINGER, P. *A formação da classe operária*. 5.ed. São Paulo: Atual; Campinas-SP: Editora da Universidade de Campinas, 1988. (Discutindo a História).
- SOUZA, S. M. R. de. *Um outro olhar: filosofia*. São Paulo: FTD, 1995.

THOMAZ JR, A. Trabalho, agronegócio e gestão territorial do capital na agroindústria sucroalcooleira. Revista *Pegada*, vol. 6, número 2, novembro de 2005. Presidente Prudente.

TORCATO, A. Sertãozinho no contexto do etanol. SISTEMA COPERCANA, CANAOESTE E COCRED. Revista *Canavieiros*. Maio de 2008, ed. 23. Ribeirão Preto: São Francisco Gráfica e Editora, 2008.

TRONTO, R. *Globalização e transformações no lugar: a espacialização produtiva de Sertãozinho-SP*. Trabalho de Conclusão de Curso. Bacharelado e Licenciatura em Geografia. Rio Claro: Unesp, 2001.

VAZ, M. T. N. Desenvolvimento regional e inovação empresarial: o impacto do desenvolvimento local nos determinantes. *Revista Paranaense de Desenvolvimento* Curitiba, n. 108, p.7-24, jan./jun. 2005.

Arquivos eletrônicos

Páginas eletrônicas:

<<http://www.al.sp.gov.br>> Acesso em: 13/06/2006.

<<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: 15/05/2007.

<<http://www.rc.unesp.br/desterritorial>> Acesso em: 20/06/2006.

<<http://www.seade.gov.br>> Acesso em: 15/05/2007 e 05/05/2007.

<<http://www.sertãozinho.gov.br>> Acesso em: 15/05/06 e 02/07/2007.

CD's

CIESP-CEISE e VHP3m. *Memorial Zanini: Zanini de todos e de todos os tempos*. Ciesp-Ceise/VHP3m Comunicação: Sertãozinho, 2002.

Filme em DVD

CHAPLIN, Charles. *Tempos modernos*.